

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FERNANDO SILVA E SILVA

ENTRE SAUSSURE E BENVENISTE:  
REFLEXÕES SOBRE UMA OUTRA LINGUÍSTICA

PORTO ALEGRE

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO

ENTRE SAUSSURE E BENVENISTE:  
REFLEXÕES SOBRE UMA OUTRA LINGUÍSTICA

FERNANDO SILVA E SILVA  
ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. FLORENCE CARBONI

Dissertação de Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2015

### CIP - Catalogação na Publicação

Silva e Silva, Fernando

Entre Saussure e Benveniste: reflexões sobre uma  
outra linguística / Fernando Silva e Silva. -- 2015.  
151 f.

Orientadora: Florence Carboni.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Ferdinand de Saussure. 2. Émile Benveniste. 3.  
Epistemologia. 4. Linguística. I. Carboni, Florence,  
orient. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico esse fruto de enorme esforço e agradeço:

Aos meus pais, Walter e Lucia, por tudo que fizeram e fazem por mim.

À minha família.

Aos meus amigos.

À APPH, pelas experiências.

Aos meus alunos, pelos desafios.

Ao Vítor, meu interlocutor.

À Caroline, que é tudo e mais.

Também agradeço aos professores do PPG em Letras da UFRGS pelo aprendizado e acolhimento, à minha orientadora pela leitura do trabalho e à CAPES pelo financiamento desse período de estudo, pesquisa e escrita.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo central abordar as condições de elaboração de um novo saber, linguístico, antropológico e filosófico, a partir de uma matriz saussuriana-benvenistiana. Para tal, ela se desenvolve em uma argumentação dividida em duas partes. A primeira parte, intitulada *Territórios*, contém um estudo histórico-epistemológico da sedimentação de interpretações sobre as obras de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Se mostra com destaque, ainda que não exclusivamente, as apropriações estruturalistas da tradição saussuriana. Se explora, também, como as categorias de análise impostas a Saussure influenciaram as críticas dirigidas a Benveniste. Finalmente, traça-se também um breve histórico da consolidação, institucionalização e eventual enfraquecimento do domínio da linguística da enunciação. A segunda parte se chama *Investigações* e, nela, realiza-se um esforço criativo dentro dos projetos epistemológicos de Saussure e Benveniste em busca de elementos para repensar a constituição da metafísica da linguagem. Há dois capítulos nessa parte. O primeiro se ocupa da teoria saussuriana, com ênfase nos conceitos de analogia e virtualidade, mas passando pela maioria de seus conceitos essenciais. O segundo trata da teoria benvenistiana, mais especialmente do cruzamento do linguístico e do antropológico na composição da metafísica que sustenta seu pensamento. Nas considerações finais apresento caminhos abertos pelos estudos realizados na dissertação.

Palavras-chave: Humano, linguagem, cultura, antropologia, epistemologia.

## RÉSUMÉ

Dans ce travail, il s'agit des conditions d'élaboration d'un nouveau savoir linguistique, anthropologique et philosophique à partir d'une matrice saussurienne-benvenistienne. Pour le faire, on développe une argumentation à deux niveaux. La première partie, *Territoires*, contient une étude historico-épistémologique de la sédimentation des interprétations des œuvres de Ferdinand de Saussure et Émile Benveniste. On donne du relief principalement, mais pas exclusivement, aux appropriations structuralistes de la tradition saussurienne. On explore, en outre, comment les catégories d'analyse imposées à Saussure ont influencé les critiques dirigées à Benveniste. Finalement, on ébauche une histoire de la consolidation, institutionnalisation et affaiblissement du domaine de la linguistique de l'énonciation. La deuxième partie s'appelle *Investigations* et on y mène un effort créatif dans les projets épistémologiques de Saussure et Benveniste à la recherche d'éléments pour repenser la constitution de la métaphysique du langage. Cette partie a deux chapitres. Le premier s'occupe de la théorie saussurienne et met l'accent sur les concepts d'analogie et virtualité. On passe aussi par la majorité de ses concepts essentiels. Dans le deuxième chapitre, il s'agit de la théorie benvenistienne, plus spécialement le croisement du linguistique et du anthropologique dans la composition de la métaphysique qui soutient sa pensée. Dans les considérations finales, je présente des voies ouvertes par les études réalisées dans ce travail-ci.

Mots-clés : Humain, langage, culture, anthropologie, épistémologie.

## SUMÁRIO

<b>Preâmbulo .....</b>	<b>7</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>I TERRITÓRIOS.....</b>	<b>15</b>
1 Dois Benveniste? .....	19
2 O Saussure dos estruturalistas .....	35
3 Os saussurismos de Benveniste .....	63
4 Benveniste e a teoria da enunciação .....	81
<b>II Investigações .....</b>	<b>97</b>
5 Saussure e uma linguística do virtual .....	101
6 Um benvenistianismo por vir .....	115
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>139</b>
<b>Referências .....</b>	<b>143</b>

Et chaque fois  
que la parole déploie  
l'événement,  
chaque fois le monde recommence.

Émile Benveniste, *Coup d'oeil sur le développement de la linguistique*



## PREÂMBULO

Comment faire pour écrire autrement que sur ce qu'on ne sait pas, ou ce qu'on sait mal? C'est là-dessus nécessairement qu'on imagine avoir quelque chose à dire. On n'écrit qu'à la pointe de son savoir, à cette pointe extrême qui sépare notre savoir et notre ignorance, *et qui fait passer l'un dans l'autre.*

Gilles Deleuze, *Différence et répétition*

Este é um trabalho sobre Émile Benveniste. Mais um. Mas talvez fosse mais preciso dizer que este é um texto que passa por Émile Benveniste, assim como por Ferdinand de Saussure, como uma parada inevitável em uma jornada que, no entanto, pretende chegar alhures.

Estendo a metáfora, com a ressalva de Henri Meschonnic sempre em mente “on n’entre impunément dans aucune métaphore” (1973, p. 93); quero tomar aqui as obras de Benveniste e Saussure como *terra incognita*, terras não exploradas. Não de todo, é claro, pois há territórios nelas historicamente já instituídos, com suas fronteiras delimitadas – e, como todo bom Estado, policiadas. Tal delimitação, porém, tão clara em alguns pontos (ainda que sempre em disputa, posto que fronteiro), só pode intensificar a mistificação dos territórios desconhecidos, nos quais não temos ainda os recursos para navegar. Se nós encontramos, e por nós quero dizer representantes de diversas áreas das ciências nos séculos XX e XXI, terreno tão fértil em uma pequena parte desse vasto território, por que o resto parece despertar tão pouca curiosidade? Esse é um dos problemas que me interessa.

Este trabalho, assim se deseja, é escrito *com* esses autores e não *sobre* eles. Isto é, eles são parceiros na construção de um pensamento por vir. Ainda que seja uma outra abordagem possível, e já tenha mostrado seus frutos através das pesquisas de diferentes autores, não me interessa reconstituir a obra dos linguistas, ou, para usar uma categoria mais cara à exegese, seu pensamento *tal qual*, como uma peça de museu, um esqueleto em uma caixa de vidro.

Quero escrever sobre Saussure e Benveniste como quem escreve certo tipo de ficção. No prefácio de *Diferença e repetição*, Gilles Deleuze recomenda que um livro de filosofia seja um pouco como um romance policial e um pouco como um de ficção-científica (p. 1-3).

Um romance policial em seu procedimento; lembremos do personagem Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle. O detetive acumula informações em quantidades e de naturezas

diferentes para responder a sua pergunta em um agenciamento heterogêneo, alguns grãos de certo tipo de areia na barra de uma calça, o odor de pólvora em um casaco, um pequeno deslize em uma conversa, documentos públicos e um pequeno bilhete esquecido dentro de um livro qualquer. Ao final da investigação, talvez seja possível recontar a história e definir uma pista como decisiva para a produção do fato, mas foi no percurso errante, nesse acúmulo díspar, nessa ficção, que ele se formou<sup>1</sup>. As várias formas de adentrar e criar relações na obra desses linguistas é mais um problema que me interessa.

Ficção-científica, pois explorar, cartografar, já é imaginar futuros, através do presente e da criação de novas relações com o passado (pensemos nas duas relações com o passado sugeridas pelas literaturas *steampunk*<sup>2</sup> e *cyberpunk*<sup>3</sup>, futuros imaginados através de diferentes agoras). Há de se especular, tensionar contradições e sugerir desenvolvimentos para criar algo, mesmo que seja para criar um passado<sup>4</sup>. Pensar um benvenistianismo e um saussurismo na e para a contemporaneidade é também uma questão que me instiga.

Coloca-se aqui um problema da temporalidade do pensamento<sup>5</sup>. Benveniste escreveu, é evidente, no seu presente, condição básica de enunciação, aliás, sobre a qual ele insiste. Para nós, ele está no passado. Mas é um passado criado a partir de nosso presente, ponto de vista de onde é possível sugerir novas linhagens ao pensamento benvenistiano, efetivamente transformando-o, pois a unidade é efeito das relações. Assim, há um passado presente de que pretendo tratar, um pensar sobre Benveniste hoje. Além disso, há também um passado do passado que me interessa, quer dizer, a linhagem intelectual que o próprio Benveniste produzia para si e como se situava em relação a ela; exemplar disso sua relação com a obra de Saussure. Se no presente a leitura de Saussure se transformou, devido ao surgimento dos manuscritos *de l'orangerie*, de uma melhor compreensão do lugar de seus escritos em vida dentro de sua obra etc., por que não fazer com

---

<sup>1</sup> Isso, é certo, não vale exclusivamente para as investigações de Holmes ou para a filosofia enquanto disciplina. Os trabalhos de Bruno Latour (2004 e 2011, por exemplo) e Isabelle Stengers (1997) mostram claramente, ao percorrer os muitos fios necessários para tecer redes que sustentem os objetos que chamamos de naturais, essa transformação das ficções em fatos dentro da ciência.

<sup>2</sup> Gênero de ficção científica que constroi o seu mundo como se a tecnologia da revolução industrial não houvesse sido superada e, assim, se expandido através do mundo. Igualmente, a ideologia da época persiste, transformada.

<sup>3</sup> Gênero de ficção científica que surge no início dos anos 90 que extrapola sobre a revolução digital, imaginando as mais variadas consequências, geralmente negativas e envolvendo a expansão avassaladora do capitalismo corporativo, para a disseminação da internet.

<sup>4</sup> Nesse sentido, Henri Meschonnic foi, de meu conhecimento, o maior ficcionista da obra de Benveniste, levando-a ao novo, sem abandonar uma possível metafísica benvenistianiana. Esse é o assunto do último capítulo.

<sup>5</sup> Sobre a não-linearidade do pensamento filosófico ver DELEUZE & GUATARI, 2010 e sobre as diversas formas de composição do tempo na teoria ver MESCHONNIC, 2006. Ver também *infra* a introdução da parte II

que essa mudança transforme também o benvenistianismo? Esse é o ponto crucial de minha leitura da obra de Benveniste, criar um passado do presente para imaginar outros futuros, à maneira da ficção-científica. Isso só pode ser feito no limite do saber e da ignorância. Em um percurso de risco que termina no limite do elaborável e do que ainda não se sabe dizer.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é abordar as condições de elaboração de um novo saber, linguístico, antropológico e filosófico, a partir de uma matriz saussuriana-benvenistiana.

Primeiramente, é necessário apresentar a estrutura desta dissertação e explicar o modo de usá-la. Ela é composta, em termos de diagramação, de quatro partes: esta parte introdutória, a primeira parte do desenvolvimento, a segunda, e as considerações finais. Mas saber isso não basta para manipulá-la da melhor forma, pois há outras relações que percorrem o trabalho. Os textos introdutórios – este, mais geral, e as introduções das partes do desenvolvimento – e a conclusão formam um quadro teórico que coloca problemas da filosofia e historiografia das ciências, pertinentes, mas não imprescindíveis, para a compreensão e apreciação das duas partes do desenvolvimento; o intuito dessa organização é garantir que o tronco da dissertação não se torne esotérico para o acadêmico dos estudos da linguagem. As duas partes do desenvolvimento compreendem 6 capítulos, 4 na primeira e 2 na segunda. Cada capítulo desenvolve um estudo auto-contido, com premissas e conclusões próprias e, como apontado, evita o vocabulário filosófico, ainda que não despreze os princípios, da introdução e da conclusão. No entanto, os estudos produzem uma série de relações implícitas e explícitas entre si, visando a reforçar a estabilidade tanto das premissas quanto das conclusões. Dessa maneira, apesar da numeração, não há uma ordem fixa de leitura dos capítulos.

As duas partes propõem uma reunião temática dos capítulos. A primeira, intitulada *Territórios*, reúne estudos que tratam, sobretudo, da consolidação de interpretações sobre as obras de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. O primeiro capítulo, *Dois Benveniste?*, aborda as diversas formas como a obra de Benveniste é recortada e classificada, com ênfase na divisão entre linguística histórica e linguística geral (teórica). Mostro como essa cisão é oriunda da crítica saussuriana, que identifica no genebrino essa mesma repartição. Mostro também outras maneiras como as obras de ambos são segmentadas e classificadas e em nome de quê. Finalmente, aponto algumas propostas de diferentes autores para unificar a obra de Benveniste sob um ou outro conceito ou abordagem. O capítulo 2, *O Saussure dos estruturalistas*, aborda como cada um dos autores analisados, a saber, Roman Jakobson, André Martinet, Louis Hjelmslev, Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan e Roland Barthes, forja uma relação idiossincrática com a obra de Ferdinand de Saussure, em especial com o *Curso de linguística*

*geral*, fundando, a cada vez, efetivamente, uma forma de saussurismo. Enfatizo principalmente os momentos de primeiro contato desses autores com Saussure ou situações em que eles buscam reconstruir a constituição da disciplina ou de seus principais conceitos, remontando ao trabalho do genebrino. Ao fim de cada análise, é possível perceber que a maneira como o pensamento de Saussure interessa cada um dos autores é atravessado por outras ordens de fatos de diferentes naturezas, os quais implicam necessariamente uma série de modalizações da sua apropriação. *Os saussurismos de Benveniste*, o terceiro capítulo, trata das várias maneiras como a obra de Benveniste está relacionada, implícita e explicitamente, com a de Saussure. Por ser uma análise mais detalhada do que as do capítulo descrito previamente, não abordo apenas os momentos de primeiro contato do linguista com a obra de Saussure, mas as suas diferentes facetas e a persistência de certos conceitos e temáticas ao longo do tempo. Além disso, trato brevemente da importância dos estudos, e da posição profissional, de Antoine Meillet para Benveniste, focando em sua intermediação de conceitos saussurianos e sua reflexão sobre o caráter social da língua. O último capítulo da parte I é *Benveniste e a teoria da enunciação*. Nele, trato em maiores detalhes de um tópico abordado marginalmente em *Dois Benveniste?*, a saber, a constituição da linguística da enunciação a partir de uma seleção de textos dos *Problèmes de linguistique générale* e o eventual esgotamento de alguns de seus aspectos, como percebido por diferentes autores. Acompanha-se do início da institucionalização da teoria em 1970 até o questionamento, majoritariamente auto-reflexivo, de seus princípios, o qual conduz a impasses teóricos de diferentes naturezas. Secundariamente, se trata também de perspectivas do estruturalismo e de outras das chamadas “linguísticas do discurso” sobre a reflexão da enunciação.

A parte II, *Investigações*, se ocupa de produzir ficções em torno de Saussure e Benveniste, isto é, reorganizar conceitos e imaginar potenciais. O capítulo 5 se chama *Saussure e uma linguística do virtual* e nele tento conceber uma linguística saussuriana não centrada no conceito de signo e no sistema convertido em estrutura, mas sim em uma língua cuja realidade é formada por um jogo entre atualidade e virtualidade. Nessa concepção, a atividade linguística ocorre na constante operação da analogia e as principais ferramentas do linguista são os conceitos de sintagma e associação. No último capítulo, *Um benvenistianismo por vir*, faço um mesmo esforço criativo em torno da obra de Benveniste, focando-me nos conceitos de homem, linguagem e sociedade, sobre os quais já me debrucei em outra ocasião (cf. 2012). O principal objetivo é postular a continuidade da obra do linguista na forma de uma metafísica que sustente

as diferentes proposições avançadas pelo autor. O núcleo de argumentação do capítulo consiste em apresentar como o trinômio homem-linguagem-sociedade, interligado pelo conceito de intersubjetividade, se articula em diferentes instâncias teóricas e metodológicas. Ao final, dou atenção ainda a algumas articulações possíveis do conceito de cultura em Benveniste com o que foi desenvolvido até então.

As *Considerações finais* propõem uma reflexão sobre o percurso realizado, com ênfase nos dois últimos capítulos. Nela, se lança algumas ideias sobre a interação entre as ficções produzidas sobre Saussure e Benveniste e seu possível papel como instrumento de pesquisa, repassando uma análise feita por Benveniste em *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*.

Em número de páginas dedicadas, como se nota pela divisão dos capítulos acima, trato predominantemente de Émile Benveniste. Porém, para mim, ao menos neste estágio desta reflexão, é impossível não retornar insistente e intensamente às ideias de Ferdinand de Saussure. Há um motivo histórico-epistemológico patente, não há linguística benvenistiana sem o aporte saussuriano, sem suas primeiras intuições e questionamentos. No entanto, há uma razão adicional para essa recorrência aqui. Considero que há um projeto linguístico irrealizado na obra de Saussure, o que busquei delinear com a denominação de linguística do virtual, e me interessa desenvolver a reflexão benvenistiana em relação a essa linguística, entrevista, acredito, por Benveniste em várias de suas interpretações, às vezes apenas implicitamente, do saussurismo.

No restante desta introdução, desejo apresentar mais claramente alguns conceitos fundamentais que recorrem, implícita e explicitamente, nas análises desta dissertação. Como já disse, por vezes minimizo seu uso para não tornar inacessíveis os estudos de cada capítulo, porém não deixa de ser importante apresentar um quadro epistemológico geral em que se insere o tipo de questionamento conduzido aqui.

Para a realização das metas desta dissertação, foi importante a noção de que a criação de conhecimento consiste na (re)composição do que Bruno Latour chama de coletivo (2004), por meio da multiplicação de associações, chamadas por Isabelle Stengers de interesses (1997). Essa concepção não abarca apenas o conhecimento científico, mas o conhecimento humano em geral. Com efeito, se trata de uma metafísica, isto é, uma descrição da composição da realidade. No entanto, para os autores, não se trata de expor as leis de uma única metafísica, mas a descrição dos modos de composição de metafísicas, isto é, de mundos. É assim porque seu entendimento

de metafísica é de matriz antropológica, o que torna essa concepção ainda mais adequada para este trabalho, visto que se deseja, em boa parte, fundamentar antropológicamente a linguística saussuriana-benvenistiana. O coletivo é entendido como o resultado de uma composição colaborativa entre várias atores, humanos e não-humanos; uma metafísica particular. Ele se forma na medida em que atores se agregam em um todo organizado e são, em contrapartida, ressignificados por ele<sup>6</sup>.

As relações que sustentam o todo nós podemos, seguindo Stengers, chamar de interesses. O conceito é baseado em um jogo etimológico, *inter-esse*, isto é, estar entre, e presume que todos os seres que compõem o coletivo estão interligados. À toda ação, toda existência, de um ser se interpõe a ação dos outros, não no sentido de um obstáculo, mas de um caminho. Um simples exemplo cotidiano nos ajuda a entender essa concepção. É impossível, ou melhor, inconcebível, para mim produzir esta dissertação sem que haja uma instituição de ensino à qual eu estou vinculado e que aguarda pela realização desta atividade. É inconcebível a própria ideia de mestrado sem a ideia de progressões de níveis acadêmicos, da formação escolarizada, a história das instituições de ensino. Em outra via, também é impossível fazer isso sem os meios materiais, no caso, um computador, construído a partir de um saber tecnológico específico e comprado em uma loja. Não há lojas sem sistema econômico e assim sucessivamente. O escopo da noção pode parecer exagerado para aos fins deste trabalho, mas é impossível fazer linguística, ou qualquer ciência, sem uma metafísica, seja ela implícita ou explícita e, frequentemente, é no nível de como o coletivo é composto que as diferenças mais cruciais entre uma teoria e outra se apresentam. Por exemplo, a questão da finalidade da linguagem (cf. capítulos 2 e 6), ou a concepção da temporalidade da língua e, por conseguinte, da linguística (cf. capítulo 2 e 5), ou ainda uma concepção do humano como formado na e pela linguagem (cf. capítulo 6); esses são todos problemas que não podem ser resumidos apenas a divergências metodológicas, mas buscam recriar a própria natureza dos objetos em questão.

Para Latour e Stengers, a especificidade do conhecimento científico, do papel da ciência dentro do coletivo, está na produção de objetividade. Não se trata de uma espécie de objetivismo, isto é, de uma filosofia da ciência baseada em uma certa concepção de homem, de linguagem e de mundo que entenda o conhecimento como uma coleção de proposições verdadeiras sobre o

---

<sup>6</sup> Por essa razão, o coletivo também é entendido como o objeto de uma cosmopolítica, uma negociação sobre a composição do cosmos.

mundo, não maculadas pelo subjetivismo. A objetividade de que se fala aqui, é a capacidade do cientista em produzir um tipo especial de ser, dotado de características que possibilitam o fazer científico. Bruno Latour (1987, p. 91-92) enumera sete atividades, ou sete truques, do pesquisador que visam a estabelecer as propriedades de um objeto científico, a saber, (1) *mobilizar*, a capacidade de transportar um estado de coisas, seja um idioma em um tempo e espaço precisos ou o *Big Bang*; (2) *fixar*, a continuidade no espaço-tempo de um certo estado de coisas, no entanto, cada ciência lida com o problema do tempo de uma forma idiossincrática (cf. *infra*, introdução da parte II); (3) *achatar*, tornar o objeto algo que pode ser apresentado em uma folha de papel, um gráfico, um esquema, uma notação, uma fórmula etc.; (4) *variar de escala*, ou seja, fazer de algo infinitamente grande ou infinitamente pequeno algo que pode ser apreendido de um olhar; (5) *recombinar e sobrepor inscrições*, colocar em relação objetos a partir dos modelos, notações etc. elaborados e fazer surgir, criar, novas relações; (6) combinar inscrições e textos, isto é, atuar como porta-voz dos objetos, por meio da descrição das inscrições que os delimitam e, finalmente, (7) *fundir com a matemática*, o que para Latour quer dizer colocar os objetos em relações em novas escalas e/ou extrapolar notações<sup>7</sup>. Não usarei essas sete atividades como categorias *stricto sensu* – até mesmo porque elas não são traços necessários de todo objeto científico, mas sim o resultado de ações concretas executadas por pesquisadores buscando fazer ciência –, mas elas servem para nos mostrar o que se entende aqui por criação de objetividade como principal atividade da ciência.

Para ter maior clareza sobre o conceito de coletivo, de metafísica, usado aqui, é possível traçar um paralelo com a concepção saussuriana da linguagem como a apresento no capítulo 5. Essa aproximação não se dá por acaso, a similaridade das concepções foi o que me motivou a me aprofundar em ambas. O coletivo é como um sistema linguístico. Ele está inscrito temporal e espacialmente e a sua totalidade, como tal, é inapreensível, devido ao jogo em sua constituição entre o atual e o virtual. As unidades desses sistemas, seres ou signos, não possuem qualquer tipo de essência e são definidas apenas pelas associações, ou interesses. Isto é, o objeto teórico, mais propriamente, é a soma das relações e não as unidades, pois “[r]elations are not what is added to a world of meaningless matters of fact, but what are empirically given in the world of experience” (LATOURE, 2008). Não há, no sentido mais ontológico, unidade anterior à relação.

---

<sup>7</sup> A equação da analogia saussuriana, seu alcance sobre todo o sistema linguístico centrada sobre uma única relação entre quatro termos, é um bom exemplo desse tipo de movimento (cf. *infra*, capítulo 5).



# I. Territórios

O objetivo principal desta parte é indicar alguns elementos (históricos, epistemológicos, metafísicos, institucionais, políticos) dos processos de territorialização das obras de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Tomo emprestado o termo territorialização de Gilles Deleuze e Félix Guattari, como concebido, principalmente, em *Mille Plateaux*<sup>8</sup> (1980) e o emprego aqui de forma simplificada. Em linhas gerais, se trata de compreender o território como um conjunto de funções e marcações que produzem um efeito de familiaridade (de estar em casa, diriam também os autores) (BONTA & PROTEVI, 2004, p. 158-159). A territorialização sempre sucede a um processo de desterritorialização, isto é, é sempre a transformação e reconfiguração de um agenciamento anterior, é sempre reterritorialização. A dinâmica entre esses dois processos é constante. Deleuze e Guattari chamam a tentativa de interromper esse processo, ou outros fluxos, de estratificação e seu resultado é o espaço estriado; “[s]triation results from stratification, the overcoding, centralization, hierarchization, binarization, and segmentation of the free movement of signs, particles, bodies, territories, spaces, and so on” (*idem*, p. 151-154).

Dessa maneira, minha intenção com os quatro capítulos da parte *Territórios* é apresentar o trabalho, tanto coletivo quanto individual, de “estriar” as obras de Saussure e Benveniste. Isto é, homogeneizar, segmentar, criar fronteiras e vigiar os fluxos de agenciamentos. A estratificação não é, vale ressaltar, um processo necessariamente negativo; é necessário codificar certos fluxos e agenciamentos para garantir a facilidade de deslocamento de signos, corpos etc. por determinadas rotas. No entanto, o estriamento do espaço, a fixação de certas configurações para os territórios e o interrompimento dos processos de desterritorialização e reterritorialização podem implicar em efeitos que considero negativos<sup>9</sup>:

Striated space is first gridded and delineated, then occupied, by the drawing of rigid lines that compartmentalize reality into segments, all controlled to a greater or lesser extent through a nested hierarchy of centers [...]. [...] striated space, because it is composed of centers, is productive of remoteness, of the entire idea that there are places of more and of less importance. (*idem*, p. 154)

---

<sup>8</sup> Não posso deixar de apontar, ainda que isso não entre em jogo de maneira relevante nesta dissertação, um deslocamento que opero na obra de Deleuze e Guattari. A reflexão dos filósofos empresta ampla e, penso eu, descuidadosamente de uma terminologia hjelmsleviana. Procuro, aqui e alhures, consistentemente evitá-la.

<sup>9</sup> Utilizo aí uma forma pessoal porque o efeito de sobrecodificação pode ser visto como desejável pelas mais diversas entidades. Geralmente, toda instituição ou sujeito que emule o funcionamento do Estado busca a sobrecodificação de todos os fluxos, isto é, o que Deleuze e Guattari chamam de fascismo.

No que diz respeito às obras em questão, mostro nos estudos a seguir como a criação de certos centros produz um estranhamento dos elementos “remotos” e a supercodificação, em sua tentativa de homogeneizar todos os agenciamentos, torna invisível certos processos em que os autores se ocupavam de desterritorializar regiões da linguística e da própria concepção de linguagem. O que se observa, é um estriamento coletivo e contínuo, que ocorre mesmo em nome da ruptura. O estruturalismo se impõe como sobrecodificação, isto é, uma codificação homogeneizante e controladora de fluxos, da obra de Saussure e o anti- e o pós-estruturalismo, em boa parte, dão seguimento à territorialização imposta pelo seu antecessor, utilizando as mesmas rotas, reconhecendo os mesmos centros, mesmo ao dizer se opor a eles. Mais do que isso, e esse é um efeito da estratificação, ao invés da possibilidade de novos agenciamentos, ao lançar os olhos sobre o território fixado se enxerga sempre o Mesmo. Para Deleuze e Guattari, uma representação com fins miméticos e classificatórios de um processo acabado e estável se chama decalque. Também se poderia defini-lo como uma “imagem cristalizada e sem movimento temporal” (NEVES, 2008, p. 6), um fluxo paralisado. Ao decalque se opõe o mapa, um instrumento criativo, o resultado da atividade de cartografar, a qual busca traçar os contornos de processos em continuidade. O mapa é um instrumento valioso, pois:

La carte est ouverte, elle est connectable dans toutes ses dimensions, démontable, renversable, susceptible de recevoir constamment des modifications. Elle peut être déchirée, renversée, s'adapter à des montages de toute nature, être mise en chantier par un individu, un groupe, une formation sociale. (DELEUZE & GUATTARI, 1980, p. 20)

Ou seja, como ferramenta de pesquisa, o mapa permite a continuidade da investigação, os agenciamentos não se encerram uma vez que tenham acontecido, mas se tornam um novo corpo capaz de entrar em novos agenciamentos, ou se decompor ingressando em outros ainda. Para os efeitos de minha incursão a seguir nas diversas entradas possíveis nas obras de Saussure e Benveniste, isso quer dizer um processo tentativo e que busca explicitar os fluxos de seres e interesses, no sentido dado a esses termos na *Introdução*. Por isso, falo constantemente em saussurismos e benvenistianismos. Proponho aqui um uso especializado desse sufixo, que denota linhas (de argumentação, de confecção de conceitos, de interpretação) que são atraídas e repelidas pelas obras de Saussure e Benveniste em diferentes intensidades e velocidades, como se estivessem sob a influência de uma força magnética. O resultado é como uma entidade a parte,

o saussurismo de Roman Jakobson, o benvenistianismo da linguística da enunciação etc. Assim, no capítulo 2 por exemplo, vamos ver que a codificação realizada pelo estruturalismo sobre a obra de Saussure difere para cada autor, devido às diferentes intensidades dos efeitos de atração e repulsão que afetam cada um; no capítulo 3 mostro como Benveniste produz diferentes saussurismos dependendo dos pontos de entrada que elige a cada vez. Me parece que um dos principais erros historiográfico-epistemológicos que cometemos é confundir um agenciamento criativo com um decalque da realidade. Por exemplo, quando o saussurismo de Louis Hjelmslev, idiossincrático e instigante, se torna tão simplesmente Saussure, aos olhos tanto de Hjelmslev quanto dos historiadores da linguística, um fluxo se cristaliza, o mapa vira decalque, o potencial de um agenciamento vira necessidade, a verdade, ou nada.

Em suma, no processo de territorialização, se realizam agenciamentos de corpos e de enunciações, esses dois termos englobam conceitos como sentidos, corpos materiais ou imateriais, espaços, instituições, vocabulários, idiomas, discursos etc. A pragmática, ou esquizoanálise, de Deleuze e Guattari visa a descrever diferentes aspectos de um território: as relações entre diferentes agenciamentos, suas possibilidades de transformação através de movimentos como anexação, separação e refundação, as ligações entre a matéria formatada e o (ainda) amorfo. No trabalho criativo da cartografia, “[o]n ne demandera jamais ce que veut dire un livre, signifié ou signifiant, on se demandera avec quoi il fonctionne, en connexion de quoi il fait ou non passer des intensités, dans quelles multiplicités il introduit et métamorphose la sienne [...]” (DELEUZE & GUATTARI, 1980, p. 10), isto é, meu objetivo aqui é explicitar os agenciamentos de saussurismos e benvenistianismos dentro dos principais campos disciplinares que se apropriaram da obra desses dois linguistas em um contexto da representação do saber como pensada por Christian Puech em três aspectos principais: “rétrospection, délimitation du champ et projection” (PUECH, 1997, parágrafo 5). Isso quer dizer, como as disciplinas produzem para si um passado, limites institucionais no presente e projetam um futuro possível e desejável para seu programa epistemológico.

# 1 DOIS BENVENISTE?

O título deste capítulo retoma aqueles da seção *Dois Saussures?* do primeiro tomo da *História do estruturalismo* de François Dosse (1993), do capítulo *Dois Saussure?* do livro de Michel Pêcheux e Françoise Gadet, *A língua inatingível* (2010), e do artigo de Georges Redard, *Deux Saussure?* (1978). A divisão do pensamento saussuriano em duas partes incomensuráveis foi estabelecida principalmente por Louis-Jean Calvet em *Pour et contre Saussure*, em uma defesa apaixonada das análises sobre os anagramas na poesia antiga apresentadas na obra de Jean Starobinski, *Les mots sous les mots*, em detrimento do “outro” Saussure, o do CLG. Calvet desenha uma rígida linha entre o Saussure do CLG e o dos anagramas, denominando-os de Saussure do dia e Saussure da noite. A referência evidente ao sofrimento de Penélope na *Odisséia* nos traz o quadro interpretativo dessa qualificação: o que Saussure fazia durante o dia, na frente de seus pretendentes – colegas, alunos, instituições de ensino e grupos de pesquisa –, sistematizando, racionalizando, ele desfazia, em segredo, na calada da noite, buscando inspiração na poesia latina e védica, na matéria fônica, no irracionalizável (STAROBINSKI, 1971 e CALVET, 1977).

O datado da leitura não está apenas na interpretação da obra de Saussure sugerida por essa distinção, mas em sua matriz: uma distinção monolítica, dentro e fora do âmbito linguístico, entre racional e irracional, consciente e inconsciente, Mesmo e Outro, língua ordinária e poesia.

Neste capítulo, reconstruo primeiramente, em poucos detalhes, em que se fundamenta a divisão interna da obra saussuriana produzida dentro da linguística. Em seguida, analiso os efeitos dessa divisão na obra de Benveniste. Essa análise é seguida por especificidades das divisões operadas na obra dele. Finalmente, apresento algumas propostas unificadores de diferentes autores para a obra benvenistiana.

## 1.1 DOIS SAUSSURE?

A seção *Dois Saussures?* do livro de Dosse está inserida em um capítulo intitulado *O corte saussuriano*. Nele, Dosse reproduz a *doxa* da obra de Ferdinand de Saussure, a qual o

apresenta como “o iniciador” do estruturalismo (1993, p. 65). Embora aponte que alguns autores poderiam apresentar ressalvas, coloca como quase inegáveis certas características do saussurismo: “A abordagem descritiva, a prevalência do sistema, a preocupação em remontar até as unidades elementares a partir de procedimentos construídos e explícitos [...] que vai constituir o menor denominador comum de todos os movimentos estruturalistas” (p. 67). Nessa linha argumentativa, só é possível para Dosse corroborar a leitura de Calvet, ao enxergar nos anagramas: “a ideia da existência de uma linguagem sob a linguagem, de uma codificação consciente ou inconsciente das palavras sob as palavras, uma busca de estruturas latentes, das quais não existe o menor traço no CLG, no Saussure oficial, ajardinado.” (p.72). Interessante observar a hesitação do próprio texto ao dizer que não existe o menor traço das intuições dos anagramas no CLG, afirmação categórica sobre o conteúdo do texto, e após “no Saussure oficial”, remetendo a um corpo de interpretações institucionalizado.

Pêcheux & Gadet analisam a divisão da obra do genebrino proposta por Calvet, desde então, institucionalizada. Os autores mostram a historicidade dessa leitura, sendo capazes de conciliar as posições saussurianas em termos saussurianos<sup>10</sup> e não buscando cotejar um tipo de linguista estruturalista e uma espécie de crítico literário. “Saussure, não é tão simples assim!” (GADET & PÊCHEUX, 2010, p. 58), declaram. Sua leitura passa pela crítica do privilégio estruturalista ao conceito de signo e da interpretação do arbitrário pela via do convencional. Pêcheux e Gadet encontram um chão comum para o pensamento saussuriano no conceito de valor. No entanto, com o aparecimento de mais manuscritos de Saussure a questão apenas se complexificou. Por um lado, a publicação, em 2002, dos *Écrits de linguistique générale*, sob a curadoria de Simon Bouquet e Rudolph Engler, reforçou o tipo de julgamento para o qual os anagramas tinham dado abertura de que haveria um falso Saussure, vulgarizado no *CLG* de maneira inábil ou mesmo mal intencionada, e um verdadeiro Saussure, secreto, o qual mesmo nos manuscritos é difícil de entrever, com uma doutrina difusa a ser rastreada em papéis dispersos. Fala-se até em uma identidade tripla, remetendo aos trabalhos saussurianos sobre as lendas germânicas<sup>11</sup>, organizados por Herman Parret (cf. PARRET, 2014 para a versão mais recente desses trabalhos e CAMPOS, 1996 para uma leitura que sugere um Saussure triplo).

<sup>10</sup> Assim como sabem apresentar a base comum do Chomsky cientista conservador e do anarco-sindicalista.

<sup>11</sup> Kim Sungdo fala de um quarto Saussure, apenas para negá-lo: “[y] a-t-il un ‘Saussure 4’, c’est-à-dire le mythologue Saussure qui aurait détruit le discours du CLG ? Nous répondons que non. Il y a un seul Saussure, qui nous apprend l’unité de l’idée sémiologique” (1990, p.141).

Curiosamente, nenhuma das classificações da obra de Saussure assegura um lugar claro para os trabalhos de linguística histórica ou gramática comparada, publicados em vida (o que RASTIER, 2009, chama de trabalhos de primeira mão), a não ser como algo superado, que Saussure teria sido quase que constringido a fazer, seja pelas instituições, por seus colegas ou pelo *Zeitgeist*, o espírito da época. Este é o diagnóstico de Cristina Vallini:

la fama di Saussure è ormai indissolubilmente legata alla sua opera postuma, studiata da molti anni quasi fosse la bibbia di tutti i linguisti moderni, al punto che la biografia scientifica di Saussure, e la bibliografia delle opere pubblicate, appaiono enigmatiche, se raffrontate con quella che è la sua fama attuale. (2013, p. 30)

Em uma das primeiras recepções do material que compõe o *Curso de linguística geral*, a dos próprios editores como relatada no prefácio, Charles Bally e Albert Secheyae não escondem sua decepção com a presença de temáticas da linguística histórica no conteúdo dos cursos de Saussure: “é verdade que as necessidades de programa o obrigaram a consagrar a metade de cada um desses cursos a uma exposição relativa às línguas indo-europeias, sua história e sua descrição, pelo que a parte essencial de seu tema ficou singularmente reduzida” (SAUSSURE, 2004, p. 1). O reconhecimento de trabalhos como o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, após a popularização do *CLG*, fica restrito ao âmbito da linguística histórica, como se apenas no alcance dessa disciplina o século XIX tivesse encontrado algum tipo de continuidade. Georges Redard, por sua vez, no texto publicado nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, ecoa o diagnóstico de Vallini, mas acrescenta:

[l]a conclusion est banale et inquiétante. Si les comparatistes lisent le *Cours*, je ne suis pas certain qu'ils en fassent autant du *Mémoire*, et je suis sûr en revanche que les “généralistes” ne lisent que le seul *Cours*, et encore. Ils n'en retiennent en général guère que l'Introduction, la première partite (Principes généraux) e la deuxième (Linguistique synchronique), soit quelques 145 pages des 337 que compte l'édition de 1916. (1978, p. 29)

Não por acaso, Benveniste menciona o trabalho repetidamente, seja em *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* um de seus trabalhos de linguística indo-europeia dentre muitos, ou em estudos dedicados a Saussure ou ao desenvolvimento da linguística. Diz mesmo que as últimas linhas do prefácio do *Mémoire* “pourraient servir d'épigraphe à son oeuvre entière. Elles contiennent le programme de sa recherche future, elles présagent son orientation et son but” (2010, p. 34). Além disso, o *CLG* é uma referência constante na sua obra, sobretudo os conceitos

de signo, valor, relação e sistema. É possível concluir daí, tendo em vista a fala de Redard, uma diferença importante da relação de Benveniste com Saussure, se comparado a outros que se propuseram a seguir seu legado<sup>12</sup>.

Por muito tempo, tomou-se o comparatista por um Saussure negativo, aquele que deveria ser suprimido para a concretização da revolução do *CLG*. Seria o caso, então, em um ímpeto revisionista, de propor um quarto Saussure (cronologicamente o primeiro)? Trato dessa problemática nos próximos capítulos. Para os propósitos deste, basta ter essa fragmentação em vista, pois ela afeta significativamente tanto a produção da obra benvenistiana quanto sua recepção.

## 1.2 DOIS BENVENISTE?

Ao abordarmos a obra de Émile Benveniste, surgem uma série de paralelos com a história das leituras da obra saussuriana. O motivo é evidente, Benveniste está inserido em uma mesma narrativa de um século XX em ruptura com o século XIX, de formalização da análise linguística, de apagamento da problemática do sujeito e sua eventual reimersão, por via da fenomenologia, antropologia, hermenêutica e outras correntes intelectuais. Isto é, na grande história do estruturalismo. No segundo tomo da obra de Dosse, o qual aborda o declínio institucional do estruturalismo, com o subtítulo dramático de *O canto do cisne*, Benveniste é apresentado, em um breve capítulo, como “a exceção francesa” (1994, p. 61). Sua particularidade seria a de propor uma linguística da enunciação dentro do estruturalismo sem sujeito, porém, “apesar de sua notoriedade, reconhecida por todos, ele vai pregar no deserto” (*ibidem*), aponta o autor. Com a exceção de um parágrafo e meio que aborda sua biografia, pouco se fala sobre sua longa carreira estudando línguas e culturas indo-europeias, com ênfase nas indo-iranianas. Além disso, pouco se consegue dizer sobre ele sem fazer referência a uma série de outros autores: Jacques Lacan, Louis Althusser, Oswald Ducrot, Julia Kristeva, Claude Lévi-Strauss e mais uma dezena de nomes ocupam as páginas desse capítulo, figurando ao mesmo tempo como influenciadores e influenciados direta ou indiretamente por Benveniste. Ducrot e Lacan, especialmente, recebem mais espaço do que o próprio linguista que deveria ser o centro do capítulo. Na *História do*

---

<sup>12</sup> Vale lembrar, no entanto, que Hjelmslev também nutre um grande interesse pelo *Mémoire* e, ainda que por razões diferentes, provavelmente concordaria de todo com a colocação de Benveniste sobre a obra.



*estruturalismo* de Dosse, Benveniste parece figurar como o sintoma de uma doença autoimune do estruturalismo, mais do que como um intelectual com trajetória própria. A parte favorecida de sua obra (apresentada de maneira muito limitada) anuncia o fim do primado da estrutura e da forma, enquanto o resto representaria a velha linguística estruturalista, ou até mesmo a gramática comparada do século XIX. Essa representação da história do estruturalismo, e do lugar de Émile Benveniste, perdura até hoje, incluindo no Brasil, como se pode ver em diferentes manuais de linguística.

Na composição da narrativa estruturalista, interessa ler a obra de Benveniste como pesquisas de linguística geral, no mesmo sentido em que os editores do CLG, citados na seção anterior, empregavam esse sintagma: reflexões gerais acerca da linguagem em detrimento de estudos que se voltam para línguas específicas, sobretudo quando se trata de aplicar e desenvolver metodologias consideradas superadas, afinal, como diz Bruno Latour, não há nada que assuste mais um Moderno do que o possível “regresso” a um estágio de conhecimento considerado superado (2011).

Robert Godel, em sua leitura dos *Problèmes de linguistique générale*, problematiza, no entanto, essa concepção de linguística geral como linguística teórica, oposta aos estudos de línguas. Pelo contrário, defende que linguística geral na obra de Benveniste, pode ter outro significado<sup>13</sup>:

Par linguistique générale, on entend souvent ce qu’Albert Sechaye (sic), en 1908 déjà, appelait linguistique *théorique*, c’est-à-dire la théorie du langage et de la linguistique telle que l’a conçue, par exemple, Louis Hjelmslev. Mais l’épithète “générale” peut aussi se référer à l’immense variété des manifestations du langage et à l’activité d’un linguiste à qui, selon le mot de Jakobson, rien de linguistique n’est étranger. Tel apparaît bien Benveniste dans les deux volumes des *Problèmes*. (1974/1975, p. 207)

A compreensão de Godel de “linguística geral” no caso de Benveniste sugeriria não só a importância de uma abordagem diferente por parte do leitor (de então ou de agora), como também um rompimento (ou nunca adesão) do próprio linguista com o estruturalismo<sup>14</sup>. Não se

---

<sup>13</sup> Benveniste, no entanto, defende uma linguística geral algo como uma linguística teórica, nos cursos reconstituídos publicados em 2013. No entanto, é uma teoria que se inscreve em outra metafísica do que aquela do estruturalismo. Exploro esta questão abaixo (cf. *infra*, cap. XX).

<sup>14</sup> Essa segunda interpretação apresenta maiores complicações, pois envolve sustentar que apesar de Benveniste se dizer ocasionalmente um estruturalista, ele não era estruturalista como os outros que se identificavam com o

trata, para mim, de apagar as diferenças entre um fazer linguístico próximo à filologia e outro que se volte a línguas contemporâneas do pesquisador ou ainda um outro que desenvolva uma reflexão sobre as entidades que compõem qualquer língua (uma vez que se assegure a ontologia de algo como A língua), mas se trata de não fundamentar essas diferenças sobre um abismo epistemológico, isto é, zonas ontológicas e metodológicas intransponíveis. A expressão “abismo” pode parecer exagerada, mas talvez só assim seja possível definir o que às vezes se parece dizer de Saussure e Benveniste: tal cisão interna de metodologias, ontologias e metafísicas, de modo que é possível falar em um fazer científico diurno e outro noturno (fazer imaginado no culto da personalidade e, aí dentro, frequentemente, nos entreveros da psicanálise). Sem dúvida, Benveniste assim aparece como uma figura estranha, romantizada, difícil de situar (como a estranheza saussuriana e a dita grafofobia, que ignora a publicação de algumas centenas de páginas). Mohammad Djafar Moïnfar, curador de boa parte da obra de Benveniste, faz eco a essa concepção de intelectual-herói: “L’homme révolutionnaire, quoique solitaire, est resté révolutionnaire, n’acceptant aucun compromis” (1992, p. 16). O problema é que essa apresentação gera um isolamento intelectual que dificulta a reconstrução de relações históricas e a produção de novas temporalidades para a obra do linguista.

Na narrativa do estruturalismo, apresentada acima através da obra de Dosse, Benveniste, apesar da biografia pessoal apresentada, aparece como um intelectual sem linhagem. Essa estratégia torna ainda mais difícil historicizar sua obra para além da “adoção do sujeito lacaniano-althusseriano” sustentada pelo historiador. A narrativa do corte saussuriano produz um efeito em que todos podem ser definidos como discípulos ou inimigos de Saussure, no entanto, a realidade científica e institucional é mais complexa do que isso<sup>15</sup>, como diz Gerard Dessons: “Benveniste ne s’est pas fait seul” (2006, p. 26).

Na introdução do recentíssimo *Últimas aulas no Collège de France*, Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, ainda que não se alonguem sobre o assunto, fazem questão de situar Émile Benveniste intelectual e institucionalmente:

“[Ele] segue uma linhagem ininterrupta de grandes figuras da linguística francesa e de suas instituições, desde sua renovação no último terço do século

---

movimento. Henri Meschonnic (1995) argumenta fortemente em favor dessa interpretação. Elaboro esse “e se...” mais à frente.

<sup>15</sup> Vale dizer, não se trata de afirmar que a grande narrativa do estruturalismo é essencialmente “falsa”, mas que face à obra benvenistiana ela se mostra insuficiente, tanto em seu poder explicativo quanto descritivo.

XIX. Entre os homens , Michel Bréal, Gaston Paris, Antoine Meillet, Joseph Vendryes, Marcel Cohen... Entre as instituições, o Collège de France, a École Pratique des Hautes Études e a Société linguistique de Paris.” (2014, p. 68)

Ainda que informativo, o nacionalismo que orienta esse recorte mascara uma série de outras relações importantes, principalmente o laço saussuriano, por intermédio de Meillet<sup>16</sup>. Esses autores não estão apenas diretamente ligados na produção científica, como se sucederam em postos de ensino de maneira imediata na École Pratique des Hautes Études e mantiveram, Bréal com Saussure, este com Meillet e finalmente Meillet e Benveniste, relações de mentor e protegido.

Além do nome de Ferdinand de Saussure, seria necessário adicionar à lista uma série de outros, dessa vez alemães. De Bréal a Benveniste, a relação com as pesquisas linguísticas da Alemanha foi constante. Bréal introduziu Franz Bopp para os leitores de língua francesa (ainda que reivindique uma origem francesa à semântica, a partir de seu *Essai de sémantique* [1897]). Ferdinand de Saussure, nascido em uma nação em que o francês e o alemão tem igual presença, formou-se em Leipzig com os pesquisadores mais importantes da época, tais como Ernst Curtius, August Leskien, Johann Heinrich Hübschmann e Ernst Windisch. Em *L'état actuel des études de linguistique générale*, Antoine Meillet faz uma avaliação do desenvolvimento da linguística até então. Nela, ele reconhece a centralidade dos estudos alemães para o desenvolvimento da linguística ao longo de todo o século XIX, mas deseja decretar um novo início: o da linguística geral à francesa<sup>17</sup>. No entanto, ao longo de toda sua carreira posterior, Meillet continuará em viva relação, ainda que frequentemente divergente, com a linguística alemã, seus dados, metodologias e teorias. Benveniste, finalmente, ao abordar as línguas e culturas indo-europeias e indo-iranianas, oferece não raramente suas interpretações sobre informações previamente coletadas por pesquisadores franceses e alemães, em um estilo frequentemente polêmico (cf. MONTAUT, 1992). Não se trata, por certo, de afirmar aqui qualquer superioridade alemã inata para os estudos linguísticos, mas de uma tradição histórico-filológica consolidada<sup>18</sup>, a qual possibilita, no

<sup>16</sup> Christian Puech levanta um questionamento instigante sobre a distribuição geográfica da ciência linguística do final do século XIX ao começo do século XX e como a crítica utiliza essa distância espacial como sinônimo de uma distância intelectual fundada em um certo tipo de essência nacional (cf. 2013b).

<sup>17</sup> Sobre o desenvolvimento da institucionalização da noção de linguística geral a partir de Meillet, ver AUROUX, 1988.

<sup>18</sup> Seria interessante também desenvolver um estudo detalhado sobre o interesse crescente de Benveniste na linguística estado-unidense em formação, sobretudo na figura de Sapir. O que parecia lhe chamar atenção era a proximidade da disciplina nos Estados-Unidos com a antropologia e a possibilidade de aplicação e renovação dos métodos comparativos no filão quase desconhecido das línguas ameríndias.

trabalho de reconstrução, mais do que uma asserção de identidade (estabelecer que unidades de sincronias diferentes são a mesma unidade), permitindo agregar elementos heterogêneos na análise linguística, compreendendo a máxima vulgarizada da “língua pela língua” como a construção de um sistema em que tudo se sustenta mutuamente (*où tout se tient*) e não como um corte inflexível de supostas externalidades.

Se admitirmos uma continuidade tão direta com os trabalhos linguísticos do século XIX, torna-se mais custosa de sustentar a defesa da modernidade tão desejada pela maioria dos estruturalistas, com suas declarações de rompimento, revolução e início de uma verdadeira ciência, visão ratificada pela narrativa histórica dominante<sup>19</sup>. Isso não significa, no entanto, como poderia parecer, que Benveniste seja um filólogo-comparatista do século XIX perdido no século XX. Pelo contrário, o autor se inscreve ativamente na linguística estrutural, declarando-se implicado nela desde antes de sua popularização (BENVENISTE, 2008, p. 16). Portanto, a questão, é claro, passa pela definição de “estrutura” usada por Benveniste e de que maneira ele considera desenvolver uma linguística estrutural ao mesmo tempo em que dá continuidade a uma tradição vista como superada pelo senso comum dos linguistas integrantes da corrente.

Gerard Dessons, ao reconstruir a linhagem que remonta de Benveniste a Bréal, passando por Meillet e Saussure, diz seguir o fio de Ariadne da semântica (2006, p.23-41). Vemos aqui mais uma referência a um mito grego, dessa vez àquele do minotauro. Quando Teseu adentra o labirinto em Creta onde habita o minotauro, Ariadne, filha do rei Minos, lhe dá um novelo, para que, estendendo-o, o herói seja capaz de encontrar seu caminho de volta, após ter derrotado o monstro. Para o autor, então, o fio que se estende entre esses autores, o qual possibilita não nos desorientarmos no labirinto das ciências da linguagem, pode ser resumido da seguinte maneira:

La prise en compte de la dimension empirique du langage – pour Meillet, “les langues dépendent des gens qui les parlent” – apparaît comme un fil d’Ariane conduisant de Bréal à Benveniste, *via* Saussure et Meillet. C’est dans le sens d’une attention au langage en acte, du langage effectivement réalisé, que s’élabore la conception de la *sémantique* dans les *Problèmes de linguistique générale*. (p. 35-6, grifos do autor).

Esse percurso, para o autor, não desemboca, então, apenas em uma concepção formal de enunciação (cf. *infra*, capítulo 4), realizada por um Sujeito, mas em uma linguística de “gente

---

<sup>19</sup> Como diz Benveniste: “[q]ue le souci d’être ‘moderne’ ne soit pas toujours étranger à cette diffusion, que certaines déclarations ‘structuralistes’ couvrent des travaux de nouveauté ou d’intérêt discutable, on l’admettra sans peine” (2010, p. 91).

que fala” e em uma semântica desse falar. O resultado, diz Desson, é um “estruturalismo crítico do estruturalismo” (cf. p. 36-40). Isto é, acredito o poder dizer, um saussurismo diferente da via estruturalista amplamente institucionalizada. Não há, em Benveniste, uma divisão disciplinar que se baseie no corte temporal século XIX e XX, mas uma passagem para uma epistemologia que se sustente em seu conceito particular de significação. Para ele, na verdade, a linguística comparada em 1968 ainda está em pleno desenvolvimento, devido ao contato com novos idiomas e famílias linguísticas: “[I]l n’y a pas là du tout une méthode qui date, ou qui appartienne à une époque révolue, absolument pas. Je crois qu’au contraire la linguistique comparative va renaître tout à fait transformée et de fait elle se transforme” (2008, p. 13). A resposta extremamente enfática à pergunta de Pierre Daix deixa transparecer até certa exasperação com a possibilidade de irrelevância da linguística comparada, pois para Benveniste, profundamente implicado na história da disciplina, ela era praticada cotidianamente e o novo material linguístico coletado na época clamava pela aprimoração dela, não pelo seu desaparecimento. O desenvolvimento na disciplina que possibilita a superação de questionamentos genéticos e situa a ciência linguística em um novo quadro conceitual não relega a gramática comparada à irrelevância, mas renova seus métodos (BENVENISTE, 2010, p. 19-21).

Até aqui segui o fio da divisão comparatista versus generalista (ou historiador-empirista versus teórico) para ilustrar os efeitos da historiografia linguística, sobretudo no que se refere especificamente aos trabalhos saussurianos, sobre a obra de Benveniste. Antes de concluir este capítulo, porém, gostaria ainda de levantar algumas maneiras específicas como a obra de Benveniste é fragmentada por via de distinções disciplinares e conceituais. A recepção dos textos do linguista, enquanto em vida, é marcada primeiramente por uma fama quieta, um reconhecimento modesto nos círculos especializados da linguística indo-europeia, iraniana e junto aos grandes nomes da linguística estrutural (Jakobson, Hjelmslev etc.). A relação com Meillet desde os anos 20 permitiu a Benveniste tornar-se rapidamente um professor reconhecido e cruzar a fronteira talvez mais difícil para um pesquisador: ser lido por seus pares. No entanto, algo muito diferente ocorre nos anos 60, principalmente após a publicação do primeiro volume do *Problèmes de linguistique générale*. Benveniste passa a ser referência para filósofos, escritores, narratólogos, artistas, antropólogos, sociólogos e até mesmo para o grande público, especialmente devido ao caráter exotérico de boa parte dos textos da coletânea. Porém, essa recepção heterogênea provoca a pulverização da obra e um sobrevaloramento dos textos

incluídos nos dois volumes dos *PLG* (o *Vocabulário das instituições indo-europeias*, publicado em 69, também é recebido com loas, mas não se compara à penetração cultural dos *PLG*). Naquela época de desgaste do estruturalismo, se buscava a próxima fase da narrativa intelectual do século XX; e ela veio na forma de uma inflação dos conceitos que o estruturalismo havia subutilizado, como sujeito, referência, sentido, significação, discurso, história e outros (cf. DOSSE, *op. cit.*). Se buscou inaugurar a época da *parole* e declarar o fim da primazia da *langue*, seguindo a leitura dicotômica estruturalista da teoria saussuriana. Nesse sentido, os movimentos pós-estruturalistas (não em seu sentido estrito, mas cronológico) nunca deixaram de ser estruturalistas, pois acreditaram piamente na interpretação estruturalista do saussurismo, apenas optaram por ser o seu negativo<sup>20</sup>.

Nesse contexto, a obra de Benveniste passou por uma rápida formatação na chamada teoria ou linguística da enunciação, motivada, sobretudo, por sua participação no número 17 da revista *Langages*, organizado por Tzvetan Todorov, intitulada *L'énonciation*, com o texto *L'appareil formel de l'énonciation*. Nele, delineiam-se diferentes programas de pesquisa para quem quisesse, então, se colocar a estudar o ato de enunciar. Para muitos pesquisadores, principalmente na época, esse texto representou a culminação das reflexões benvenistianas sobre a linguagem e caberia, doravante, (re)ler retroativamente os textos de Benveniste e descobrir de que maneira cada um deles serviu de degrau para o avanço dessa teoria. Apenas mais abaixo trato com maiores delongas da teoria/linguística da enunciação (cf. *infra*, capítulo 4), para os fins do presente capítulo basta saber que o surgimento desse terceiro benveniste, e digo surgimento pois se pensava mais em uma descoberta de um benveniste da enunciação do que na sua criação, produz consequências importantes no desenvolvimento da disciplina. Uma em especial é o questionamento: “como poderia a problemática do sujeito, na forma de uma teoria da enunciação, ter emergido de dentro de um programa de pesquisas estritamente estruturalista?”. As respostas vêm de diversas formas, geralmente em busca de uma causa definitiva e pontual: uma referência à psicanálise, a um antropólogo, uma epígrafe de Hegel, um artigo que debate com as ideias de John Austin, um vocabulário parecido com o empregado pela fenomenologia de Husserl ou de Merleau-Ponty. Raramente se considera a possibilidade de um saussurismo não-estruturalista ou de uma influência decisiva da linguística histórica no desenvolvimento da

---

<sup>20</sup> Há também algo muito particular na institucionalização de fragmentos da teoria benvenistiana na França, pois mesmo antes de sua morte seus escritos faziam parte da bibliografia do ensino secundário

linguística benvenistiana do discurso. O efeito curioso dessa sequência de fatos é que Benveniste é até hoje criticado por desenvolver uma teoria da enunciação incompleta e pouco clara (cf. *infra*, capítulo 4).

Em 1992, em uma edição especial da revista *Linx* intitulada *Lectures d'Émile Benveniste*, Annie Montaut e Claudine Normand escrevem na apresentação:

Si le grand public connaît Benveniste, cette connaissance privilégie généralement une partie de son oeuvre au détriment des autres: le comparatiste, le structuraliste, le théoricien de l'énonciation se trouvent souvent encore séparés, alors même que le premier recueil des Problèmes en 1966 juxtaposait des travaux portant aussi bien sur le comparatisme, que sur la linguistique générale saussurienne ou sur ce qui par la suite a été isolé sous le terme de théorie de l'énonciation. Cette constatation nous a poussées à nous interroger sur le bien fondé d'une pareille division. (p. 11-12)

Isto é, há duas décadas já se reconheciam as divisões que marcam as leituras da obra de Benveniste e a importância de se questionar sobre sua naturalização<sup>21</sup>. As autoras sugerem em seguida uma via para construir uma unidade para o pensamento benvenistiano:

Si l'on considère l'oeuvre dans sa globalité, on est frappé par l'insistance du thème de la signification, et la place de cette préoccupation dans la méthode des analyses empiriques, aussi bien que dans les programmes de "sémiologie". Cette constance, qui contribue à l'unité de l'oeuvre de Benveniste, nous a donné le désir d'approfondir ces questions. (p. 12)

Por meio do conceito de significação se busca constituir um fundo comum para as diferentes pesquisas benvenistianas. No entanto, significação para o linguista está estritamente associada com o fazer-signo que a palavra dá a entender. Se considerarmos que a enunciação, ou o semântico (oposto ao semiótico), se inscreve além do limite da discontinuidade sígnica, não parece que esse conceito baste para delimitar o escopo das pesquisas. No seu texto para a referida edição da revista, *La méthode de Benveniste dans ses travaux comparatistes: son discours et son sujet*, Montaut propõe que “il n'y a pas deux Benveniste bien qu'il ait deux publics de lecteurs assez distincts. Sa méthode est la même.” (p. 111). Tentar garantir a unicidade da teoria sob a égide da metodologia é também incerto, pois uma mesma metafísica não necessariamente produz os mesmos métodos, uma vez que se respeite as particularidades dos

---

<sup>21</sup> Deixo aqui de fora a obra de Henri Meschonnic, a qual já nos anos 60 e começo dos anos 70 era capaz de identificar uma unidade na obra de Benveniste na forma de um saussurismo particular, devido ao seu baixo impacto com o público acadêmico francês na época.

objetos. A maneira como Benveniste reconstrói um vocábulo indo-europeu não é necessariamente a mesma com que ele analisa o funcionamento discursivo do verbo francês (apesar das similaridades, cf. *infra*, capítulo 3). Mesmo assim, é importante na época o reconhecimento de que os trabalhos de Benveniste já lidavam com noções como subjetividade e referência alhures que não nos textos mais conhecidos. O artigo de Claudine Normand no mesmo volume de *Linx, Benveniste: linguistique saussurienne et signification*, busca a unidade da prática intelectual benvenistiana em sua maneira particular de dar continuidade aos princípios saussurianos do *CLG* e do *Mémoire*, tendo como centro organizador o conceito de significação. Nesse artigo a autora ressalta o trabalho de Benveniste em torno do que Christian Puech chama de memória disciplinar (PUECH & CHISS, 1994 e PUECH, 1997). No entanto, há concepções de história e de historiografia diferentes em jogo. Em uma posição divergente da de Puech, Normand defende um tipo de filiação mais tradicional, de escolas intelectuais, continuidades institucionais, inovação e ruptura, enquanto Puech insiste na dimensão criativa da historiografia disciplinar, com o uso não necessariamente cronológico da história do pensamento linguístico, inclusive no caso da linguística benvenistiana. Dessa maneira, ao afirmar repetidamente o “positivismo” saussuriano (nesse texto e alhures), Normand limita a latitude da criação em cima do legado de Saussure. O reflexo sobre a leitura da obra de Benveniste é evidente, pois ele só poderia se inserir em uma superação desse positivismo fundamental, ou num rechaço ao saussurismo. Ainda assim, Normand percebe de maneira perspicaz a incongruência da “linguística do discurso” que se formou a partir de Benveniste e diz ser um desenvolvimento anti-saussuriano. Em artigo posterior, *Lectures de Benveniste: quelques variantes sur un itinéraire balisé*, publicado em 1997, Normand apresenta uma espécie de *mea culpa* por suas interpretações anteriores de Benveniste, considerando-as limitadas<sup>22</sup>:

Prendre en compte l'ensemble des *PLG* me paraissait alors faire justice à l'unité de l'oeuvre, ce qui montre nos ignorances ou nos partis pris [...]. Je savais évidemment, par mes souvenirs d'étudiante, que Benveniste avait écrit beaucoup plus que ce qui était retenu dans les *Problèmes* ; ce travail de grammairien et de philologue, à ce moment là, je n'ai simplement pas pensé à l'intégrer dans une recherche qui se voulait pourtant globale [...] dans mon enquête sur l'apparition soudaine ou progressive de la terminologie de

---

<sup>22</sup> SILVA E SILVA, 2012, em que falo sobre alguns textos anteriores e posteriores da autora



l'énonciation, je n'avais pu déceler dans aucun texte de changement décisif ; mon hypothèse discontinuiste ne marchait pas (parágrafo 16<sup>23</sup>).

No mesmo texto ela relativiza suas conclusões do texto de 92 que citei aqui, dizendo que se naquele momento Benveniste lhe parecia o mais saussuriano dos linguistas, posteriormente já não estava tão certa dessa colocação (*idem*, parágrafo 27). A conclusão do texto de 97 modaliza e complementa aquela do de 92, o objetivo ainda é fundamentar a unicidade da obra benvenistiana na significação, mas por intermédio do conceito (amplo e não-psicanalítico) do autor de sujeito.

Se Montaut e Normand buscam a unidade do pensamento benvenistiano na significação, e não se pode deixar de lado o poder institucional que Normand teve em conduzir a interpretação de leitores posteriores dos textos benvenistianos, há também quem a busque por outros caminhos. Gerard Dessons, discípulo de Henri Meschonnic, cuja obra não exploro nesse momento devido à sua complexidade, tenta fundamentar a obra de Benveniste sobre um conceito de homem, o que resultaria, sustenta ele, em uma antropologia do discurso. Para ele, se trata também de utilizar o conceito de significação como fundo comum: “En fait, et bien que la partition de son travail en un secteur philologique et un secteur généraliste puisse donner l'impression de deux activités distinctes, il s'agit plutôt de deux moments d'un même projet global, qui érige la signification en point de vue fondamental sur le langage” (DESSONS, 2006, p. 27). Todavia, o conceito aqui está a serviço não apenas de uma concepção de língua que privilegia uma determinante semântica, mas de “[...] une anthropologie de la valeur, qui rend indissociables l'acte de communiquer et l'élaboration des valeurs constitutives de la société humaine” (*idem*, p. 43). A proposta de Dessons é mais ambiciosa, pois não busca reorganizar a hierarquia de termos da teoria benvenistiana, mas impulsioná-la a uma transformação da metafísica da linguagem e da linguística. Para ele, é nessa transformação da teoria linguística benvenistiana que é possível (re)lê-lo, organizando a totalidade de seus trabalhos em torno da tríade linguagem-sociedade-homem (ou personalidade, para usar um termo do próprio Benveniste). No entanto, é importante notar o potencial, contraditório, dessa possível antropologia do linguista se tornar uma nova divisão dentro de sua obra. Ainda que não ocorra sob a pluma de Dessons, não é difícil imaginar o risco do “Benveniste antropólogo” se tornar um

---

<sup>23</sup> As referências a certos periódicos online utilizam o localizador parágrafo ao invés de página pois devido à possibilidade de alteração de tamanho e tipo de fonte, tamanho da tela etc., não existe número fixo de páginas nessas versões.

novo personagem, ainda mais com o desconhecimento do grande público de suas leituras em antropologia e de seu trabalho de linguista de campo no oriente médio e no Alasca.

Recentemente, ainda, ocorreu a publicação de *Baudelaire* (2011), reunião de notas manuscritas de Benveniste para a redação de um artigo sobre a língua do poeta Charles Baudelaire como vista em *Les fleurs du mal*<sup>24</sup>. Com a invenção do discurso de Dessons em 2006 e as 5 décadas de escritos de Meschonnic, essa obra inconclusa não foi recebida à maneira dos anagramas, texto fundante de um Saussure secreto e até perverso para os estruturalistas mais apegados ao signo e de um Saussure libertador anti-estruturalista para aqueles que desejavam superar as contradições do signo, entendido como uma unidade de duas faces destacável de um sistema. Não, a tese de Chloé Laplantine, orientada por Gerard Dessons, que trazia a transcrição e a análise desses manuscritos inéditos sobre a poesia de Baudelaire, orientada por Gerard Dessons, já estava de início inserida em uma visão continuísta da obra benvenistiana. No ano seguinte à publicação de *Baudelaire*, a revista *Semen* preparou uma edição especial sobre as notas. Na apresentação da edição encontramos explicitada essa posição, com remissão à leitura dicotomizante de Saussure:

Le reproche de manque de cohérence et d'unité est, rappelons-le, aussi celui qu'on adressait à Saussure, ne sachant voir la continuité entre sa linguistique générale, ses recherches de grammaire comparée, sur les légendes et sur les paragrammes. Ces deux figures miroirs, de Benveniste et de Saussure, ont en commun une réflexion sur le poème, restée secrète dans les deux cas, et impliquant le tâtonnement, le doute, la certitude de la découverte parfois, la volonté d'une radicalité de l'entreprise. Chez Benveniste, les écrits de linguistique générale, de linguistique comparée, les carnets de terrain ethnographiques et l'étude de la langue de Baudelaire forment un tout : le tout d'une pensée du langage non figée dans un domaine disciplinaire. (ADAM & LAPLANTINE, 2012, Parágrafo 4).

No artigo de Jean-Michel Adam na mesma edição, esse “todo” da obra benvenistiana é visto no quadro do desenvolvimento da “translinguística dos textos, das obras” anunciada por Benveniste em *Semiologia da língua*. O autor nota uma reciprocidade entre cientista e poeta na busca de uma teoria da linguagem que possa encontrar força na poética e não uma limitação: “une approche d'un corpus littéraire n'est pas une *application* de la linguistique, mais un questionnement linguistique du discours poétique et d'une œuvre particulière qui, en retour,

---

<sup>24</sup> Não empreenderei neste trabalho uma análise mais detalhada desses manuscritos, pois já o fiz alhures, ver SILVA E SILVA 2012b.

questionne aussi les catégories de l'analyse linguistique" (parágrafo 77). Nesse ponto, Adam, Laplantine e Dessons estão em pleno acordo. Interessante notar, todavia, o lugar privilegiado que o autor dá ao comparatista: "Je pense surtout que le travail sur le discours poétique et la langue de Baudelaire n'aurait pas été possible si Benveniste n'avait pas été le linguiste *des langues* qu'il était. Ce comparatiste des langues anciennes et lointaines (langues iraniennes, afghanes, pamiriennes et non indo-européennes comme les langues athapaskes d'Alaska) [...]" (parágrafo 81). Laplantine, na mesma edição, opta por apresentar a totalidade da teoria benvenistiana sob outro aspecto, o de uma "culturologia", termo empregado pelo próprio autor para designar o desenvolvimento de uma possível semiologia (antropológica) geral. Logo de início, a autora, como Adam, salienta que "[l]a connaissance qu'on a de Benveniste en tant que théoricien du langage se fait souvent dans l'oubli de ses recherches sur les langues. [...]. Il me semble en effet qu'on ne peut pas lire les manuscrits sur Baudelaire en oubliant cette dimension du travail du linguiste" (parágrafo 3). Para Laplantine, e numerosas passagens dos textos de Benveniste o corroboram, esse trabalho com as línguas é a única via de acesso à linguagem. No entanto, "le modèle ne prend pas la place de l'infinité des expériences" (parágrafo 5). Cada língua produz suas formas de subjetivação. Seguindo o fio desta argumentação, Laplantine vê nos manuscritos sobre a poesia de Baudelaire uma orientação similar na problematização benvenistiana. Interessam as formas de subjetivação do poeta, na medida em que na sua escrita ele reinventa a língua para se inscrever. Assim, o todo da semiologia benvenistiana seria uma maneira de se aproximar de gerais-particulares (um termo de Meschonnic que cabe bem aqui), de analisar as formas de subjetivação particulares para encontrar agenciamentos gerais da linguagem.

Tentei evidenciar neste capítulo primeiramente a maneira como a historiografia linguística lidou com a obra saussuriana, com alguns exemplos pontuais de diferentes momentos do século XX e em seguida os efeitos desta divisão sobre a obra benvenistiana. A seguir examinei algumas fragmentações particulares da obra benvenistiana não exclusivamente decorrentes da divisão saussuriana, ainda que não se possa negar que a problemática divisão entre língua-estrutura e língua-discurso que está aí em jogo seja mais um dos efeitos de uma leitura então institucionalizada, na forma do estruturalismo centrado no signo. Finalmente, aponte algumas formas sugeridas por diversos autores para se produzir a unidade, textual, epistemológica e/ou metafísica, dos textos de Benveniste. Foi possível observar que não há consenso entre os autores sobre a maneira como esse fundo comum deveria ser construído, no entanto, é digna de nota a

intenção recorrente de dar à teoria a forma de uma semântica, no sentido aberto de uma ciência do sentido e não na limitação disciplinar tradicional da filosofia da linguagem.

## 2 O SAUSSURE DOS ESTRUTURALISTAS

Le retour à Saussure et son corrélat indispensable, la distinction entre Saussure et les structuralistes, n'est pas à laisser aux spécialistes de l'histoire de la linguistique, sauf à considérer qu'il ne saurait y avoir de fossé entre l'épistémologue et l'historien des sciences.

Jean-Louis Chiss, *Synchronie/diachronie: méthodologie et théorie en linguistique*

No capítulo anterior, explorei brevemente a repartição operada na obra saussuriana. Agora, me proponho a expor em maiores detalhes como se constituem territórios dentro e a partir dos textos saussurianos e as linhagens, institucionais, bibliográficas ou conceituais, geradas com base nesses agenciamentos. Primeiramente, o foco está sobre a constituição do paradigma estruturalista, em seus vários epicentros, e a aliança dos diferentes projetos, por vezes *a posteriori*, com as temáticas ou o vocabulário do *Curso de linguística geral*. Para tal, comento o uso do saussurismo feito por alguns expoentes do estruturalismo.

De início, com um foco maior na linguística, comento a relação de Roman Jakobson, Louis Hjelmslev e André Martinet com o saussurismo, sobretudo, mas não exclusivamente, em sua forma cristalizada no *CLG*. Após, aponto, brevemente, alguns focos da irradiação do estruturalismo linguístico para a antropologia, a psicanálise e a semiologia, nas obra de, respectivamente, Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan e Roland Barthes. Em especial sobre esse segundo grupo de autores, é preciso dizer que a escolha poderia, facilmente, ter sido outra. Autores como Algirdas Greimas, Tzvetan Todorov, Oswald Ducrot ou Maurice Merleau-Ponty poderiam também figurar nesse capítulo, exemplificando suas empreitadas específicas no estruturalismo. Porém, os autores selecionados não têm apenas uma obra científica significativa, mas também contaram ao longo de sua vida, em especial no auge estruturalista do pós-guerra até o pós maio de 68, com grande espaço midiático e institucional. De certa forma, acompanho o itinerário descrito por Christian Puech:

Ce n'est en fait qu'après la seconde guerre mondiale et après de multiples détours géographiques et disciplinaires (par Prague, Copenhague, New-York,

l'anthropologie, la sociologie la philosophie...) que le Cours de linguistique générale de Saussure est valorisé en France de manière tout à la fois intense, rétrospective et paradoxale, comme la source d'un nouveau mode de pensée. (PUECH, 2013a, p. 4)

O objetivo, repito, é o de delinear a ambiguidade da relação do estruturalismo com Saussure, por vezes o Pai fundador, noutras um passo necessário, mas limitador e, ocasionalmente, um entrave para o desenvolvimento da linguística ou das ciências do homem. Sendo assim, o foco das análises está sobre os períodos no percurso intelectual de cada autor em que eles entraram em contato com o *CLG* ou algum outro texto saussuriano, e como se realizou e se desenrolou esse contato.

Roman Ossipovich Jakobson é conhecido na historiografia estruturalista pela grande variedade de assuntos que abordou ao longo de sua longa vida de pesquisa. Na *História do estruturalismo* de Dosse, o primeiro capítulo dedicado a ele o define como um homem-orquestra. A análise estrutural de diferentes línguas contemporâneas, a reconstrução do páleo-eslavo, a análise e crítica de poesia, evidenciando poetas do leste europeu pouco conhecidos no ocidente, a crítica cinematográfica e os princípios da teoria da comunicação são alguns dos assuntos que ele desenvolveu. Ao longo de sua vida, Jakobson realizou um intenso trabalho de polinização do estruturalismo, devido aos seus vários deslocamentos, motivados por diferentes acontecimentos de grande magnitude histórica, em especial a revolução russa e a expansão do nazi-fascismo, e seu hábito de formar círculos, grupos, revistas voltados para o trabalho científico em ciências humanas. Começo por um apanhado de suas errâncias. Seu percurso começa na Rússia, onde nasceu. Lá, compõe o círculo linguístico de Moscou, fundado em 1915 e presidido então por Filipp Fedorovich Fortunatov, o qual junto do grupo ОПОЯЗ (OPOJAZ), a sociedade para o estudo da língua poética de São Petesburgo, formam o que se conhece popularmente como os formalistas russos. Em 1920, Jakobson se muda para Praga, em missão diplomática para o governo soviético. Depois, em 1926, integra o círculo linguístico de Praga, com linguistas e historiadores, dentre os quais o mais conhecido é seu parceiro de muitas obras Nikolai Trubetzkoy e como diz Françoise Gadetm, no artigo *Jakobson sous le pavillon saussurien*: “[p]our la période entre les deux guerres, on ne peut parler de Jakobson sans évoquer le Prince Nicolas Troubetzkoy” (1995, parágrafo 3). Em 1939, Jakobson escapa de Praga e se dirige à Dinamarca, onde é recebido por seus conhecidos do círculo linguístico de Copenhagen. Após breves períodos na Noruega e na Suécia, onde desenvolve uma pesquisa sobre afasia no

Karolinska Universitetssjukhuset, hospital universitário aberto havia poucos anos, fuge, por medo da possível ocupação nazista, para Nova Iorque em 1941. Na cidade, oferece alguns seminários na The New School for Social Research em seu braço francófono da época, a École Libre des Hautes Études, formado por exilados francófonos. Na ocasião, Claude Lévi-Strauss frequenta seus seminários sobre linguística estruturalista, fonologia e o *Curso de linguística geral*. Nessa ocasião também tem contato com outros antropólogos-linguistas, como Franz Boas e Leonard Bloomfield. A partir de 1949, é professor em Harvard e no Massachusetts Institute of Technology, onde cada vez mais seu trabalho se voltará para a teoria da comunicação e a cibernética.

Desdobro agora alguns desses marcos temporais para ilustrar a relação de Jakobson com a obra saussuriana e o estruturalismo. O foco do círculo linguístico de Moscou era:

The inquiry into the burning questions of linguistics, conceived as the science devoted to language in its various functions, including first and foremost the analysis of poetic language. The comprehensive investigation of poetics, and particularly of metrics and the interrelation between the written and oral varieties of verbal art and of language in general [...]. (JAKOBSON, 1981, p. 280)

No curto texto de onde tirei a passagem acima, Jakobson faz uma avaliação do que havia sido o círculo de Moscou mais de 60 anos antes. Menciona seus vários colegas e professores russos, assim como as práticas recorrentes do curso como discussões teóricas e saídas de campo para coleta de material discursivo. Além das referências russas na área, são mencionados ainda filósofos como Humboldt, Husserl e Hegel. Jakobson afirma no texto que o círculo buscava sempre fundamentos filosóficos de sua atividade, mas até então, aparentemente, Saussure não era uma referência nem filosófica nem linguística para eles. No entanto, em 1916, Sergei Karchevski, quem acompanhara parte dos célebres cursos de linguística geral em Genebra, retornou a Moscou e relatou algumas das coisas que aprendeu com Saussure a seu amigo Jakobson<sup>25</sup>. Com efeito, em 1919, Jakobson menciona Saussure em seu estudo *A nova poesia russa*, mais especificamente os pares sincronia e diacronia e língua e fala. Nesse momento, ele ainda não havia tido acesso a uma cópia do *Curso de linguística geral*, o que só aconteceria no

---

<sup>25</sup> O desenvolvimento de uma reflexão semiológica na obra de Karchevski deixa claro que os ensinamentos de Saussure tiveram forte impacto em seu pensamento. É evidente, no entanto, que a sua compreensão do saussurismo se consolida em uma interpretação afim a do círculo linguístico de Praga, para mais informações, ver KARCEVSKI, 1927 e 1967 [1929].

ano seguinte (cf. GADET, 1995). O ensaio além de reunir uma série de outros conceitos não-saussurianos, frutos de reflexão própria ou coletiva do círculo de Moscou, se dedica a um objeto a princípio não previsto pelo escopo das aulas que Karcevsky teria acompanhado. Isto é, nesse primeiro momento, o contato de Jakobson com as ideias saussurianas (em sua versão do *CLG*) não é apenas indireto, como também subordinado a um percurso intelectual próprio e uma linhagem institucional e intelectual particular.

Em 1927, em *Proposition au premier congrès international de linguistes*, um dos textos centrais do estruturalismo por carregar um caráter inaugural, Jakobson mais uma vez menciona Saussure, dessa vez apresentando-o como um consenso: “La thèse de F. de Saussure définissant la langue comme un système de valeurs relatives est presque généralement admise dans la linguistique contemporaine” (2002, p.4). No entanto, o que segue é uma crítica. Em resposta ao que vê como limitações da teoria saussuriana, sobretudo em seu aspecto fonológico, o autor avança uma série de teses que serão adotadas por boa parte do estruturalismo: o conceito de marca (o que passa por uma reconsideração do aspecto acústico do fonema), a ênfase no aspecto funcional dessas marcas em sua integração no sistema e uma orientação teleológica para as mudanças nas distinções significativas. É patente que Jakobson interpreta o uso do conceito de analogia e a maneira como diacronia e sincronia são distinguidas no *Curso* como remanescentes do pensamento linguístico do século XIX, sobretudo na forma dos neogramáticos, fazendo múltiplas alusões irônicas a “l’ornière des ‘Junggrammatiker’” (p. 5, por exemplo). A suposição de uma teleologia nas transformações fonéticas e fonológicas leva Jakobson a negar a ressalva de Saussure em sua metáfora do jogo de xadrez, pois, argumenta ele que se um jogador perde uma peça no jogo de xadrez, ele se vê obrigado a reavaliar suas jogadas e “de même dans une langue donnée, on a besoin de toute une série d’innovations phonétiques visant à restabiliser le système phonologique” (*ibidem*). Essa linha argumentativa antecipa um dos pontos por onde Jakobson criticará a ideia de arbitrariedade do signo linguístico. Essa forma de pensar é característica do linguista durante o tempo que esteve na Europa, podendo referências e divergências similares serem encontradas em mais um punhado de textos até o final dos anos 30. É importante ressaltar, no entanto, que os mais ou menos 10 artigos que contém argumentações similares são, então, uma porção pequena da produção do linguista. Não se deve perder de vista ainda, no que diz respeito a esse período, a forte presença de Trubetzkoy na teoria e na prática de Jakobson. O príncipe, diferente de seu colega de círculo, não tinha o mesmo interesse por Saussure. Michel



Viel informa que: “[d]ans notre corpus bibliographique, arrêté à 1940 pour rendre possible la comparaison entre les deux linguistes, il y a trois fois plus de citations de Saussure chez Jakobson que chez Trubetzkoy” (1984, p. 57 *apud* TOUTAIN, 2012, p. 44, n. 51). Françoise Gadet aponta ainda que: “Troubetzkoy s’irritait qu’on le donne comme disciple de Saussure. Il a connu Saussure par Jakobson, tardivement dans une carrière à la fois précoce et brève, et la première mention qu’il en fait, en 1923, concerne le *Mémoire* ; quant au *CLG*, il l’a peu lu” (1995, parágrafo 4).

Em 1942, nos Estados Unidos, como mencionado, Jakobson oferece dois cursos<sup>26</sup>. Um deles foi publicado quatro anos depois, na forma de *Seis lições sobre o som e o sentido*, o outro, dedicado majoritariamente a Saussure, nunca recebeu uma versão impressa, mas as notas de sua preparação foram editadas por Linda Waugh e publicadas no volume 22 da revista *Linguistics*<sup>27</sup>. Parciais, elas recobrem poucas temáticas exploradas no curso e apenas uma em detalhes, no entanto é possível perceber nelas uma intensificação de suas críticas ao *CLG*. Ainda que o apresente “par l’un des hommages les plus appuyés qu’il ait jusque là accordé à Saussure” (GADET, *op. cit.*, parágrafo 20), ressaltando sua genialidade evocadora de novos conceitos e caminhos para a ciência linguística, “[i]l le trouve toutefois excessivement atomiste et réducteur” (*ibidem*). Jakobson nega a definição de linguagem oferecida no *CLG*, assim como as de língua e fala. Rejeita também o papel do locutor que encontra na obra, assim como a relação entre sincronia e diacronia, principalmente no que diz respeito à mutabilidade do signo. Para Jakobson, “le *CLG*, avec ses illuminations géniales et ses contradictions, constitue une étape entre la réflexion des Néo-grammairiens et celle du Cercle de Prague... et la sienne propre ; une étape inachevée, à laquelle manquerait l’idée de fonction” (parágrafo 27). Isto é, as limitações do *Curso* se explicariam por seu caráter transitório e a sua genialidade consiste nos pontos em que se impulsionou a transição das concepções do século XIX àquelas do século XX, representadas por Jakobson e seus colegas de círculo. Vemos que teleologia não é exclusividade da sua teoria linguística. Vale comentar, ainda sobre as notas de aula, que Jakobson é um dos primeiros (sendo o primeiro provavelmente Antoine Meillet) a levantar a hipótese da incompreensão de diferentes

<sup>26</sup> E no período letivo seguinte alguns outros: “[d]eux cours suivirent pendant l’année universitaire 1942-1943, consacrés l’un aux ‘Changements de la langue’, l’autre à ‘L’affinité et la parenté des langues’, sans parler des quinze leçons réservées chaque semestre à ‘La Phonologie’” (JAKOBSON, 1987, p. 318).

<sup>27</sup> É possível consultar as notas em língua original (francês) em JAKOBSON, 1987 sob o título *La théorie saussurienne en rétrospection*.

elementos da reflexão saussuriana por parte dos editores, resultando em um texto confuso e, por vezes, contraditório.

A partir desse período, também se reforça o hábito do autor de minimizar os desenvolvimentos saussurianos, remetendo a “originalidade” de diferentes ideias a autores, geralmente tchecos, poloneses ou russos, ou de colocá-lo como um entre muitos na transição dos neogramáticos ao estruturalismo:

[L]es problèmes ont été ébauchés avec le plus de clairvoyance par le grand linguiste polono-russe Baudouin de Courtenay, par le célèbre maître de Paris et de Genève, Ferdinand de Saussure, par l’investigateur zélé de la langue suédoise Adolf Noréen et par deux philosophes de Prague qui se sont attachés aux problèmes du langage, à savoir T. G. Masaryk et Anton Marty (JAKOBSON, 1987, p. 395)

Em um texto publicado um ano após a realização desse curso, a saber, *Polish-russian cooperation in the science of language*, Jakobson se define como um neto espiritual de Baudouin e Fortunatov e em defesa das ideias de Baudouin, diz que: “Polianov and Ščerba asserted that Russian linguistics inspired by Baudouin had nothing to learn from F. de Saussure’s *Cours de linguistique générale*” (1971, p. 454). Para ele, “[y]oung Russians, Czechs, Slovaks, and Poles were persevering pioneers of structural linguistics both in phonology and in the study of poetic language” (*ibidem*), isto é, seu substrato intelectual os tornava estruturalista *avant la lettre*. Em um texto bem posterior, *Relations entre la science du langage et les autres sciences*, publicado em 1970, é possível observar dois dos pontos indicados acima. Em primeiro lugar, a reconstituição de alguns princípios da linguística saussuriana a pensadores de origem eslava: “[l]a plupart des concepts et principes théoriques fondamentaux exposés par Saussure remontent à ses contemporains aînés, Baudouin de Courtenay et Kruszewski ; mais dans le *Cours* certaines de ces notions étaient présentées d’une manière plus claire et plus développée [...]” (1973, p. 17). Em segundo lugar, o caráter de transição do *CLG* e o progresso da ciência linguística que desemboca no estruturalismo praguense: “[i]l faut ajouter cependant que l’analyse concrète des systèmes linguistiques était confiée aux chercheurs futurs” (*ibidem*).

Há muito mais a dizer sobre a relação de Jakobson com Saussure e sua obra, no entanto o rápido percurso que apresentei basta por agora para observar a ambivalência desse laço. Uma referência que persiste ao longo de toda a vida de Jakobson, no entanto, sempre acompanhada de duras críticas, divergências e rejeições. Engler fala de uma “adesione implícita, e uma crítica

quasi totale” (*apud* Gadet, 1995, parágrafo 18) e Gadet completa: “ce qui, dans les années trente, le distingue assez nettement de l’attitude des autres linguistes européens, qui sont soit acquis, soit hostiles” (*ibidem*). Não se pode perder de vista, ao se encarar a temática do estruturalismo, o quanto as posições de Jakobson influenciaram pensadores como Martinet, Lévi-Strauss e Lacan, adicionando estrutura onde antes só havia sistema, impondo uma exigência funcionalista à epistemologia saussuriana e, especialmente, generalizando a metodologia desenvolvida junto a Trubetzkoy para trabalhar com o fonema para as mais diversas áreas de estudo nas ciências da linguagem e humanas.

André Martinet nasce na França em 1908. Nos anos 30 obtém seu doutorado com duas teses: *La gémination consonantique d’origine expressive dans les langues germaniques* e *La phonologie du mot en danois*, recebendo sua *agrégation* em inglês. De 1938 a 1946, Martinet é *directeur d’études* da École Pratique des Hautes Études e ocupa uma cátedra de fonologia criada para ele. Após, parte para os Estados-Unidos, diferente da maioria dos intelectuais europeus que o tinham feito antes da deflagração da segunda guerra mundial. Lá, ele se torna professor da universidade de Columbia, ensinando linguística até 1955 (a posição é obtida com a ajuda de Jakobson), ano em que retorna à França, onde retoma seu posto na École e começa a ensinar também na Sorbonne.

Uma de suas maiores influências, já no início de sua carreira acadêmica, é o círculo linguístico de Praga. Por isso, sua inscrição no estruturalismo é parcial, pois sempre defendeu a necessidade do conceito de função para os estudos da linguagem, termo ausente como conceito no *CLG* e também não um conceito canônico do estruturalismo generalizado. Porém, suas viagens, como as de Jakobson, possibilitaram trocas diversas: “[e]n effet, il est entré en contact avec trois écoles structuralistes très importantes: l’école de Copenhague, le courant néobloomfieldien aux États-Unis, et le cercle de Prague” (VERLEYEN, 2013, p. 1). Assim, Martinet será, em parte, um propagador do estruturalismo no formato do círculo de Praga, contribuindo para as leituras indiretas de Saussure, sobretudo ao retomar críticas feitas por Jakobson e Trubetzkoy. Em *La phonologie du mot en danois*, de 1937, a influência da escola de Praga já se faz presente, pois, nela, “[l]a notion de fonction est de même centrale” (TOUTAIN, 2012, p. 157). No entanto, “Otto Jespersen aura également une influence non négligeable sur Martinet, qui traduira le livre *Language, its nature, origin and development* (1922) en français” (*ibidem*). Sobre a sua relação com o círculo de Copenhague e com sua figura mais proeminente,

Hjelmslev, Martinet dirá: “la pensée hjelmslevienne a exercé sur la mienne le même genre d’influence que la pensée de Prague sur celle de Hjelmslev, c’est-à-dire une influence profonde, à certains égards décisive, mais négative” (MARTINET, 1993, p. 239). Progressivamente, o linguista se afasta da influência jakobsoniana, considerando Trubetzkoy o representante dos melhores desenvolvimentos da linguística produzida em Praga. De Jakobson, diz até que tem ideias bizarras e insiste em um “universalisme binariste” (*idem*, p. 125).

Como sobre os outros intelectuais da época, a fonologia desenvolvida pelo círculo linguístico de Praga deixa uma forte impressão sobre Martinet, devido aos resultados obtidos e a cientificidade construída, e reconhecida, para esse domínio da linguística. Por essa razão, críticas como aquelas feitas aos conceitos de sincronia e diacronia, língua e fala e à concepção do papel dos falantes encontram eco na obra do autor e ali se transformam. O papel da mudança linguística é de novo central ao se elaborar um afastamento (ou ultrapassagem) do programa de pesquisas do *CLG*. Como coloca Verleyen:

Tant Jakobson et Troubetzkoy que Martinet s’opposent résolument à l’agnosticisme des néogrammairiens quant à l’explication du changement linguistique [...]. L’histoire de la langue, comme l’histoire en général, a une raison d’être et ne saurait être considérée comme une suite de mécanismes destructeurs (VERLEYEN, p. 24)

Esse “agnosticismo” dos neogramáticos era imputado também a Saussure. O desenvolvimento de uma crítica da ideia de mudança se desenvolve de maneira particular em Martinet em direção a um conceito que ocupa, após os anos 50, um lugar central em sua reflexão: o de economia. Para ele, “‘économie’ recouvre tout: réduction des distinctions inutiles, apparition de nouvelles distinctions, maintien du statu quo. L’économie linguistique, c’est la synthèse des forces en présence” (MARTINET, 1955, p. 97). Esse conceito vem garantir, pensa o autor, o realismo da linguística que se tenta realizar. Na abertura da obra *Économie des changements phonétiques* consta:

Ceux qui tendent à identifier “phonologie” et formalisme linguistique s’étonneront peut-être de voir ce terme rapproché de celui d’“économie” avec tout ce que ce dernier implique de réalisme et de dynamisme. On espère que la lecture des pages qui suivent les convaincra que le choix n’est pas entre une linguistique traditionnelle que paralyse le respect du fait isolé, et une linguistique “structurale” où se donne libre cours l’arbitraire du linguiste, entre une routine dépassée et un byzantinisme stérile. L’analyse fonctionnelle et structurale, lorsqu’on la conduit judicieusement, c’est-à-dire sans négliger

aucun aspect de l'objet à l'étude et en veillant que tempéraments et partis pris ne viennent pas déformer la réalité, conduit à une hiérarchie des valeurs au moins aussi "réelle" et infiniment plus productive que la masse des faits considérés un à un. (1955, p. 7)

Trata-se, então, por meio do conceito de economia, de superar a inépcia tanto da linguística tradicional diante do fato linguístico isolado, quanto da linguística "estrutural" (as aspas aqui são significativas) que se deixa levar por particularidades (o arbitrário linguístico é apresentado em seu sentido menos técnico). Seria possível tentar traçar uma genealogia do conceito de economia de Martinet a partir do valor saussuriano e das metáforas comerciais que se encontram no CLG, no entanto, parece mais próximo de Martinet uma concepção própria das teorias econômicas de um terceiro termo entre o construto teórico e o nível da ação particular: o modelo econômico. No âmbito de um modelo operacional se torna possível colocar em relação (estrutural) as ações particulares com fins comunicativos (funcionais). A ideia de economia do sistema linguístico, por vezes, se traduz no "princípio do menor esforço", a tendência evolutiva das unidades do sistema em adotar formas menos exigentes articulatória e cognitivamente. Nessa compreensão de economia, a referência de Martinet é o psicólogo Zipf. No entanto, noutras vezes o conceito de economia é usado, pelo linguista, de maneira mais refinada e tenta descrever a multiplicidade de tendências que pode atuar sobre um sistema linguístico, restringindo-se, todavia, exclusivamente ao que é entendido como fatores internos da língua. A economia das trocas linguísticas acaba por implicar uma concepção de rendimento, associada a uma eficiência comunicativa, isto é, ao melhor desempenho das funções atribuídas a cada unidade da língua: "[o]r, Martinet prétend que tout système phonologique tend vers un haut rendement fonctionnel afin de préserver les oppositions fonctionnellement importantes. Ainsi, nous en arrivons aux mécanismes évolutifs fonctionnels, qui sont étroitement liés au rendement fonctionnel (VERLEYEN, *idem*, p. 12). É sob essa forma que a teleologia dos linguistas de Praga reaparece na teoria de Martinet.

Para o autor, o legado de Saussure se mantém na medida em que possibilita a prática científica, entendida no quadro do realismo que ele acredita ser singular da combinação de funcionalismo e estruturalismo da sua linguística. Realismo, pensa, quer dizer objetividade e empiria (cf. MARTINET, 1989). Nesse sentido, louva a distinção sincronia e diacronia por seu acréscimo de objetividade à prática da linguística, mas deprecia os conceitos de língua e fala:

L'enseignement saussurien a fait faire à la recherche linguistique un pas décisif en distinguant absolument entre synchronie et diachronie. Mais la dichotomie langue-parole, en renforçant le psychologisme traditionnel, n'a pu que retarder l'avènement de la phonologie et, lors même que celle-ci s'était établie, elle a longtemps empêché certains linguistes de reconnaître les véritables fondements, de la nouvelle discipline. (MARTINET, 1966, p. 318)

O psicologismo criticado por Martinet decorre da imaterialidade da língua, o que para ele implica uma forma de subjetivismo. A crítica ao signo linguístico é similar. Para ele, a imaterialidade do signo saussuriano, assim como de seus componentes, fere a cientificidade fundamentada sobre a empiria. A solução seria adotar o que ele pensa ser um realismo estrito, partindo do princípio de que: “on parle pour être compris, et l’expression est au service du contenu” (p. 30). Significante e significado são termos pouco adequados no entendimento de Martinet, pois remeteriam à abstração. Ele prefere os conceitos de expressão e conteúdo (em uma referência hjelmsleviana aberta), equacionando-os às unidades fonema e monema. Mais tarde em sua carreira, adota ainda os termos manifestação/signo. A diferença, reitero, não é apenas uma de nomenclatura, mas uma tentativa de situar a língua no estrito quadro de uma finalidade comunicativa.

Nessa vista d’olhos da relação de Martinet com Saussure, foi possível observar uma grande mediação em sua leitura através de outros linguistas como Jakobson e Hjelmslev e também o uso de noções novas ao estruturalismo linguístico, como economia e rendimento. Suas críticas ao genebrino focam sobretudo certas concepções que Martinet considera excessivamente subjetivas ou não realistas. Sua maior exigência é que os conceitos e sua articulação se organizem tendo em vista a finalidade comunicativa da língua, com ênfase na articulação fonológica, considerada, em geral, do ponto de vista da substância.

Louis Trolle Hjelmslev nasceu em 1899 em Copenhague<sup>28</sup>. Filho de um matemático especializado em geometria, estudou gramática comparada em diferentes pólos de pesquisa linguística da época. Já na escola demonstrou interesse pelo assunto, ao ler *Sprogets logik* [A lógica da língua], de Otto Jespersen. Em 1917 ingressa na universidade e começa seus estudos em linguística junto de importantes pesquisadores como Holger Pedersen e Kristian Sandfeld entre outros. Para a conclusão de seu curso em 1921, redige uma monografia sobre a fonologia do lituano. É interessante que o primeiro trabalho de Hjelmslev trate da fonologia do lituano, um assunto tão caro a Saussure. Não por acaso, Hjelmslev será um dos primeiros a sublinhar a

<sup>28</sup> Diversas informações biográficas foram obtidas em LIMA, 2010.

continuidade entre a exposição do *Mémoire* e as preocupações do CLG. Também vai à Lituânia, onde conhece o linguista Kazimieras Buga, para refinar seus conhecimentos sobre idioma e em 1923 defende uma dissertação sobre o assunto. Em seguida passa um período de estudos em Praga e entre 26 e 27 estuda em Paris, sob a tutela de Antoine Meillet e Joseph Vendryes. Em 1931 é fundado por Hjelmslev o círculo linguístico de Copenhague com a ajuda de seu discípulo e amigo Hans Jørgen Uldall<sup>29</sup>, grupo que obtém renome e alcance que cruzam as fronteiras da Dinamarca, tendo membros de diferentes países da Europa e também dos Estados-Unidos. Em 1932 obtém sua titulação de doutorado com um estudo sobre a fonologia báltica. Durante os anos 30, quando se comemorava o centenário da morte de Rasmus Rask, Hjelmslev preparou uma série de publicações sobre o renomado linguista dinamarquês, uma de suas inspirações no estudo das línguas indo-europeias. Em 1936, Hjelmslev e Uldall apresentam finalmente os esboços da teoria que vinham preparando: a glossemática. Até o final de sua vida, Hjelmslev trabalhará no desenvolvimento de sua teoria, assim como de princípios gerais para a elaboração de gramáticas descritivas.

Primeiramente, é importante ressaltar que uma associação entre Hjelmslev e Saussure não é o produto da leitura de um terceiro, ou de comentários e críticas que Hjelmslev teria feito sobre a obra de Saussure ou sobre seu lugar no estruturalismo. Para o dinamarquês, sua reflexão é não apenas uma herança direta de Saussure, como também uma tentativa constante de honrar o potencial de sua teoria. No primeiro capítulo de *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, podemos ler: “[u]m único teórico merece ser citado como pioneiro indiscutível: o suíço Ferdinand de Saussure” (1975, p. 5). O genebrino é para Hjelmslev um modelo, pois seu objetivo nos *Prolegômenos* é constituir uma linguística que “deve procurar apreender a linguagem não como um conglomerado de fatos não-linguísticos (físicos, fisiológicos, psicológicos, lógicos, sociológicos), mas sim como um todo que se basta em si mesmo, uma estrutura *sui generis*” (*op. cit.*, p. 3, grifos do autor). O papel que confere a Saussure é tal, que fala mesmo com desdém de outros pesquisadores que tentaram propor axiomas para o estudo da linguagem, como Leonard Bloomfield e Karl Bühler, cuja insuficiência estaria no caráter transcendental de sua teoria linguística e, por conseguinte, sua inevitável subjetividade. No entanto, nos próprios

---

<sup>29</sup> Uldall é um linguista com uma carreira interessante, tendo inclusive estudado sob Franz Boas durante o período em que esteve nos Estados Unidos. Sua formação foi originalmente em inglês e isso resultou em uma série de viagens aos EUA, à Inglaterra e à África anglófona. Apesar de seu papel importante no desenvolvimento da glossemática, suas ideias divergiram progressivamente das de Hjelmslev.

*Prolegômenos*, se vê numerosas divergências, implícitas e explícitas com a teoria saussuriana como retratada no *CLG*. Hjelmslev ignora a especificidade conceitual das duas faces do signo de Saussure, o significante e o significado, assim como as diferentes formas do conceito dentro do *CLG*, substituindo os conceitos anteriores de imagem acústica e conceito por expressão e conteúdo, como se esses conceitos (advindos de outra tradição filosófica) fossem equivalentes àqueles. Essa mudança leva em conta ainda as massas amorfas do pensamento e do som postuladas por Saussure como as nebulosas onde a língua recortaria os signos. Para Hjelmslev, a metafísica saussuriana está equivocada ao postular essa precedência de uma substância do pensamento ou do som, pois sendo a língua forma e não substância (postulado saussuriano que o autor cita à exaustão), tudo que diz respeito à substância seria alheio à linguística. Dessa transformação, surge o conceito de signo hjelmsleviano, quadripartido em uma derivação do signo saussuriano, transformando significante e significado em plano da expressão e plano do conteúdo, respectivamente, e dentro desses planos, dividindo-os em forma da expressão e substância da expressão e forma do conteúdo e substância do conteúdo. A mudança dos conceitos, todavia, tem outras consequências teóricas, afastando ainda mais os dois linguistas. A substância, da maneira como é oposta à forma nos *Prolegômenos*, se torna sinônimo de sentido. Para Hjelmslev, “[...] a descrição do sentido deve ser concebida, tanto para a expressão quanto para o conteúdo linguístico, como cabendo essencialmente à física e à antropologia (social)” (*op. cit.*, p. 81, grifos do autor). A afirmação anterior pode soar estranha, mas sua justificativa, seguindo a argumentação de Hjelmslev, é simples: “[a] substância dos dois planos pode ser considerada em parte como constituída por objetos físicos (os sons no plano de expressão e as coisas no plano do conteúdo e em parte como a concepção que o sujeito falante tem desses objetos” (*ibidem*). Aquilo que Saussure havia excluído de todo da ciência linguística, o aspecto fisiológico da sonoridade e o referente, exemplarmente em seu conceito de signo, mas sustentado por toda sua teoria, ressurge dentro do signo hjelmsleviano, ainda que, por princípio, deva continuar excluído da pesquisa linguística.

Alhures, o linguista também louva Saussure pela cientificidade que ele foi capaz de imprimir ao campo. Nesse aspecto, sem dúvida, os estruturalistas estão em consonância, ainda que mudem idiossincraticamente os elementos que eles consideram exemplares do fazer científico. Em *Structural analysis of language*, Hjelmslev coloca Saussure como fundador da abordagem estruturalista: “Ferdinand de Saussure may in many respects be considered the



founder of the modern science of language. He too was the first to call for a structural approach to language [...]” (p. 69). Aqui, evoca-se uma dupla associação, ao saussurismo como inaugurador de uma nova ciência linguística e ao estruturalismo, distinto do primeiro, ainda que reivindicado pelo mesmo Saussure. Um pouco mais a frente no texto (p. 73), Hjelmslev se vangloria de ser o maior seguidor da frase final do *CLG* (“*a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma*” (p. 271, grifado no original)), sendo inclusive parabenizado por Charles Bally por isso<sup>30</sup>, todavia, conclui:

I should like to emphasize that the theory of glossematics should not be identified with that of Saussure. It is difficult to know what were in detail the conceptions in Saussure’s mind, and my own theoretical approach had begun to take shape, many years ago, before I even knew of Saussure’s theory. Reading and rereading Saussure’s lectures has given me confirmation in regard to many of my views; but I am necessarily looking at his theory from my own angle, and I should not like to go too far in my interpretations of his theory. I have mentioned him here in order to emphasize my profound indebtedness to his work. (p. 74)

Em *Structural analysis of language*, então, fica exposta mais claramente do que nos *Prolegômenos* a posição de Hjelmslev quanto à obra saussuriana. Reconhece a dificuldade em entender suas minúcias e por isso prefere se abster de declarar sua teoria como propriamente saussuriana e prefere falar em termos de uma dívida intelectual.

Para colocar em perspectiva as diferentes relações do círculo de Praga e do de Copenhague com Saussure, vejamos o que Trubetzkoy diz a Jakobson em uma carta sobre a monografia de 1921 de Hjelmslev: “en lisant le travail de Hjelmslev sur la phonologie lituanienne, j’ai éprouvé moi-même un fort sentiment de révolte contre le caractère de plus en plus algébrique de la linguistique” (TRUBETZKOY, 2006 *apud* BERGOUNIOUX et al., 2007). Se percebe já no *Mémoire* de Saussure a tendência à formalização dos elementos linguísticos e no *CLG* a prospecção de uma completa algebrização da pesquisa linguística e o próprio círculo de Praga busca a formalização de uma série de aspectos da língua. Todavia, a crítica de Trubetzkoy, e a provável anuência de Jakobson, estão de acordo com sua posição sobre o que eles retiveram do *CLG*, uma precedência da forma sobre a substância que devia ser combatida para que fosse possível o desenvolvimento da fonologia que eles buscavam. A posição de

---

<sup>30</sup> Esse fato não deixa de provocar, ao mínimo, um erguer de sobrancelhas, sabendo que em parte alguma se encontrou fonte textual que confirmasse a enunciação dessa sentença por Saussure, mas isso é apenas uma curiosidade.

Hjelmslev é contrária. Para ele, apesar da astúcia que levou à distinção de forma e substância, o *CLG* dá primazia descabida à substância, por lhe dar ontologicamente precedência à forma. O dinamarquês, apesar de seu uso da etiqueta estruturalista e de sua admiração por Jakobson, não concorda que a linguística de Praga, ao menos sua fonologia, seja propriamente saussuriana. Haveria ainda muito o que dizer sobre a relação de Hjelmslev e Saussure, sobre a maneira como outros conceitos são adaptados, transformados ou rejeitados, mas os pontos que illustrei aqui servem para exemplificar tanto como alguns pontos da teoria saussuriana foram apropriados pelo linguista dinamarquês, como para apontar a diferença de seus interesses em relação a Martinet e Jakobson. Vale notar que a leitura Hjelmsleviana servirá de sustentação para muitos trabalhos posteriores, sobretudo na semiótica, tendo como seu principal continuador Algirdas Greimas, quem, por meio de uma leitura hjelmsleviana ainda é capaz de reivindicar-se um saussurismo (e de propor uma conciliação com a fenomenologia de Mearleau-Ponty<sup>31</sup>).

Até aqui foi possível observar como três linguistas de grande importância para o desenvolvimento da linguística estrutural no século XX se apropriaram de proposições saussurianas, majoritariamente dentre aquelas que podem ser encontradas no *CLG*, e transformaram esses conceitos para o desenvolvimento de suas teorias. É possível perceber nesses três pesquisadores da linguagem diferentes maneiras de filiar-se ao saussurismo. Para citar algumas: inclusão em uma tradição, obtendo assim espaço institucional (Viel (1984), por exemplo, comenta que nos retoques que deu a seus textos nos *Selected Writings*, Roman Jakobson incluiu uma série de referências a Saussure onde antes não havia nenhuma); garantia, de partida, de cientificidade da empreitada; leitura dos trabalhos saussurianos como exposições metodológicas e não epistemológicas e vice-versa; uso parcial dos conceitos, alterando suas relações; uso mínimo dos conceitos, usando-os como meras sugestões. Ainda que cada apropriação esteja carregada de idiosincrasias, as três serviram, historicamente, a um mesmo propósito, estabelecer Ferdinand de Saussure como o pai do estruturalismo (que percebemos serem vários, se levamos a sério as divergências entre os autores). Agora, me volto para facetas do movimento estruturalista além da linguística, a saber, nesta ordem, da antropologia, da semiologia e da psicanálise através de um representante de cada disciplina.

Claude Lévi-Strauss nasceu em 1908 em Bruxelas de pais franceses e cresceu em Paris. Realiza sua formação na Sorbonne em direito e filosofia, mas apenas prossegue em seus estudos

---

<sup>31</sup> Cf. ZILBERBERG, 1997.

na segunda área. Em 1935, em um arrombo de ousadia, como relata em *Tristes trópicos*, decide por partir ao Brasil com uma missão cultural francesa para ensinar sociologia na recém estabelecida USP. No Brasil, envolve-se com a etnologia através dos cursos de Dina Dreyfus, outra francesa em missão, sua futura esposa, e se tornou antropólogo. Junto dela, parte em duas missões etnográficas, uma ao Mato Grosso e outra a Rondônia, locais onde entrou em contato com índios Guaiacuru, Bororó, Nambiquara e Tupi-Kawahib. Em 1939 retorna à França, mas após uma série de infortúnios, incluindo a perda da cidadania francesa em razão de sua ancestralidade judaica, Lévi-Strauss se vê obrigado a emigrar. Em 1941, ele chega aos Estados- Unidos e passa a ensinar na New School for Social Research, em seu braço francês, a École Libre des Hautes Études, ao lado de Roman Jakobson, como já mencionado (cf. *supra*, p. X). No ano seguinte acompanha os cursos de Jakobson e aprende sobre o *Curso de linguística geral*, a fonologia e, sobretudo, a metodologia da linguística estrutural (do círculo de Praga). O impacto desses cursos sobre seu pensamento é imensurável e em 1948 é publicada sua tese de doutoramento *As estruturas elementares de parentesco*, obra que exemplifica o efeito desse aprendizado sobre o antropólogo (Émile Benveniste é parte da banca examinadora, o que demonstra ainda mais o desejo de Lévi-Strauss de se aproximar da linguística de então, no entanto, esse movimento não se dá tão rapidamente). A publicação de *Tristes trópicos* em 1955 o consagra não apenas como um dos mais célebres antropólogos franceses de então, mas como um dos gigantes da intelectualidade francesa (cf. DOSSE, 1993, p. 31-38). A publicação de *Antropologia estrutural* três anos depois reforça essa posição, consolidando um território disciplinar e institucional. Como coloca Christopher Johnson:

The publication of *Anthropologie structurale* in 1958 can be viewed as a defining moment in the history of French anthropology. The title of the work is itself a provocative statement of intention. The epithet ‘*structurale*’ signals the resolutely theoretical approach Lévi-Strauss was proposing for his discipline [...]. (2003, p. 12)

Se entre os anos 40 e os anos 50 Lévi-Strauss assume resolutamente uma abordagem estrutural, isso não deixa claro, ao contrário do que se poderia pensar, qual seria sua relação com Ferdinand de Saussure. Em *As estruturas elementares de parentesco*, Ferdinand de Saussure não é citado uma única vez (curiosamente, seu filho, Raymond de Saussure, psicanalista com formação junto a Sigmund Freud e Franz Alexander, é mencionado uma vez no prefácio da obra). Com efeito, a obra é dedicada a Lewis Morgan, antropólogo estado-unidense, e é aberta

com uma epígrafe de Edward Tylor, antropólogo britânico e ainda que haja um punhado de menções a Jakobson (e nenhuma a Trubetzkoy), inclusive com um agradecimento especial no prefácio, são muito mais numerosas as menções a Bronislaw Malinowski, polonês, Robert Lowie, estado-unidense, Alfred Radcliffe-Brown, britânico e James Frazer, escocês, todos antropólogos. Outro nome de peso presente no livro é o de Émile Durkheim, ainda que sua abordagem à antropologia e à etnologia, que as subordina à sociologia, seja rejeitada por Lévi-Strauss. De fato, a recepção da obra do antropólogo francês é dividida nas duas áreas linguísticas em que atuou nos anos 40 e 50:

it is one of the ironies of the history of the reception of Lévi-Strauss's work in anthropology that he has sometimes been reproached by his French colleagues for his undue attachment to the "Anglo-Saxon" tradition, while his English-speaking colleagues have criticized his French penchant for speculation, abstraction and generalization, a rationalism that can be economical in its treatment of observed fact (JOHNSON, 2003, p. 9)

Não se pode ignorar a importância desse substrato teórico anglófono, pois nas obras desses autores já existe uma teorização que se constroi com noções como sistema, símbolo, função, estrutura (social) e uma epistemologia universalista. Além disso, a fundamentação metodológica e epistemológica que sustenta a explicitação das estruturas de parentesco é, antes de tudo, matemática, baseada no conceito de grupo de Klein, desenvolvido por Felix Klein, matemático alemão (Lévi-Strauss recebeu o auxílio de André Weil no uso dessa ferramenta). Todavia, isso não implica nenhuma subordinação de Lévi-Strauss às teorias advindas do mundo anglófono, pelo contrário, as cisões são numerosas e só se multiplicam com o passar do tempo, demonstrando apenas que supor, desde *As estruturas elementares de parentesco*, uma forte influência do estruturalismo europeu, sobretudo de algum tipo de saussurismo, pode ser um exagero retrospectivo.

Dez anos depois (alguns artigos são da época da obra anterior, porém), em *Antropologia estrutural*, uma coletânea de artigos, referências a autores da linguística, de ambos os continentes, começam a se fazer mais presentes. Constam dois representantes da antropologia linguística estado-unidense, Benjamin Lee Whorf e, com mais intensidade, Franz Boas. Do chamado estruturalismo europeu, há algumas menções a Émile Benveniste, apenas três a Ferdinand de Saussure (mas um artigo dedicado a seu filho, Raymond), em três artigos diferentes. A primeira (p. 33) o coloca em atraso em relação a certos desenvolvimentos

linguísticos de Boas, a segunda (p. 45), uma nota de roda-pé, coloca Saussure e Meillet como fundadores da linguística moderna, mas responsáveis por sua subordinação à sociologia e a última (p. 238-239) trata da arbitrariedade linguística como uma noção datada e insuficiente, citando o célebre artigo de Benveniste de 1939, *Nature du signe linguistique*, e de suas consequências para os conceitos de língua e fala. De Jakobson e Trubetkoy, no entanto, abundam citações, para os termos disciplinares de linguística e fonologia igualmente. Aqui é possível entrever a instalação da linguística como modelo de cientificidade, sobretudo em sua versão da fonologia de Praga. Para Lévi-Strauss, se trata sobretudo de equiparar a estrutura de parentesco com a língua, seus objetos e pessoas com os fonemas e as trocas deles com a comunicação. Há grande desenvolvimento metodológico também para as noções de sincronia e diacronia e de signo, significante e significado. A distância em relação ao saussurismo se faz evidente na quase ausência de noções como valor e sistema e a total ausência das noções de eixos sintagmáticos e associativos. Outra grande mudança teórica de *Antropologia estrutural* é o grande crescimento da importância de Émile Durkheim, a quem o volume é dedicado, e, principalmente, Marcel Mauss.

Em 1950, 8 anos antes da publicação de *Antropologia estrutural*, Claude Lévi-Strauss escreve uma introdução a uma coletânea de textos de Marcel Mauss intitulada *Sociologie et anthropologie*. Nesse texto, Lévi-Strauss o apresenta como o precursor da grande mudança intelectual que acontecia então: “on est d’abord frappé par ce qu’on aimerait appeler le *modernisme* de la pensée de Mauss” (p. 10, grifo do autor). Seu modernismo é seu estruturalismo *avant la lettre*: “une évolution objective qui s’est produite dans les sciences psychologiques et sociales au cours des trente dernières années, et dont la valeur de l’enseignement de Mauss est d’avoir été une première manifestation, et d’y avoir largement contribué” (p. 43). Segundo Lévi-Strauss, Mauss pensa que: “[t]oute culture peut être considérée comme un ensemble de systèmes symboliques au premier rang desquels se placent le langage, les règles matrimoniales, les rapports économiques, l’art, la science, la religion “ (p. 17). A concepção da cultura como um conjunto de linguagem, economia, arte etc. não é de toda novidade no contexto da sociologia francesa, mas a definição de cada um desses domínios como diferentes sistemas simbólicos coloca Mauss próximo de alguns dos estruturalistas russos e tchecos mais conhecidos. Seguindo a linha dos círculos de Moscou e Praga, Lévi-Strauss identifica em Mauss a autonomia desses diferentes sistemas: “[c]omme le langage, le social est une réalité autonome (la même, d’ailleurs)

; les symboles sont plus réels que ce qu'ils symbolisent, le signifiant précède et détermine le signifié” (p. 28). Como para Martinet e principalmente Jakobson, há uma precedência teórica e fenomenológica do significante sobre o significado. Ao tratar da metodologia de Mauss, Lévi-Strauss a compara com os procedimentos que iniciaram a fonologia de Praga: “[o]n remarquera que cette technique opératoire est très voisine de celle que Troubetzkoy et Jakobson mettaient au point, à la même époque où Mauss écrivait l'*Essai*, et qui devait leur permettre de fonder la linguistique structurale” (p. 30). A introdução a obra de Mauss ficou conhecida como um dos primeiros textos de exposição da fonologia estruturalista como uma metodologia importável para a antropologia e a etnologia e também que apresentava esse método como o predominante da contemporaneidade (Cf. DOSSE, 1993, 47-48). Vale notar então a ausência do nome de Ferdinand de Saussure e a predominância de referências ao círculo de Praga. Além disso, o projeto global de então não é a semiologia como sonhada por Saussure, mas uma teoria da comunicação:

D'autre part, en s'associant de plus en plus étroitement à la linguistique, pour constituer un jour avec elle une vaste science de la communication, l'anthropologie sociale peut espérer bénéficier des immenses perspectives ouvertes à la linguistique elle-même, par l'application du raisonnement mathématique à l'étude des phénomènes de communication (p. 32)

As referências são a *Cybernetics* de Norbert Wiener e *The mathematical theory of communication* de Warren Weaver. O objetivo da aproximação da antropologia com a linguística para o desenvolvimento de uma semiologia, entendida nos termos da “ciência que estud[a] a vida dos signos no seio da vida social” (p. 24) só será idealizado mais tarde, até lá, vale o paradigma comunicacional baseado na cibernética, nos novos desenvolvimentos da computação e da matemática (cf. GEOGHEGAN, 2011). Exemplarmente, o projeto semiológico é apresentado na aula inaugural proferida no Collège de France em 1960, incluída no segundo volume de *Antropologia estrutural* (1973), como a própria definição de antropologia, no entanto, as opiniões de Lévi-Strauss sobre a teoria saussuriana, como ela pode ser percebida no *CLG*, são totalmente marcadas por uma perspectiva de deficiência em relação ao estruturalismo de Praga e ao estado da psicanálise no meio do século XX.

Curiosamente, em *Antropologia estrutural dois* Lévi-Strauss estabelece Jean-Jacques Rousseau como outro de seus precursores, assim como reforça a importância de Durkheim para sua teoria. Esse pequeno percurso serviu para demonstrar a marginalidade do saussurismo na

obra de Lévi-Strauss, tido como um dos grandes nomes do estruturalismo. Saussure é um marco histórico herdado da narrativa jakobsoniana do desenvolvimento da linguística e o *CLG* uma fonte de ocasionais conceitos de variada aplicação metodológica. No entanto, o que Lévi-Strauss de fato assimila da linguística, nessa época, é o método de isolamento de unidades em uma estrutura da fonologia de Praga.

Jacques Lacan nasceu em 1901 em Paris. Sua família é fervorosamente católica e ele tem uma educação religiosa nos primeiro e segundo graus, realizados em uma instituição jesuítas. Estuda medicina e se especializou em psiquiatria, concluindo sua formação em 1931, ao se tornar psiquiatra forense. Obtém seu *doctorat d'état* no ano seguinte com uma tese sobre psicose paranoica, na qual, além de uma série de psicólogos, psicanalistas e psiquiatras, cita filósofos como Henri Bergson e Jakob von Uexküll que serão importantes no desenvolvimento de certas correntes estruturalistas posteriores, como de Gilles Deleuze, mas que não fazem parte das referências majoritárias de então. Durante os anos 30 tem uma relação próxima com o surrealismo europeu, a qual estimula trocas da psicanálise à arte (SANTOS, 2002; REZENDE, 2011) e da arte à psicanálise (MARCEAU, 2004). Se junta a *Société Psychanalytique de Paris*, porém não participa dela por muito tempo, em primeiro lugar por causa da intermissão forçada pela segunda guerra mundial, mas também por divergências teóricas e metodológicas (DOSSE, 1993, p. 117-152), desassociando-se em 1953. Subsequentemente, participa da fundação da *Société Française de Psychanalyse*. Nos anos 40 e 50, Lacan desenvolve uma sólida relação com a linguística estrutural, usando sua metodologia, sobretudo na versão do círculo linguístico de Praga, mas também incorporando elementos do trabalho de Lévi-Strauss, para propor uma releitura da obra freudiana. Tendo em vista a vastidão da obra lacaniana, me foco em um momento pontual de sua relação com o estruturalismo, a saber, nos textos *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse*, publicado em 1956 no primeiro número da revista *La psychanalyse* (organizada pelo grupo de psicanalistas dissidentes da *SFP*) e *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud*, publicado em 1957 no terceiro número da mesma revista.

O primeiro texto é preparado na ocasião da 16ª conferência dos psicanalistas de línguas romanas em Roma e busca esboçar uma renovação da psicanálise fundamentada em uma teoria da linguagem. Mais do que isso, intenciona situar a psicanálise em relação à terminologia corrente então da antropologia e da filosofia (p. 86-7). Como o título indica, no artigo há ênfase

sobre a noção de fala, pois “[q]u’elle se veuille agent de guérison, de formation ou de sondage, la psychanalyse n’a qu’un médium : la parole du patient” (p. 94). Essa passagem deixa claro algo importante e que não se pode perder de vista na relação de Lacan com qualquer teoria linguística: a sua preocupação com a linguagem e com a epistemologia estruturalista como um todo, ao menos na sua obra científica, é pautada inteiramente pelo contexto clínico, seja o tratamento do analisado ou a formação de analistas, “[e]mbora Lacan tenha se apropriado de alguns conceitos estruturalistas ele não os importou para a psicanálise. Ao contrário, trabalhou durante décadas na reconstrução destes conceitos” (ALTOÉ & MARTINHO, 2012, p. 19). Lacan argumenta que “[s]i la psychanalyse peut devenir une science, – car elle ne l’est pas encore –, [...] nous devons retrouver le sens de son expérience” (p. 114) e o sentido de sua experiência será encontrado ao compreender que, como indica o título da segunda parte do texto, o símbolo e a linguagem são a estrutura e o limite da psicanálise. Para Lacan, não se trata, no entanto, do abandono de uma psicanálise velha e superada, mas de um retorno radical à letra da obra de Sigmund Freud e isso implica pôr em relevo temas como a interpretação dos sonhos, o chiste, o ato falho e as psicopatologias do cotidiano. Por meio das leis, da estrutura, das alianças expostas por Lévi-Strauss em *As estruturas elementares de parentesco*, Lacan estabelece a primazia do simbólico na constituição do social e de cada indivíduo, assimilando aí a temática do Édipo freudiano. Nesse movimento, conclui: “cette loi [do incesto] se fait donc suffisamment connaître comme identique à un ordre de langage” (p. 122). É justamente essa assimilação de princípios da linguística pela antropologia que Lacan busca reproduzir no desenvolvimento de um discurso científico próprio da psicanálise:

La linguistique peut ici nous servir de guide, puisque c’est là le rôle qu’elle tient en flèche de l’anthropologie contemporaine, et nous ne saurions y rester indifférent [...].

Ajoutons que les recherches d’un Lévi-Strauss, en démontrant les relations structurales entre langage et lois sociales, n’apportent rien de moins que ses fondements objectifs à la théorie de l’inconscient. (p. 130-131)

O objetivo final de Lacan é de: “axer sur une théorie générale du symbole une nouvelle classification de sciences où les sciences de l’homme reprennent leur place centrale en tant que sciences de la subjectivité” (p. 131), similar, como se viu acima, ao projeto de Lévi-Strauss. Em *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse*, aliás, o estruturalismo só está associado, explicitamente, com o nome do antropólogo. Apesar das menções à linguística, nem



Saussure, nem Jakobson ou Trubetzkoy são nomeados. Mesmo assim, se a mediação de Lévi-Strauss não bastasse para confirmá-lo, é patente que a principal referência é o estruturalismo de Praga. Isso se faz evidente em dois pontos: a valorização da formalização possibilitada pelo fonema e a defesa de uma primazia do significante sobre o significado. Como o objetivo do texto é tratar da cientificidade, o primeiro ponto está aí mais elaborado do que o segundo, mas, em *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud*, esta é uma das questões centrais. De qualquer maneira, os dois pontos são lidos a tal ponto de dentro do quadro da teoria freudiana, que o austríaco, para Lacan, é como um precursor:

La forme de mathématisation où s'inscrit la découverte du *phonème* comme fonction des couples d'opposition formés par les plus petits éléments discriminatifs saisissables de la sémantique, nous mène aux fondements mêmes où la dernière doctrine de Freud désigne, dans une connotation vocalique de la présence et de l'absence, les sources subjectives de la fonction symbolique. (1953, p. 131)

Essas “fontes objetivas da função simbólica”, lidas no modelo do fonema, serão a fundamentação para todas as ciências do homem no quadro do estruturalismo, mas aqui ela é especializada na teorização de presença e ausência freudiana. Por exemplo, na dialética *fort-da* do jogo do carretel no caso apresentado por Freud.

A temática do significante, nesse primeiro texto, apesar de já estar constituída em uma discussão sobre o símbolo e o simbólico, ainda está muito próxima de uma divisão entre manifestante e manifestado, como é possível ver nas duas passagens em que o conceito é empregado: (1) “[c]ar ces dons sont déjà symboles, en ceci que symbole veut dire pacte, et qu’ils sont d’abord signifiants du pacte qu’ils constituent comme signifié” (p. 117) e “[l]e symptôme est ici le signifiant d’un signifié refoulé de la conscience du sujet” (p. 125). O segundo texto, no entanto, tem o debate do signo e de suas partes em seu centro: “[p]our pointer l’émergence de la discipline linguistique, nous dirons qu’elle tient, comme c’est le cas de toute science au sens moderne, dans le moment constituant d’un algorithme qui la fonde” (1957, p. 50). O algoritmo fundador é o signo e se lê: “signifiant sur signifié, le sur répondant à la barre qui en sépare les deux étages” (p. 51). É conhecida a teorização de Lacan sobre a barra que divide significante e significado em sua representação como uma barreira da significação. Para ele, essa reflexão é necessária para ir além do debate do arbitrário do signo, mero debate da relação palavra coisa.

Sendo assim, interessa pensar a tensão entre as partes do signo no discurso, a cadeia significante a ser escandida no diálogo e produtora de significado. O significado é um efeito do significante.

Como com a teorização em torno do fonema, há uma dupla torsão operada por Lacan na reflexão saussuriana sobre o signo, caracterizada por uma linha de força Praga/Lévi-Strauss e outra freudiana. A crítica à linearidade do significante, por meio do exemplo da poesia, reproduz a argumentação de Jakobson. No polo de Freud, se nota a aproximação, às vezes fusão, que Lacan faz de conceitos saussurianos e freudianos: “[/] *’Enstellung*, traduite transposition, où Freud montre la précondition générale de la fonction du rêve, c’est ce que nous avons désigné plus haut avec Saussure comme le glissement du signifié sous le signifiant” (p. 63, grifos do autor). Michel Arrivé oferece mais um exemplo: “il faut repérer que Lacan assimile purement et simplement l’objet qu’il appelle *signifiant* à un concept freudien parfaitement identifié : la *Vorstellungsrepräsentanz*” (1995, parágrafo 17, grifos do autor). Ele mesmo resume bem a intermediação que Lacan opera de Saussure e Freud:

A plusieurs reprises (dans « Radiophonie », dans *Encore*, etc), on le voit même, sans sourire apparent, avancer que Freud est le véritable initiateur du concept de signifiant, et qu’il a frayé la voie à ...Saussure !

[...].

Dès lors s’expliquent sans difficulté les boutades de Lacan sur Freud précurseur de Saussure. Et commencent aussi à s’expliquer les discordances observées entre signifiant saussurien et signifiant lacanien : elles accompagnent nécessairement le déplacement du signifiant du champ du langage à celui de l’inconscient. (1995, parágrafo 17).

Foi possível perceber ao longo dessas poucas páginas a idiosincrasia do estruturalismo psicanalítico lacaniano. Situado entre a linguística do círculo de Praga, a nova antropologia lévi-straussiana, a psicanálise freudiana (em suas várias fases) e o *Curso de linguística geral*, sua construção é contínua e repleta de tensões, forças que reconfiguram o campo de teorização. Saussure, para Lacan, é o pai da ciência linguística, o autor do algoritmo fundador S|s, mas também é ao mesmo tempo um precursor de Jakobson e Lévi-Strauss e um sucessor de Freud, um ponto em uma linha.

Roland Gérard Barthes foi um dos maiores divulgadores do estruturalismo para o grande público, especialmente na França. Se Jakobson disseminou o estruturalismo principalmente com suas viagens, cursos e inserção em círculos intelectuais, Barthes o fez através do grande número de publicações em revistas e jornais de grande circulação. Nascido em 1915, se muda para Paris

quando criança. Em 1939, se diploma em línguas clássicas e, ao longo dos nove anos seguintes, também em gramática e filologia. A lentidão de seus estudos se explica pela fragilidade de sua saúde, a qual também o impede por um longo tempo de assumir um cargo regular nas instituições de ensino parisienses. No entanto, a brevidade de suas ocupações acaba por lhe trazer um benefício. No começo dos anos 50, em Alexandria, ele conhece Algirdas Greimas e lhe fala de suas aspirações intelectuais. Greimas lhe recomenda, então, que lesse o *CLG* (DOSSE, 1993, p. 91-92). Em 1952, retorna a Paris, mas sua primeira grande publicação, *Le degré zéro de l'écriture* (1953), ainda não reflete a mudança de paradigmas que ocorreria com sua apropriação do *CLG*, pois a maioria dos textos que o compõe haviam sido redigidos antes de 1950. As referências majoritárias são clássicos de então da literatura, da teoria da literatura, da história e filosofia e sociologia marxistas. Sua publicação seguinte, *Michelet par lui-même* (1954), igualmente, está em redação desde o começo dos anos 40 (sendo assim, com efeito, anterior ao *Degré zéro de l'écriture*) e não indica ainda um especial interesse pelas novas tendências da linguística. Além disso, é uma obra particular na produção de Barthes, pois “Michelet est, de son [Barthes] aveu, le seul auteur qu’il ait lu entièrement” (PETITIER, 2000, p. 111) e, dentre seus livros, o autor destaca repetidamente esse como seu favorito (cf. BARTHES, 1975). Essas duas obras demonstram que apesar do seu pouco contato (talvez até desconhecimento) com o estruturalismo nascente, Roland Barthes já desenvolvia estudos como aqueles que o tornariam conhecido ao redor do mundo: análises focadas sobre a escrita de um autor (de ficção ou não), crítica ao que chama de “mentalidade burguesa” e busca de uma cientificidade para a pesquisa sobre o texto sendo algumas características predominantes.

Os textos de *Mythologies* (1957), uma coleção de colunas mensais publicadas entre 1952 e 1954, já são diferentes. Em um prefácio adicionado à obra em 1970, Barthes explicita o seu projeto:

On trouvera ici deux déterminations: d'une part une critique idéologique portant sur le langage de la culture dite de masse; d'autre part un premier démontage sémiologique de ce langage: je venais de lire Saussure et j'en retirerai la conviction qu'en traitant les ‘représentations collectives’ comme des systèmes de signes on pouvait espérer sortir de la dénonciation pieuse et rendre compte en détail de la mystification qui transforme la culture petite-bourgeoise en nature universelle. (1970, p. 7)

Essas duas intenções que o autor menciona se materializam em duas partes bem distintas no livro, a saber, uma primeira que reúne a colunas sobre os mais diversos assuntos (esporte,

consumo, literatura, fotografia, alimentação etc.) e uma segunda intitulada *Le mythe aujourd'hui*, elaborada *ad hoc* no final de 1956 como um posfácio. Aquela é composta em um vocabulário mundano e trata dos mais diversos assuntos cotidianos, enquanto esta busca desenvolver um quadro de análise para a primeira a partir da teoria saussuriana na forma de uma semiologia, como prospectada no *CLG*. Isto é, enquanto as mitologias são quase livres de jargão – não se pode deixar de ressaltar, no entanto, a altíssima ocorrência do verbo “significar” e dos substantivos relacionados –, o posfácio está repleto dele. A definição norteadora oferecida na sua primeira página, já nos situa dentro de um saussurismo: “*le mythe est une parole*” (p. 181, grifos do autor), mas ao longo do texto há uma alternância de diferentes usos técnicos: um primeiro uso saussuriano de fala como diferente de língua e linguagem; outro de fala como um corpo discursivo. Esse deslizamento do significado de fala fica claro com a paráfrase oferecida por Barthes de sua definição anterior: “ce qu'il faut poser fortement dès le début, c'est que le mythe est un système de communication, c'est un message” (p. 181). Sendo assim, deduz ele: “la mythologie n'est en effet qu'un fragment de cette vaste science des signes que Saussure a postulé il y a une quarantaine d'années sous le nom de *sémiologie*” (p. 183, grifo do autor). Para que a semiologia entrevista por Barthes no horizonte possa englobar suas mitologias cotidianas, ele precisa operar mais uma transformação no aparelho conceitual saussuriano:

On entendra donc ici, désormais, par *langage, discours, parole, etc.*, toute unité ou toute synthèse significative, qu'elle soit verbale ou visuelle: une photographie sera pour nous parole au même titre qu'un article de journal; les objets eux mêmes pourront devenir parole, s'ils signifient quelque chose. (p. 183, grifos do autor).

Nota-se aqui um uso difuso e intercambiável de linguagem, discurso e fala que busca englobar toda unidade portadora de significado. É possível perceber nessa passagem, além disso, uma das mais importantes características da semiologia barthesiana, uma inversão da hierarquia conceitual proposta por Saussure entre linguística e semiologia, a qual se intensifica em obras seguintes, como mostrarei. Para o genebrino, a linguística é uma sub-área da semiologia e ainda que os conceitos e procedimentos daquela sejam exemplares para esta, devido à sua onipresença na experiência humana, a semiologia seria uma ciência com especificidades a serem descobertas e desenvolvidas. Barthes, por outro lado, utiliza a linguística como modelo, quase como metáfora, para a elaboração das categorias da sua semiologia da mitologia. No entanto, o autor cai nas armadilhas triviais da adaptação do saussurismo: o seu signo, ao invés de ser uma

unidade como A/a, isto é, um laço arbitrário de significante e significado, é, com efeito, A/b, um laço contingente de um veículo material e uma ideia alheia a ele: “[s]oit un bouquet de roses: je lui fais *signifier* ma passion. N'y a-t-il donc ici qu'un signifiant et un signifié, les roses et ma passion?” (p. 185) e ainda que ele tente ter um cuidado conceitual especial, ressaltando que o signo é composto de três termos: “sur le plan vécu, je ne puis dissocier les roses du message qu'elles portent, autant, sur le plan de l'analyse, je ne puis confondre les roses comme signifiant et les roses comme signe: le signifiant est vide, le signe est plein, il est un sens” (*ibidem*), o resultado acaba por ser o mesmo. Em um outro exemplo se pode ver o mesmo tipo de adaptação: a fotografia de um jovem negro com um uniforme militar francês fazendo uma saudação na capa de uma revista pode ser analisado em: significante, “*un soldat noir fait le salut militaire français*”, e significado, “c'est ici un mélange intentionnel de francité et de militarité” (p. 189, grifos do autor). Note-se o uso da substantivação de qualidades para produzir a “abstração” esperada de conceitos. Com efeito, para os fins de sua mitologia, significante, significado e signo se tornam forma, conceito e significação. Em suma, visto que o objetivo não é realizar aqui uma leitura exaustiva de *Mythologies*, pode-se dizer que Barthes busca fazer uma análise do discurso sem conceitos discursivos, mas apenas expandindo o alcance do signo. Assim, não há nem mesmo um uso técnico do termo valor, o que poderia acrescentar uma busca de sistematicidade às significações das mitologias; por conseguinte, a maioria dos signos ou significações destacadas são, ao menos na maneira como são apresentadas, auto-contidas.

Não se pode deixar de comentar, antes de deixar *Mythologies* de lado, que a teoria barthesiana oferecida na obra porta, igualmente, um componente que se inspira em Marx & Engels, para elaborar uma teoria da ideologia pequeno-burguesa (p. 185, 211-218) e um interpretação freudiana da fala e do significado (p. 186, 192-197). A tríade Marx, Saussure e Freud forma a grande referência do pós-guerra francês, ainda que com variados graus de comprometimento com as teorias de cada um desses autores.

Ao longo dos anos 60, Barthes se dedicou ao aprimoramento de seu projeto semiológico, diminuindo, no entanto, os corpora analisados:

Dans ses ouvrages sémiologiques ultérieurs (*Éléments de sémiologie*, 1965, *Système de la mode*, 1967) [...], Barthes a voulu restreindre son champ d'exploration en se bornant aux faits signifiants consommés à travers le langage (il étudiait, par exemple, non pas la mode comme telle mais seulement le discours des magazines de mode) (ZENKINE, 1997, p. 104)

O embasamento em Saussure não se limita a essas duas obras, todavia. Pode-se encontrar numerosas menções aos conceitos do CLG também em *Essais critiques* (1964) e *Critique et vérité* (1966). Para encaminhar essa análise do saussurismo barthesiano, como ele se manifesta até o final dos anos 60, ao seu fim, olho mais de perto os *Éléments de sémiologie*. Essa é uma obra de especial importância, pois se propõe a ser um manual introdutório à semiologia, uma ciência “restant à édifier” (BARTHES, 1964, p. 91<sup>32</sup>). Como mencionei anteriormente, Barthes acredita que “le savoir sémiologique ne peut être actuellement qu'une copie du savoir linguistique” (p. 92), ainda que ele preveja que no curso de seu desenvolvimento, provavelmente as noções vindas da linguística se transformarão e novas surgirão. Sendo assim, o autor resume da seguinte maneira a finalidade do texto: “Les *Éléments* qui sont présentés ici n'ont d'autre but que de dégager de la linguistique des concepts analytiques dont on pense *a priori* qu'ils sont suffisamment généraux pour permettre d'amorcer la recherche sémiologique” (p. 92). O que se segue é, salvo alguns *insights* interessantes, a vulgata da vulgata, resgatando a formulação de Claudine Normand (1995). Isto é, a aproximação dos conceitos de Saussure e aqueles dos estruturalistas como variantes um do outro, ou a apresentação do trabalho do genebrino como um antecessor na evolução que viria com o trabalho de pesquisadores como Jakobson, Hjelmslev e Lacan, resultando em um sumário da teoria saussuriana baseada nos conceitos fundamentais, apresentados de forma binária: língua/fala, significante/significado, eixo sintagmático/eixo associativo e uma problemática acrescida por Barthes: denotação/conotação.

Posteriormente, já a partir de 1970 com *S/Z*, Roland Barthes mudou de posição quanto ao saussurismo, ao perder o interesse pelo projeto semiológico como tal, preferindo se focar na escrita e na literatura, em trabalhos que investiam mais em uma sensibilidade crítica do que em uma cientificidade textual. No entanto, seu percurso semiológico dos anos 60 marcou profundamente a imagem da teoria saussuriana.

Neste capítulo, tratei de como seis autores se apropriaram de conceitos saussurianos, alguns se colocando como continuadores, outros como dissidentes. Alguns, por vezes, o relegando a um estágio superado da história da linguística e outros situando-o no futuro, especulando sobre o projeto semiológico não-realizado. A pergunta que guiou o texto era qual

---

<sup>32</sup> Cito a versão que consta na revista *Communications*, anterior à publicação da obra na forma de um volume independente. Essa edição, vol. 4, nº 4, é integralmente dedicada à semiologia, trazendo nomes como Tzvetan Todorov e Christian Metz.

saussurismo o estruturalismo constroi. O que podemos perceber, todavia, mesmo com o pequeno número de autores analisados, é que não há uma interpretação definitiva, uma única linhagem vitoriosa. No entanto, não se pode deixar de notar a convergência desses autores em torno de alguns conceitos, em especial os de signo, de fonema e do sistema convertido em estrutura. Como coloca Martinet: “[i]f asked about the history of structural linguistics, most people concerned would probably say that it all began with the phoneme” (1962, p. 53), pois o fonema oferece um modelo para o estruturalismo de uma unidade analisável, destacável, e de um procedimento de formalização de *realia* com ancoragem substancial - e o signo, por consequência, passa a ser lido como um fonema de nível superior. O conceito de estrutura é antes uma totalidade determinante, na versão tautológica jakobsoniana, funcional martinetiana ou functiva hjelmsleviana, do que uma latitude de variações analógicas (cf. *infra*, cap. 5). Há também uma apropriação ampla, mas diversa de termos como sincronia, diacronia, língua, fala, linguagem, associativo e sintagmático, por vezes tomados em sentido ontológico e, em outros casos, em sentido estritamente metodológico.

Anne-Gaëlle Toutain, em sua tese de doutorado extremamente detalhada sobre o estruturalismo linguístico, conclui:

Or, il nous est rapidement apparu qu’en dépit d’une filiation saussurienne revendiquée et de ce rôle historique de mise en œuvre de la théorie saussurienne, entériné comme tel, le structuralisme linguistique européen n’était pas saussurien ; que de Saussure au structuralisme, il n’y avait aucune continuité théorique; enfin que, de plus, la discontinuité qu’il fallait donc bien constater faisait figure, non pas de rupture – au sens bachelardien –, mais d’abandon, autrement dit que la lecture structuraliste de Saussure passait à côté de la spécificité de la théorie saussurienne de la langue et proposait un tout autre type d’élaboration. (2012, p. 19)

O resultado de suas pesquisas é radical e eu não poderia dizer compartilhar inteiramente dessa sentença. No entanto, a leitura cuidadosa evidencia, ao menos, um claro descompasso epistemológico entre Saussure e o estruturalismo generalizado. Apesar do fim do estruturalismo como tal, a sua curiosa combinação de empirismo e transcendência (que não lhe é original, no entanto) persiste no campo dos estudos da linguagem. Já em 1978, Jean-Louis Chiss afirmava, fazendo referência ao uso estruturalista de conceitos do *CLG*: “force est de constater que la nomenclature, à la rigueur le réseau d’oppositions qui forment l’abc de l’initiation linguistique, est plus celui du structuralisme que de Saussure lui-même” (p. 91). Coloca-se para nós ainda

hoje o desafio de imaginar outros caminhos para produzir saussurismos (cf. *infra*, capítulo 5 e considerações finais), não necessariamente mais ou menos verdadeiros do que aqueles imaginados pelo estruturalismo, mas inscritos em novas relações espaço-temporais e cartografados com outros instrumentos.



### 3 OS SAUSSURISMOS DE BENVENISTE

Neste capítulo, trato especificamente da atuação de Benveniste sobre o território saussuriano, os pontos em que ele reforça sua estratificação e os pontos em que estimula um movimento de desterritorialização, através de diferentes linhas de fuga. O destaque que confiro a Benveniste não significa que eu o considere algo como o verdadeiro herdeiro do legado saussuriano. Pelo contrário, mostro em seguida como ele frequentemente limitou a interpretação dos trabalhos saussurianos ou os subjugou ao senso comum estruturalista, ainda que tivesse uma relação ambígua com o estruturalismo generalizado e a popularidade que ele havia alcançado. Ao mesmo tempo, porém, sua leitura de forma alguma propõe uma rejeição integral, do pensamento saussuriano, mas parece entrever nele um potencial latente<sup>33</sup>.

Como foi possível ver no capítulo anterior, todos os autores que se reconhecem estruturalistas reivindicam uma filiação direta com as investigações linguísticas de Ferdinand de Saussure. Por conseguinte, quando se ensaia um afastamento do paradigma estruturalista, se acredita que o primeiro passo seria romper a ligação com o saussurismo. Puech (1997 e 2005) e Normand (1992) avaliam, retrospectivamente, o equívoco da época em interpretar dessa maneira os debates em torno da enunciação ou da análise do discurso e destacam a figura de Émile Benveniste como alguém simultaneamente imbricado no desenvolvimento de uma problematização da discursividade e um saussuriano convicto. Puech o chama mesmo de “le plus saussurien sans doute des penseurs du ‘discours’” (2005, p. 109).

Como se procedeu na análise dos outros autores, porém, se trata de saber que forma de saussurismo e quais suas implicações. A pergunta, vista de perto, se torna ainda mais complexa, pois há uma proeminente figura entre Saussure e Benveniste: Antoine Meillet. Como mencionado no primeiro capítulo, seu papel não pode ser minimizado, pois foi ele quem iniciou Benveniste na pesquisa linguística já dentro de um saussurismo particular, o da escola de Paris. Além disso, Meillet, como colaborador da revista *Année sociologique*, acreditava em uma

---

<sup>33</sup> Este capítulo ignora propositadamente a “linguística da enunciação benvenistiana”, pois é o tema do capítulo seguinte.

articulação necessária entre algumas das ciências humanas que nasciam ao fim do século XIX, a linguística, a sociologia e a antropologia, levantando perguntas sobre a natureza da linguagem e o alcance disciplinar da sua investigação. Sendo assim, além de tratar do que Benveniste diz sobre a linguística saussuriana e faz com ela, é necessário neste capítulo tirar um momento para levantar algumas questões sobre o papel, epistemológico, mas também institucional, exercido por Meillet no que diz respeito à linguística benvenistiana.

Ezra Benveniste nasceu em Aleppo na Síria no ano de 1902. Com 11 anos se mudou sozinho para Paris – seus pais haviam obtido emprego na Bulgária – como bolsista da Aliança Israelita Universal para estudar e morar em uma escola rabínica. Em 1918, ao passar no *baccalauréat*, abrindo assim as vias para o ensino superior, abandonou a escola rabínica, ingressando no mesmo ano na École Pratique des Hautes Études. Antoine Meillet e seu pupilo e colega Joseph Vendryes acompanharam Benveniste desde suas primeiras incursões no campo dos estudos da linguagem. O segundo foi quem orientou o trabalho de conclusão de Benveniste para obtenção do diploma em letras. O trabalho era intitulado *Les futurs et subjunctifs sigmatiques du latin archaïque*. Foi publicado posteriormente no número 70/72 de 1922 do *Bulletin de la société de linguistique de Paris*. Esse trabalho situa firmemente Benveniste dentro do trabalho histórico conduzido pela chamada escola de Paris e inaugura seus estudos não só na reconstituição do indo-europeu, mas de ramos dialetais então recém descobertos como o tocariano (PINAULT, 1984), dois campos de pesquisa nos quais prosseguirá até o fim de sua vida. Antoine Meillet, nessa mesma época, início dos anos 20, era um dos maiores nomes da linguística francesa e não sem razão. O linguista possuía conhecimento direto e enciclopédico de dezenas de idiomas e uma produção intelectual de grande alcance, recobrando diversas famílias de línguas indo-europeias. Institucionalmente, também, sua influência era decisiva para criar carreiras ou acabar com elas. Futuros professores e pesquisadores deviam corresponder a um alto grau de exigência, tendo, como ele, vasto conhecimento linguístico, além de familiaridade com a literatura científica, autonomia de pesquisa e um estilo próprio (KRIPPES, 1988, p. 278-279).

A natureza do saussurismo de Meillet é difícil de capturar. Ele foi um aluno fiel de Saussure durante seus anos parisienses (e um amigo nos anos subsequentes), acompanhado seus cursos de linguística histórica e comparada de 1885 a 1889, e foi também seu sucessor na cátedra da École Pratique des Hautes Études. Michel Bréal, que havia concedido a posição ao genebrino, selecionou Meillet também como seu substituto no Collège de France. Se pode dizer com

segurança que o impacto dos ensinamentos de Saussure foi enorme na obra de Meillet, ainda que em uma análise fina seja difícil de determinar se há mais pontos de convergência do que de divergência. A reflexão saussuriana sobre as línguas e a linguagem já era muito madura durante seu período em Paris. Seus próprios artigos e notas de aula da época o demonstram (JOSEPH, 2012, especialmente parte III), mas podemos ainda tomar como evidências adicionais os trabalhos de alunos como Meillet, que já em 1899 se utilizava de conceitos como sistema e solidariedade sincrônica com naturalidade: “ce phonème n'est pas isolé dans la langue, il fait partie d'un système phonétique dont toutes les parties se tiennent et réagissent les unes sur les autres” (p. 64, ver também KOERNER, 1988, p.62-3)<sup>34</sup>. No entanto, como sublinha Konrad Koerner, “on chercherait en vain une définition de la langue comme ‘système de signes’ ou ‘de signes arbitraires’ [...] chez Meillet” (1988, p. 69). Os conceitos que Meillet mobiliza com facilidade são aqueles que, por um lado, já figuravam em obras saussurianas como o *Mémoire* e *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*, obras reconhecidas por ele e pelo público da época como grandes demonstrações de habilidade como linguista, e que, por outro lado, se enquadravam em seu projeto de ciência linguística, diferente daquele de Saussure. Com efeito, Meillet declarou sua dívida intelectual para com Saussure diversas vezes, fazendo referência a essas obras e os ensinamentos que elas carregavam, como na dedicatória da obra *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes* (1903), que alude aos 25 anos do *Mémoire*. Koerner sentencia: “Meillet restera toujours un comparatiste dans l'acception traditionnelle du terme; et même après la parution du *Cours*, Saussure demeurera pour lui, avant tout, l'auteur du *Mémoire*” (1988, p. 61). Essa limitação é o resultado de uma visão sobre a ciência linguística e sobre o fazer do linguista. Meillet diz, no texto *Le caractère concret du mot* (1923), que o “linguiste est un technicien habitué à manier des faits particuliers assez abstrus, il n'est guère préparé à s'orienter parmi les idées générales” (1936, p. 9). Isto é, seu trabalho é aplicar e afinar métodos, se questionar sobre seus obstáculos e daí, isto é, por um trabalho dedutivo, fazer aparecer leis gerais e universais. Na sua visão, a linguística geral deve se ancorar cada vez mais em objetividades e medidas:

---

<sup>34</sup> Essa formulação, *la langue est un système où tout se tient*, é mencionada por diversos linguistas, como Trubetzkoy ou o próprio Benveniste, como sendo um dos princípios da linguística saussuriana. No entanto, ela nunca ocorre como tal no CLG, mas aparece mais de uma vez na obra de Meillet, assim como no trabalho de Maurice Grammont, outro aluno de Saussure. Evidentemente, porém, esse é de fato um ensinamento saussuriano, não só por sua anterioridade (o conceito de sistema já está presente com destaque no *Mémoire*), como também por se sustentar com muito mais força em sua teoria. Sobre essa polêmica historiográfica, ver KOERNER, 1997 e PEETERS 1990.

La nouvelle linguistique générale, fondée sur l'étude précise et détaillée de toutes les langues à toutes les périodes de leur développement, enrichie des observations délicates et des mesures précises de l'anatomie et de la physiologie, éclairée par les théories objectives de la psychologie moderne, apporte un renouvellement complet des méthodes et des idées: aux faits historiques, elle superpose une doctrine d'ensemble, un système. (1982, p. 15)<sup>35</sup>

Sylvain Auroux (1988) aponta que Meillet chama de linguística geral algo diferente do projeto saussuriano para essa disciplina, especialmente comparando com o conteúdo dos cursos de linguística geral ministrados em Genebra (cf. p. 39-40). O que pode parecer inesperado, considerando a proximidade de ambos, mas não é tão surpreendente, pois na época havia diversas propostas programáticas para o futuro da *linguistique générale*, ou *allgemeine Sprachwissenschaft* ou ainda *General Linguistics*.

Em 1926, ecoando a definição que havia dado 20 anos antes, Meillet declara que um dos principais objetivos da linguística deve ser a busca de leis morfológicas e fonéticas gerais. Sugere que para além dos trabalhos descritivos dos alemães sobre línguas particulares<sup>36</sup>, se mostra necessária uma teoria que possa elaborar hipóteses sobre as mudanças, explicando, assim, o porquê das transformações. Nessa busca por causas diretas, Meillet se volta para a pesquisa sociológica, a única, segundo ele, capaz de determinar a totalidade de causas para transformações quaisquer (cf. AUROUX, 1988, p. 51-2). Aí está, com efeito, a maior divergência de seu projeto com o saussuriano. Ainda que seja possível apontar dezenas de similaridades e um mesmo número de sutis diferenças, é a concepção de social e sua relação com a linguística em que se nota mais claramente a diferença entre os autores (PUECH & RADZYNSKI, 1988).

Meillet, seguindo, se presume, o ensinamento saussuriano, conclui que: “les lois de la phonétique ou de la morphologie générale historique ne suffisent [...] à expliquer aucun fait” (MEILLET, 1982, p. 15), isto é, que no final das contas, esse tipo de lei não pode indicar mais do que possibilidades de desenvolvimento das línguas<sup>37</sup>. O seu recurso, então, à concepção de

<sup>35</sup> Esse recurso ao racionalismo e à empiria é típico da época, sobretudo para Meillet, que estava em contato com outros humanistas em busca de estabelecer os *factos* de seu campo de pesquisa, como Émile Durkheim. Tenho a hipótese de que, em boa parte, o positivismo identificado em Saussure parte da interpretação de Meillet do saussurianismo, mas aqui não há espaço para desenvolver essa linha argumentativa.

<sup>36</sup> Auroux destaca uma certa memória seletiva aqui por parte de Meillet, que decide ignorar os trabalhos em linguística geral desenvolvidos pelos alemães algumas décadas antes. O autor sugere que o objetivo é consolidar a independência institucional da linguística francesa (cf. *idem*, p. 41).

<sup>37</sup> Nesse ponto, há de se louvar sua posição, pois Meillet reconhece a impossibilidade de se determinar qual será o futuro de qualquer língua, diferente de linguistas como Hjelmslev, que por acreditarem de expressar a língua como

língua como fato social, em sentido durkheimiano, é uma tentativa de estabelecer a natureza das transformações linguísticas. O resultado, porém, é um social mecanizado. Assim, a passagem entre o social e a língua, a possibilidade de troca, é rompida e existe apenas uma relação de determinação:

[D]u fait que le langage est une institution sociale, il résulte que la linguistique est une science sociale, et le seul élément variable auquel on puisse recourir pour rendre compte du changement linguistique est le changement social dont les variations du langage ne sont que les conséquences parfois immédiates et directes, et le plus souvent médiates et indirectes. [...] ce sont les changements de structure de la société qui seuls peuvent modifier les conditions d'existence du langage (1982, p. 17)

O projeto saussuriano para uma linguística geral, ou melhor, aquilo que podemos depreender de escritos dispersos, é diferente em vários aspectos. Ao procurar essa diferença, devemos ter em vista o que foi apontado antes. Meillet também se utiliza de conceitos como sistema, solidariedade entre as partes e sincronia, mas desenha uma epistemologia diferente. A historicidade radical promovida pelo conceito de arbitrariedade, que amplifica a potência do conceito de valor, é um dos principais pontos de divergência que se pode apontar entre Saussure e Meillet. Através da arbitrariedade, as questões de causa tornam-se localizadas, não há lei fonética geral a ser elaborada, senão retrospectivamente na passagem de uma sincronia à outra, inscrita não só no tempo como no espaço<sup>38</sup>. Vemos que nem mesmo a forte tradição da gramática greco-latina resiste à radicalidade do arbitrário saussuriano, pois como ele declara claramente no sétimo capítulo do CLG, genitivos, formas verbais e classes gramaticais não existem fora das línguas em que se realizam. A sociedade não é mais uma força determinante refletida necessariamente em algumas formas linguísticas, mas a condição *sine qua non* de todos os sistemas semiológicos e também a forma da sua totalidade. O que é propriamente “geral” na linguística saussuriana é uma série de posições filosóficas e conceitos que garantem a individualidade de cada língua e sociedade e não o produto, como um resultado natural, da análise de todas os idiomas disponíveis ao linguista (cf. *infra*, capítulo 5). Isto é, há uma divergência quanto à pretensão de objetividade que o método dedutivo deveria garantir, não só na concepção de Meillet, mas da mentalidade científica da época.

---

em uma equação de cinética clássica, tomam o tempo como fator irrelevante, não diferenciando a reconstrução do passado da prospecção do futuro.

<sup>38</sup> Não se deve subestimar a importância da espacialidade das línguas tanto em Saussure quanto em Benveniste.

Nos anos 20, Antoine Meillet reuniu ao seu redor um pequeno grupo de protegidos e distribuiu entre eles as principais áreas de pesquisa da linguística comparada: “le grec à P. Chantaine, le celtique à M. L. Sjoestedt, l'iranien à E. Benveniste, l'indien à L. Renou” (LEJEUNE, BADER & LAZARD, 1978, p. 59), seu objetivo era ampliar o alcance de coleta e apreciação de dados para fins comparativos e de reconstrução do indo-europeu, uma vez que, e essa realidade o afligia, um único homem não poderia reunir todo esse conhecimento. A tarefa que Meillet confiou a Benveniste foi honrada. Benveniste publicou grande quantidade de livros e artigos como iranista, assim como ministrou cursos sobre as línguas, tradições e culturas iranianas (e também inscrições, fazendo as vezes de arqueólogo) ao longo de toda sua vida na École e no Collège. Nessa mesma época, Benveniste conseguiu finalmente sua cidadania francesa e mudou seu primeiro nome de Ezra para Émile.

Não há estudos exaustivos sobre a relação entre as linguísticas de Saussure e Meillet, o que dirá então sobre o papel desse segundo na constituição do saussurismo particular de Benveniste. Nessas poucas páginas, tentei destacar alguns pontos essenciais da linguística de Meillet, a saber, a concepção de cientificidade que guia sua linguística geral e a tentativa de usar uma sociologia, de inspiração durkheimiana, como princípio explicativo da mudança linguística para que se possa estar mais informado sobre a origem desses debates na linguística benvenistiana. De toda maneira, a obra de Benveniste é tão ou mais variada quanto as de Meillet e Saussure, o que quer dizer muito, e ela corresponde e quebra expectativas das duas concepções de linguística. Dumézil brinca com a irreverência de Benveniste para com seu mentor: “Meillet a vu grandir Benveniste [qui] le dérangeait, en ajoutant quelques étages à l'édifice superbe dont il croyait avoir posé le toit” (em entrevista para L'EXPRESS de 1986 *apud* Delesalle, 1988). A riqueza da linguística meilletiana é, porém, inegável. Aurore Monod-Bequelin resume muito bem o grande número de vias de pesquisa abertas a Benveniste por seu mestre:

[E]n considérant le donné de la langue comme n'étant pas un fait objectif valable isolément, Meillet inaugure les recherches de Benveniste sur le sens de la grammaire (Benveniste, 1966 : 1 14), et il ouvre la voie à une nouvelle typologie pour les langues sans écriture et sans histoire (Benveniste, 1969 : 12). En disséquant les vocabulaires, en pondérant historiquement chaque terme, en donnant une image hétérogène des lexiques spécialisés, il rend crédibles un demi-siècle par avance les efforts d'autres taxinomistes que les structuralistes. Il met en perspective la relation individu et société à travers le langage et contribue à une sociolinguistique fine. Il met au centre de la langue les parties du discours et la grammaire. (1988, p. 151)

Me volto agora para as leituras que Benveniste faz de Saussure. Alguns textos são conhecidos na literatura da linguística e de sua historiografia como exemplares dessa relação, a saber, os cinco textos que compõem as seções *Transformations de la linguistique* dos dois volumes de *PLG*, dois deles entrevistas, a crítica dirigida ao conceito de signo saussuriano em *Nature du signe linguistique* e as breves ponderações sobre o uso em sua época do conceito de estrutura em “*Structure*” em *linguistique*. Sobre esses cinco primeiros escritos, Christian Puech oferece uma interpretação instigante:

L’histoire pratiquée par Benveniste dans ces cinq articles n’est jamais une histoire « saturée » : elle ne vise jamais - même quand il s’agit de commémorer Saussure - à déterminer une origine absolue ou un objectif ultime, elle fait peu de place aux notions historiographiques d’école ou d’influence, mais s’attache plutôt à la diversité, aux variétés de l’objet, comme si l’histoire était pour lui la continuation par d’autres moyens de l’épistémologie des principes mise en évidence tout à l’heure à propos des démarquages disciplinaires. (PUECH, 1997, parágrafo 29)

Isto é, há aí um uso criativo da história da linguística, não apenas para apontar sua filiação histórica, institucionalmente registrada, mas para fazê-la um foco adicional de produção de conhecimento, como diz Puech, uma epistemologia por outros meios. Não se trata em seus artigos e livros de prestar reverência a Saussure. Diferentemente de muitos autores, linguistas ou de áreas que se aproximaram após a onda estruturalista, para Benveniste, Saussure não é apenas um marco temporal, um nome que acompanha o *CLG* e permite, doravante, fazer ciência linguística, mas um colega cientista, com quem os conceitos essenciais da linguística podem e devem ser debatidos. Sua posição desafia, também, uma distinção simplista entre ruptura e continuidade. Essa ausência de reverência quanto a Saussure tem provavelmente como causa seu treinamento com Meillet em linguística comparada. Pois, por essa razão, Benveniste possui familiaridade com seus outros estudos, em especial o *Mémoire*<sup>39</sup>. Antes de analisar os textos destacados por Puech, faço um pequeno desvio por obras menos conhecidas do linguista, para mostrar outras formas de continuidade com o saussurismo.

Em suas primeiras obras, escritas no período entre-guerras, dedicadas quase que integralmente ao domínio iranista, Saussure nem sempre aparece como referência explícita, no entanto, diz Montaut “[d]ès ses premiers ouvrages dans le domaine de la linguistique comparée,

<sup>39</sup> Acredito ser esse também o caso com Hjelmslev. A sua abertura para um uso criativo do saussurismo adviria de sua familiaridade com um Saussure cientista e não com uma figura histórica que demarca o início da linguística.

plus précisément indo-européenne, Benveniste se situe explicitement, bien qu’assez discrètement, dans la ligne saussurienne” (1995, parágrafo 1). A autora enxerga esse discreto saussurismo na maneira com que os dados são organizados, apresentados e analisados por Benveniste. Noções como de sistema, oposição e a extrapolação da ideia de valor até a rejeição de qualquer tipo de sinonímia de formas constitui, para ela, um “ « structuralisme » de Benveniste (la structure des formes comme interprétation des formes)” (parágrafo 2). Calvert Watkins (1984) também identifica na obra histórico-comparatista de Benveniste um saussurismo implícito, mas destaca outro elemento: o uso das noções de diacronia e sincronia. Se trata aí apenas de uma questão de ênfase, pois é possível encontrar as propriedades destacadas pelos dois autores em textos da época. Sobre a distinção de dois termos em *Vṛtra et Vṛθragna*<sup>40</sup>, lemos: “C’est qu’aussi bien l’interprétation d’un nom ne tient pas seulement dans l’étymologie, mais dans les ensembles formulaires qui en définissent l’acception et en nuancent l’emploi” (BENVENISTE & RENOUE, 1934, p. 2). Em *Les mages dans l’ancien Iran* (1938), por exemplo, podemos encontrar mais passagens que ilustram os pontos destacados do método benvenistiano: “[d]ans cette succession de termes univoques, le mot moyu- retrouve, à la place où il figure, sens et fonction clairs. La série à laquelle il appartient délimite étroitement son domaine sémantique” (p. 11) e ainda “[c]omme la plupart des termes techniques des Gāthās, celui-ci ne se laisse pas rendre par un vocable unique. Du moins discerne-t-on avec une netteté suffisante les conditions de son emploi et la différence qui le sépare des mots de sens voisin” (p. 15).

A obra mais representativa dessa época é *Origines de la formation de noms en indo-européen*, o primeiro de dois dos estudos de doutoramento, publicada em 1935. Ela foi recebida com loas pela comunidade linguística de então, como se pode ler na resenha de Leroy Maurice: “[v]oici un livre qui a renouvelé la grammaire comparée des langues indo-européennes; il marquera dans nos études un nouveau point de départ ainsi que l’avait fait [...] le fameux *Mémoire* [...] de Ferdinand de Saussure” (MAURICE, 1939, p. 512-513). A comparação feita por Maurice vai além da importância das obras, pois traça similaridades metodológicas. O objetivo desse trabalho de Benveniste é reconstituir diferentes raízes, prefixos e sufixos indo-europeus. O resenhista enfatiza os procedimentos utilizados para remeter uma série de formas diferentes, em línguas e recortes temporais diferentes, aos mesmos morfemas de uma sincronia do indo-europeu

<sup>40</sup> Um estudo sobre a etimologia das palavras *Vṛtra* e *Vṛθragna*. A primeira, em avesta, é um substantivo de gênero neutro que significa “resistência”. A segunda, no *Rigveda*, é o nome do deus *Vṛθragna*, o qual auxilia na superação de resistências, leva à vitória.



e os compara à maneira como Saussure, analisando a fonologia, à sua maneira, de diferentes línguas indo-europeias, em diversos estágios, propõe uma distribuição fonológica para a proto-língua. Cristina Vallini faz coro a essa análise:

Convorrà invece far notare, innanzi tutto, come i principi applicati da Benveniste per ridurre ad una struttura coerente le eterogenee formazioni tematiche indoeuropee, siano del tutto analoghi a quelli applicati da Saussure per ridurre ad uno schema fisso le variazioni del vocalismo della lingua d'origine (2013, p. 63)

A obra traz ainda outros conceitos característicos do saussurismo, como valor e, interessantemente, analogia. O que chama atenção no emprego deste segundo, ainda que menos frequente que o uso do primeiro, é que, na época e até mesmo hoje, o conceito de analogia é lido seja no quadro do debate grego entre anomalistas e analogistas ou em seu uso pelos comparatistas do século XIX, geralmente uma justificativa *ad hoc* para termos que não seguissem as leis evolutivas elaboradas sobre um material linguístico qualquer. No caso de *Origines de la formation de noms en indo-européen*, no entanto, a analogia parece ser um processo de disseminação baseado no valor de uma forma: “[p]our avoir été ainsi généralisé analogiquement, il faut que le suffixe n’ait pas porté une valeur très spécifique” (p. 126), mais próximo do uso saussuriano do termo, notoriamente no *CLG* e nos *ELG*. Vemos um uso similar na obra anterior *Essai de grammaire sogdienne*: “La désinence de 3<sup>e</sup> sg. \*āt portait encore assez de valeur pour qu’on ait pu la faire servir à la création de la 3<sup>e</sup> sg. analogique ‘st’r’” (1929, p. 64-65, grifos do autor). Valor é empregado com numerosos complementos, tanto gramaticais, quanto retóricos, nas obras dessa época: “propre” (1929, p. 28), “durative et imparfaite” (1929, p. 47), “moyenne ou médio-passive” (1935a, p. 95), “d’exhortation” (1935b, p. 132), “terminative” (1935b, p. 195) e “intrinsèque” (1935b, p. 196) são alguns exemplos. Em certos casos o termo parece ser empregado em sentido sistêmico e diferencial, isto é, de maneira saussuriana, e por vezes como um sinônimo de sentido, uso comum em língua francesa nas raízes da lexicografia de onde, provavelmente, surgiu o termo especializado saussuriano (HABLER, 2007). No mesmo período, o conceito de valor figura no debate sobre o arbitrário encaminhado em *Nature du signe linguistique* (1939): “[m]ais si l’on considère le signe en lui-même et en tant que porteur d’une valeur, l’arbitraire se trouve nécessairement éliminé” (2010, p. 54).

Muitas das características da metodologia comparativo-histórica benvenistiana, em seus aspectos saussurianos, mencionadas até agora persistem até o final de sua carreira acadêmica.

*Noms d'agent et noms d'actions en indo-européen* foi publicado em 1948, mas já havia sido parcialmente redigido na mesma época de *Origines de la formation des noms en indo-européen*, estando destinado, então, a ser o segundo estudo de doutoramento de Benveniste. No entanto, a guerra não só interrompeu sua redação, como fez o autor perder boa parte do trabalho que já havia sido realizado, resultando na publicação tardia. Essa obra é representativa dentro da produção benvenistiana por trazer um refinamento de seu método que só é, por assim dizer, superado em *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*, com a assimilação de princípios que o linguista desenvolve em outros textos. O estudo *Noms d'agent et noms d'actions en indo-européen* parte de uma típica premissa benvenistiana. O consenso na gramática comparada era de que em indo-europeu havia um sufixo produtor de nomes de agente, ocorrendo em duas formas, em razão de uma alternância vocálica: \*-tér-/\*-tor-. Benveniste discorda da interpretação, argumentando primeiramente que, no contexto fonológico dado, a alternância vocálica seria improvável e, além disso, a análise cuidadosa das formas não indica equivalência. A distinção das formas, então, deve implicar uma distinção de valores: \*-tér- expressaria então o nome de ação e \*-tor- o nome de agente. Benveniste desdobra uma série de consequências dessas distinções dentro do proto-indo-europeu e em diferentes línguas da família. Como com os textos anteriores, e com o *Mémoire*, “[l]’essentiel est moins de reconstruire des formes que de restituer des schémas fonctionnels de portée générale; la démarche du comparatiste devient une affaire de synchronie autant que de diachronie” (LAMBERTERIE, 1995, p. 14). Com efeito, compreender a temporalidade dos fatos linguísticos e desenvolver maneiras de incluí-la na ciência linguística parece ser uma das primeiras lições que Benveniste tira de Saussure; a introdução de *Origines de la formation des noms en indo-européen* o atesta: “[l]a fixation d’une chronologie devra être la préoccupation dominante des comparatistes” (BENVENISTE, 1935, p. 2). Cronologia entendida aqui como o estabelecimento da apropriada sucessão de sincronias, de sistemas. Como sabemos, a preocupação com a organização da sucessão de sistemas é uma preocupação saussuriana desde antes do *Mémoire*, com *Essai d’une distinction des différents a indo-européens* (1877). A facilidade com que Benveniste circula de um recorte temporal a outro, e a exigência metodológica de fazê-lo, é, então, um de seus laços com Saussure, o destaca dos outros comparatistas e fundamenta sua inovação na área:

[l] n’était précisément pas comparatiste. Il ne le pouvait pas. [...]. Il lui fallait redéfinir la grammaire comparée, enfin la refaire tout court. [...]. Benveniste a

su la trouver, dès les origines de sa vie scientifique et intellectuelle, en anéantissant la frontière entre le diachronique et le synchronique. L'historique et comparatif d'un côté, le descriptif et l'analytique de l'autre, ne font plus qu'un. [...]. À travers toute son oeuvre de comparatiste, on aperçoit le même fil, le même *leitmotiv*: c'est la recherche des structures synchroniques, au delà de la diachronie, au delà de la comparaison. (WATKINS, 1984, p. 4).

A mudança tem causas e consequências que vão além de inovações metodológicas assinaladas por Watkins, no entanto. Em *Origines de la formation des noms en indo-européen*, Benveniste reivindica uma nova atitude quanto ao próprio objeto final do comparatismo, a língua reconstruída:

La tâche la plus urgente est donc de restaurer la notion d'indo-européen, en l'arrachant à cette conception empirique et au fond négative [...]. Dans l'ouvrage dont voici le premier volume, l'indo-européen sera considéré, non comme un répertoire de symboles immuables, mais comme une langue en devenir, offrant dans ses formes la même diversité d'origine et de date qu'une langue historique (1935, p. 1-2).

A ênfase no estabelecimento de sincronias da parte de Benveniste, e de Saussure igualmente, por certo, se trata, justamente, de não produzir “repertórios de símbolos imutáveis”, mas algo que se assemelhe às “línguas históricas”, isto é, reais. Se tomado como língua real, o indo-europeu deve ser uma língua em devir; decorre daí o uso de unidades virtuais, não hipotéticas, nas reconstruções e, por conseguinte, o amplo emprego da analogia como ferramenta para produzir essas unidades.

Outra expressão da vontade de fazer do indo-europeu e outras línguas reconstruídas, arcaicas ou desconhecidas “línguas históricas” são os trabalhos que tratam da cultura dos povos falantes dos diferentes idiomas estudados. A expressão máxima dessa vontade é, novamente, o *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* (1969), mas esse tipo de trabalho está presente na bibliografia benvenistiana desde o começo, sendo o foco central em livros como *The Persian religion according to the chief Greek texts* (1929) e *Les mages dans l'ancien Iran* (1938) e artigos como *Les classes sociales dans la religion avestique* (1932) e *L'Éran-vâz et l'origine légendaire des Iraniens* (1934). Elementos da história e cultura aparecem também como dados complementares ou comprovadores em estudos como *Un emploi du nom du “genou” en viel-irlandais et en sogdien* (1926), *Le nom de l'esclave à Rome* (1932), *Une apocalypse pehlevie : le Žāmāsp=Nāmak* (1932) e nos vários artigos, mais de 20, sobre o *Avesta*, assim como nos trabalhos, por vezes de tradução e ocasionalmente até arqueológico, com a língua sogdiana. Esse

interesse pela história e cultura nas obras de Benveniste não pode ser retraçado diretamente à Saussure, ao menos não em seus trabalhos amplamente conhecidos até a morte de Benveniste, mas é, sem dúvida, uma característica da, chamada, Escola de Paris. Michel Bréal escreveu uma série de estudos em mitologia e Antoine Meillet frequentemente se voltava para aspectos antropológicos, históricos ou culturais em suas análises linguísticas. Retorno a esse aspecto da teoria benvenistiana em breve.

Esse percurso por trabalhos menos conhecidos nos mostra também que forma e valor (ou função) tem sempre uma estreita ligação na teorização benvenistiana. Por isso, em uma das facetas da radicalidade de seu saussurismo, fenômenos como sinonímia e homonímia, em seus sentidos clássicos, não existem. Sua insistência nesse ponto é chamada até mesmo de tique e mania por Annie Montaut (1992 e 1995). Essa, é claro, não é uma característica exclusiva de sua “face oculta”, mas pode ser encontrada em textos tão populares quanto *Les relations de temps dans le verbe français* (1959) e *Le système sublogique des prépositions en latin* (1949). É de uma suposta sinonímia ou homologia estrutural estabelecida na literatura especializada que partem as análises benvenistianas, frequentemente com algumas palavras provocadoras sobre a ingenuidade ou inépcia dos pesquisadores que deixaram assentar tal incongruência dentro da ciência linguística<sup>41</sup>. A expressão mais célebre dessa convicção é a polêmica em torno da noção de *Gegensinn* de Karl Abel, retomada na teorização freudiana das relações entre a linguagem e o inconsciente. Em *Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne* (1956), Benveniste apresenta, primeiramente, com inteligência e interesse as especificidades do trabalho da psicanálise com a linguagem, mas, aparentemente com a intenção de alertar contra o uso leigo de dados linguísticos, o autor desenvolve uma veemente crítica ao estudo de Abel, *Über den Gegensinn der Urworte* (1884), e seu uso em *A Interpretação dos sonhos* (1899) de Freud. Abel defende em seu texto, através de uma série de dados reconstituídos, a existência de palavras primitivas que carregam em si um sentido e o seu oposto, um *Gegensinn*. Há dois pontos centrais na argumentação de Benveniste. Em primeiro lugar, ele aponta os equívocos nas etimologias e suposições reconstrutivas de Abel, apesar de, como aponta Toutain (2012), não parecer consultar o material fonte, mas apenas aquilo que é apresentado por Freud. Nesse ponto, não há grandes divergências na literatura quanto à sua crítica. Seu segundo argumento, porém, é a fonte de

---

<sup>41</sup> Montaut (*op. cit.*) afirma até mesmo que, a fim de intensificar certas polêmicas, Benveniste recorria, por vezes, a citações parciais das obras de seus “opponentes”.

polêmica. O autor defende que seria impossível a própria existência de uma palavra como tal, seguindo uma ontologia baseada na distribuição sistêmica opositiva: “[à] supposer qu’il existe une langue où “grand” et “petit” se disent identiquement, ce sera une langue où la distinction de “grand” et “petit” n’a littéralement pas de sens et où la catégorie de la dimension n’existe pas” (2010, p. 82). Isto é, se não há oposição, não há unidades. Há também um argumento suplementar, de ordem antropológica, em que Benveniste nega a própria ideia de povo e língua primitivos.

Para Michel Arrivé, Benveniste se inclui, com suas posições e sobretudo no texto em questão, na linhagem dos linguistas que tentam controlar a proliferação da ambiguidade constitutiva da linguagem, concluindo que “[Benveniste] semble bien se poser comme un ennemi résolu de l’homonymie” (1994, p. 176 *apud* TOUTAIN, 2012, p. 2430). Arrivé acredita encontrar uma contradição na análise de Benveniste:

Pour *sacer*, les faits sont plus troublants. Point ici d’erreur philologique de la part d’Abel. Et le commentaire de Benveniste en vient presque à rencontrer, après un détour, la pensée même qu’il croit critiquer. Car les deux “attitudes opposées” déterminées par la culture à l’égard du même objet, ne serait-ce pas précisément deux...signifiés, et du coup deux signifiés opposés quoique manifestés par le même signifiant? (*op. cit.*, p. 188, *apud* TOUTAIN, 2012, p. 2433).

No entanto, apesar de retomar pontualmente outras análises do linguista, Arrivé parece ignorar dois pontos: (1) Benveniste não emprega o conceito de signo, e por conseguinte de significante e significado, na maioria de suas análises, principalmente nas filológicas. Se trata nelas de articular uma forma, o que engloba o signo, sem a perspectiva da semiologia estruturalista de um signo desmontável, e um segundo termo variável: valor, função, emprego. Os usos de uma forma, para ele, podem ser vários, mas nunca opostos; por trás da contradição aparente, há um terceiro termo, ou melhor, um outro emprego que explica a contradição. O que nos leva ao segundo ponto; (2) Benveniste alerta repetidamente quanto à imposição de categorias alheias às línguas analisadas, apontando que, frequentemente, aparentes contradições ou um encontro inesperado de sentidos pode ser explicado por más traduções. Toutain tira dessa análise, e dos contra argumentos de Michel Arrivé e Jean-Claude Milner, uma conclusão interessante sobre a linguística benvenistiana:

Ce caractère protéiforme de l'objet tranche en effet avec le structuralisme des phonologues et de Hjelmslev, dans la mesure où il est la marque d'un structuralisme particulier, tout à la fois consensuellement structuraliste et imprégné des intuitions saussuriennes dont témoigne à certains égards la problématique benvenistienne de l'expression dans la mesure où elle implique une démarche sémasiologique (2012, p. 2446)

Ao mesmo tempo estruturalista e impregnado de intuições saussurianas é uma boa maneira de tentar capturar a peculiaridade benvenistiana, desde que nos lembremos sua posição ambivalente quanto ao estruturalismo. Em “*Structure*” en *linguistique* (1962), Benveniste defende que a máxima saussuriana de que a análise linguística deve sempre partir do todo solidário para nele encontrar as unidades “contient en germe tout l'essentiel de la conception ‘structurale’”. Mais c'est toujours au système que Saussure se réfère” (2010, p. 93). Isto é, ao mesmo tempo em que afirma que “ce mouvement [o estruturalismo europeu] prend sa source dans l'enseignement de Ferdinand de Saussure à Genève” (*op. cit.*, p. 92), ele o afasta de Saussure: “[à] ses yeux, la notion essentielle est celle du *système*” (*ibidem*, grifo do autor). Ao mesmo tempo em que se apresenta, em uma entrevista, como “un linguiste [...] qui a eu de bonne heure [...] des préoccupations structuralistes” (2008, p. 16) e situa historicamente a fundação do estruturalismo com as teses de Jakobson, Trubetzkoy e Karcevsky, ele sugere outra linhagem de um saussurismo baseado no sistema: “[c]ette notion était familière aux élèves parisiens de Saussure; bien avant l'élaboration du *Cours de linguistique générale*, Meillet l'a énoncé plusieurs fois, sans manquer de la rapporter à l'enseignement du maître” (2010, p. 93) e “la notion de la langue comme système était depuis longtemps admise de ceux qui avaient reçu l'enseignement de Saussure, en grammaire comparée d'abord, puis en linguistique générale” (*ibidem*).

Essa coreografia de se afastar e se aproximar do estruturalismo, os dois movimentos, vale lembrar, em nome de alguma forma de saussurismo, se torna mais recorrente na obra de Benveniste com o passar do tempo. O debate pontual sobre o conceito de signo em 1939, enquanto a maioria de seus estudos tratava de língua e cultura empregando outras noções saussurianas, será prosseguido por um aumento considerável de reflexões sobre o signo linguístico. É difícil dizer propriamente a que ou a quem se refere a crítica de *Nature du signe linguistique*, isto é, se Benveniste tem em vista, além do trecho que destaca do *CLG*, a doutrina saussuriana da análise sistêmica com que está familiarizado ou o estruturalismo em ascensão. Seu alvo é a vaga ideia de arbitrário convencional, exposta de maneira confusa na transposição

da fala de Saussure, e Benveniste se propõe a analisá-la igualando-a à ideia de contingência, tornando-a, assim, o oposto de uma necessidade, concluindo “si la langue est autre chose qu’un conglomérat fortuit de notions erratiques et de sons émis au hasard, c’est bien qu’une nécessité est immanente à sa structure comme à toute structure” (2010, p. 55). Essa concepção está de acordo com o que demonstrei aqui dos trabalhos histórico-comparativos de Benveniste, nos quais a distribuição opositiva das formas nos sistemas linguísticos acabam por desenhar uma articulação necessária, mas o arbitrário saussuriano pode também ser lido de outras formas (cf. *infra*, cap. 5). De qualquer maneira, em *Nature du signe linguistique* temos um dos primeiros exemplos de uma posição ambígua em relação a Saussure que Benveniste cultivou, o desejo de desenvolver um saussurismo mais radical do que o do próprio genebrino. Ao encerrar sua análise do signo, conclui: “on affermit, par-delà Saussure, la rigueur de la pensée saussurienne” (p. 55). Essa afirmação reforça a dúvida que levantei antes; a qual Saussure pode Benveniste estar se referindo aqui: o professor parisiense, o conferencista transcrito no *CLG*, o precursor do estruturalismo ou outro?

Em *La forme et le sens dans le langage* (1966-1967), é possível encontrar um quadro similar. Benveniste faz uma caracterização do genebrino que destoa de seu uso implícito de “intuições saussurianas”, para usar a já citada formulação de Anne-Gaëlle Toutain, nos seus muitos trabalhos histórico-comparativos: “[q]uand Saussure a introduit l’idée du signe linguistique, il pensait avoir tout dit sur la nature de la langue; il ne semble pas avoir envisagé qu’il le pût être autre chose en même temps, sinon dans le cadre de l’opposition bien connue qu’il établit entre langue et parole” (2008, p. 219). Essa maneira de apresentar Saussure o aproxima do uso historicamente consagrado que os estruturalistas faziam do *Curso de linguística geral*. Como se percebe na argumentação do texto, a intenção é de, uma vez estabelecida a distinção entre o semiótico e o semântico na língua, limitar o alcance da teoria saussuriana à primeira categoria. Em outro trecho do texto em questão, se torna mais clara a fusão por Benveniste da epistemologia de Saussure e de ideias do estruturalismo de inspiração saussuriana: “[c]ontrairement à l’idée que la phrase puisse constituer un signe au sens saussurien, ou qu’on puisse par simple addition ou extension du signe, passer à la proposition, puis aux types divers de construction syntaxique, nous pensons que le signe et la phrase sont deux mondes distincts” (p. 224). Evidentemente, já não se trata aqui de se afastar de alguma proposição que Saussure possa ter feito para os estudos da linguagem, mas sim de tomar distância de certas derivações de seus

conceitos (célebres na época, sobretudo sob o nome de semiótica). De qualquer modo, de sua conceitualização dos limites do semiótico, Benveniste conclui: “il nous incombe donc d’essayer d’aller au-delà du point où Saussure s’est arrêté dans l’analyse de la langue comme système signifiant” (p. 219). Argumentação similar, porém mais refinada, encontramos em *Sémiologie de la langue* (1969). Diferente do texto anterior, a preocupação é menos de estabelecer as diferenças entre uma linguística do signo e uma do discurso e mais de avaliar a distância entre a linguística saussuriana e o projeto semiológico enunciado no *CLG*. Nesse texto, há uma retomada mais direta do projeto linguístico explicitado no *CLG*, inclusive em seu programa científico, em sentido epistemológico e institucional, para a linguística, a saber “1) décrire en synchronie et diachronie toutes les langues connues; 2) dégager les lois générales qui sont à l’oeuvre dans les langues; 3) se délimiter et se définir elle-même” (2008, p. 45). Com foco na possibilidade, ou não, de transpor categorias da análise da linguística para uma semiologia de todos os sistemas significantes, Benveniste se propõe a retomar “ce grand problème au point où Saussure l’a laissé” (p. 50). Tanto para uma linguística do discurso quanto para outros sistemas semiológicos, Benveniste antevê a necessidade de estabelecer uma unidade que exerça a função do signo de um elemento sistêmico que significa por oposição. Para a nova linguística, sua resposta é aparentemente simples: “[q]ue sera l’unité sémantique? – Simplement, le mot” (p. 225) (ver também *Les niveaux de l’analyse linguistique* [1962]). Para a semiologia, Benveniste sublinha a necessidade de unidades de análise, pois “aucune théorie sérieuse ne pourra se constituer si elle oublie ou esquive la question de l’unité” (p. 57), no entanto, para os sistemas específicos o linguista oferece apenas breves especulações: “[l]a ‘langue’ musicale consiste en combinaisons et successions de sons, diversement articulés; l’unité élémentaire, le son, n’est pas un signe; [...] aucun n’est doté de signifiante” (p. 58) e “[d]ans les arts de la figuration (peinture, dessin, sculpture) à images fixes ou mobiles, c’est l’existence même d’unités qui devint matière de discussion” (*ibidem*).

As recém publicadas *Últimas aulas no Collège de France*, reunião e reconstituição de manuscritos e notas de alunos do último curso (68-69) ministrado por Benveniste no Collège de France, nos dão a dupla oportunidade de observar elementos anteriores à redação de *Sémiologie de la langue* e o que e como interessava a Benveniste ensinar sobre Saussure. São numerosas as menções ao genebrino no livro. Na primeira parte do curso, que trata da semiologia em geral, há dois objetivos interligados: o de estabelecer Saussure como o fundador da semiologia, em



detrimento de Charles Sanders Peirce, que não teria abordado da maneira adequada os problemas linguísticos, e o de apresentar as limitações desse mesmo projeto semiológico, sugerindo complementações, modificações e aprimoramentos. Aqui, se trata também de centrar a teoria saussuriana no signo e apresentar suas possíveis limitações: “Saussure [...] fundamentou toda a linguística sobre uma teoria do signo linguístico. [...]. Porém, ele não foi mais longe na reflexão sobre a noção geral de signo” (2014, p. 93). É necessário então fazer um esforço inventivo e “estender essa reflexão [da semiologia] para além do ponto indicado por Saussure” (p. 105). Essa colocação de Benveniste ecoa também suas ponderações em *Nature du signe linguistique*, pois não se trata apenas de continuar o trabalho interrompido de Saussure, mas impor um rigor saussuriano à teoria que nem o próprio teria sido capaz.

Chegando aqui, podemos compreender o que Christian Puech quis dizer com um uso criativo da memória saussuriana na disciplina linguística por parte de Benveniste. A passagem seguinte sumariza bem os esforços do linguista de desenvolver sua semiologia em relação a um saussurismo particular, não necessariamente o mesmo com que se relaciona em outras ocasiões e para outros fins:

S’il convient alors de reprendre le geste saussurien, ce n’est pas pour le répéter ni le corriger, mais plutôt pour le réinvestir et y retrouver une charge conceptuelle potentielle en partie recouverte par l’héritage qu’il a, paradoxalement, légué. Le style proprement « problématisant » de Benveniste consistera donc à reconstruire des principes plutôt qu’à inventorier des résultats déjà évaluables en 1969 dans les travaux de sémiologie ou de sémiotique de l’époque. Il consistera moins à considérer les propositions de Saussure dans le *Cours* comme la source, la cause première de théorisations ultérieures commensurables entre elles, comparables dans leurs démarches respectives, et susceptibles d’être rapportées à leur point d’origine, que d’en retrouver la dimension prospective et projective à travers la construction du concept de langue (PUECH 1997, parágrafo 13).

Neste capítulo, me ocupei de alguns dos saussurismos que podemos identificar na obra de Benveniste. Primeiramente, tratei de alguns pontos essenciais do lugar de Meillet na relação Saussure-Benveniste. Esse ponto geralmente é minimizado ou ignorado, quando o assunto é a constituição da epistemologia benvenistiana, mas acredito que é preciso lhe dar mais atenção. Isso não quer dizer, é claro, que se trate de uma influência determinante. Um dos pontos mais importantes aí é perceber como Benveniste manipula a tradição da linguística, nesse caso especificamente a da “escola de Paris”, para fundamentar sua argumentação. A esse respeito, o

texto *Structure de la langue et structure de la société* (1970 [1968]) é exemplar, pois nele há uma clara contraposição entre um ponto de vista saussuriano-semiológico e um meillettiano-sociológico para fins de explicitar a relação entre as estruturas da língua e da sociedade. Ainda há muito a se explorar sobre os detalhes desse triângulo intelectual. Em segundo, discorri sobre as várias maneiras como Benveniste retoma em suas análises linguísticas temas e conceitos saussurianos, enfatizando obras menos conhecidas. Nessa forma de saussurismo, vemos que Benveniste dá preferência a noções como sistema, relação e valor; não por acaso o *Mémoire* é uma referência de grande importância. Finalmente, tratei do uso que Benveniste faz da teoria saussuriana do signo, ressaltando a assimilação parcial que ele opera entre o *CLG* e sua leitura estruturalista. Na intenção de solidificar as bases da semiologia que estava em vias de construir, o linguista se opõe a uma concepção simplificada da língua saussuriana; ao mesmo tempo, se coloca como um estrito continuador de Saussure, retomando o projeto semiológico do ponto em que o genebrino o deixou. É importante notar que, mesmo que possamos afirmar que haja tal assimilação, ele se diferencia do estruturalismo de então ao situar a totalidade dos fenômenos linguísticos fora do alcance do signo; como diz Puech, “on chercherait en vain chez Benveniste la représentation totalisante – et bien rassurante – des savoirs du signe qu’on rencontre à plusieurs reprises chez Jakobson” (PUECH, 1998, p. 26)

Em suma, foi possível ver que Benveniste não possui uma posição única quanto a Saussure e sua obra. Dependendo do objeto ou da finalidade do estudo, noções saussurianas podem aparecer de diferentes maneiras e em diferentes configurações. Sublinho novamente que a transformação institucional e epistemológica da linguística que ocorre – a historiografia canônica diria decorre – após a publicação do *CLG* é vista por Benveniste mais como um evento científico do que um marco histórico. Isso significa que para ele se trata antes de testar, refutar, ratificar, retificar do que prestar reverência e encaixar-se em uma narrativa, seja de continuidade ou de ruptura.

## 4 BENVENISTE E A TEORIA DA ENUNCIÇÃO

O sintagma “teoria da enunciação”, mesmo se considerado de dentro dos limites disciplinares dos estudos da linguagem, não é transparente. No sentido de que não nos remete, de imediato, a autores, conceitos, objetos e metodologias específicos, mas sim a uma gama difusa desses elementos. Christian Puech, tratando da inserção da enunciação como temática escolar na França, nos diz:

Le domaine de l'énonciation recouvre en effet pour tout le monde une série de références très largement hétérogènes qui, de Benveniste à Jakobson et Culioli, de Perelman à Austin et Strawson ou Bakhtine et Weinrich et beaucoup d'autres théoriciens majeurs, dessine plutôt une constellation de 'théories de références' [...] exploitées selon les besoins, les occasions [...]. (1998, p. 16).

Benveniste tem sua popularidade quase que exclusivamente por causa da teoria da enunciação que teria elaborado, culminando em seu artigo de 1970, *L'appareil formel de l'énonciation*. No entanto, pretendo apresentar aqui a teoria como ela foi constituída *a posteriori* por um olhar externo sobre a obra de Benveniste e não caracterizar a teoria por um devir interno, o qual muitas vezes é representado de maneira teleológica<sup>42</sup>. Desse ponto de vista, a história da institucionalização e difusão de conceitos e temas benvenistianos não é trivial, mas essencial. Compreendo a linguística da enunciação aqui como um benvenistianismo, assim como mostrei nos autores estruturalistas e nas leituras de Benveniste diferentes saussurismos, e não como o programa epistemológico fundacional de Benveniste. Não se trata, é claro, de divergir por divergir. Para que se possa pensar outras formas de benvenistianismo, é preciso abrir suas fronteiras, ou melhor, voltar a enxergá-las, assim como foi necessária, para a revitalização do saussurismo, a compreensão de que a obra do genebrino era algo mais, ou algo outro, do que um pré-estruturalismo (cf. *infra*, capítulo 5).

---

<sup>42</sup> A conhecida obra de Aya Ono, *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*, é exemplar nesse aspecto. Apesar de apresentar uma abertura bibliográfica, incluindo trabalho que não dos *PLG* em sua análise, a obra de Benveniste ainda é orientada tendo como sua realização o célebre artigo *L'appareil formel de l'énonciation*.

A abordagem não é, por certo, inédita. Já mencionei no primeiro capítulo que a partir dos anos 90, linguistas e outros pesquisadores inscritos no “paradigma discursivo” começaram a se perguntar mais seriamente sobre a legitimidade da epistemologia e da narrativa fundacional de que se constituía, então, o campo. Atualmente, especialistas nos estudos benvenistianos reconhecem de todo o estatuto particular dessa “teoria da enunciação”:

Benveniste, em seus mais de 40 anos de trabalho, nunca utilizou a expressão *Teoria da enunciação* nem mesmo *Linguística da enunciação*. Pode-se dizer que a chamada *Teoria da enunciação* de Benveniste é, na verdade, uma dedução feita *a posteriori* pelos leitores dos artigos que estão reunidos nos *PLG I* e *PLG II*. Em outras palavras, não foi Benveniste quem deliberadamente fez a *Teoria da enunciação* que lhe é imputada, são os leitores de sua obra que a derivaram do conjunto dos textos escritos entre os anos 1930 e 1970. (FLORES, 2012, p. 153)

Não se trata, insisto, é claro, de contrapor uma filiação genuína e objetos ou metodologias autênticos a uma teoria supostamente artificial. Todavia, penso ser necessário ter em vista as vias de territorialização da teoria da enunciação, isto é, as estratégias e procedimentos que delimitam espaços institucionais e criam um mapa sobreposto à obra de Benveniste, para que seja possível, então visualizar as linhas de fuga, que permitiriam a abertura para reformulação dos territórios atuais e virtuais ocupados pela teoria benvenistiana.

Retornemos a 1970. O número 17 da revista *Langages*, organizado por Tzvetan Todorov, tem como título *L'énonciation*. Além da contribuição de Todorov, que trata da enunciação em Freud, e de *L'appareil formel de l'énonciation* de Benveniste, a edição conta com textos de Peter Frederick Strawson, Luce Irigaray, Charles Fillmore, Zeno Vendler, Oswald Ducrot e Delphine Perret. Na apresentação, o organizador resume o papel dos diferentes artigos na estrutura da revista:

Les quatre textes suivants (Benveniste, Strawson, Todorov, Irigaray) posent le problème général de l'énonciation, en partant de disciplines différentes (linguistique, philosophie analytique, psychanalyse). Les autres textes (Fillmore, Vendler, Ducrot, Perret) étudient, dans une perspective plus proprement linguistique, de différents aspects de ce phénomène. (TODOROV, 1970b, p. 11)

A partir dessa passagem, já é possível destacar alguns elementos importantes da reflexão que Todorov pretende promover na edição em questão da revista. Primeiramente, a enunciação é caracterizada como um problema geral, o qual pode ser explorado complementarmente a partir

de uma multiplicidade de pontos de vista disciplinares. Por conseguinte, ela parece ser vista como um fenômeno alheio às disciplinas específicas que as estudam, ou, considerando por outro lado, necessariamente transdisciplinar. A tarefa de Benveniste na composição do número, em sentido estrito, visto que o texto foi encomendado por Todorov para exercer tal função, é oferecer uma definição geral da enunciação a partir da linguística.

O pesquisador búlgaro salienta ainda no texto que a temática não é totalmente nova, sendo então o papel daquela edição de *Langages* reunir e solidificar as bases dessa teoria em constituição:

“[...] nous ne prétendons pas jouer un rôle de pionnier. A vrai dire, des recherches déjà nombreuses examinent tel ou tel aspect de l'énonciation; mais elles restent indépendantes l'une de l'autre, appartenant même souvent à des disciplines différentes (linguistique, philosophie, ethnologie, stylistique, psychanalyse).” (*idem*, p. 3)

Nota-se aqui novamente a ideia de uma transdisciplinariedade inerente ao fenômeno enunciativo. No entanto, como disse na introdução, que não há ontologia sem metafísica. Isto é, há uma definição de enunciação, para o autor, que subjaz e transcende os diferentes limites disciplinares, ao risco de situá-la fora dos campos de conhecimento que a reivindicam. O objetivo é de produzir uma parcela de natureza, um fato, que se poderia observar. Todavia, há duas disciplinas que o autor privilegia:

Il est évident que l'on se meut [...] à la frontière de la linguistique et de l'anthropologie: les *actes de parole* relèvent de la seconde en tant qu'actes, de la première, en tant que 'de parole'. Ou, pour éviter la confusion 'interdisciplinaire', on devrait dire: ils relèvent d'une *linguistique anthropologique* qui reste à créer. (*idem*, p. 5, grifos do ator)

A aproximação parece ter influência de Benveniste, pois em seguida Todorov cita Malinowski e faz referência ao artigo do autor na revista, *L'appareil formel de l'énonciation*. A enunciação forçaria, então, o pesquisador a andar nessa fronteira, porque as questões de linguagem seriam também questões da cultura ou do sujeito. Na ocasião, a associação acaba por ser inconsequente, mas ela chama atenção do olhar contemporâneo, já que a natureza da antropologia benvenistiana é um dos temas centrais do debate atual em torno do autor. De qualquer maneira, se trata na edição de reunir os estudos dessas diferentes áreas em vista de solidificar as bases dessa teoria em constituição:

[...] le développement de ce domaine [a enunciação] reste extrêmement inégal, et ce numéro, qui cherche à juxtaposer sinon à unifier les différentes approches, en porte les traces: l'heure des manuels n'a pas encore sonné. Trois directions nous semblent cependant particulièrement prometteuses: l'étude de la force illocutionnaire, celle de l'aspect indicial du langage, celle enfin de la coloration que donne l'énonciation aux différents énoncés (p. 4)

É interessante observar que Todorov já prevê uma eventual manualização da teoria, na medida em que seus métodos se homogeneizem e sua institucionalização se consolide. As três linhas gerais “promissoras” destacadas por ele remetem a pesquisas específicas de diferentes autores. O debate sobre a força ilocucionária com Austin, Searle e os aportes de Benveniste forma um quadro geral para a teoria, colocando o problema da pragmática da linguagem. No estudo do “aspecto indicial”, Todorov remete sobretudo a Benveniste, conferindo-lhe especial crédito por desbravar um campo desconhecido: “dans ce domaine, Benveniste a joué (et continue de jouer) un rôle de véritable défricheur en proposant à la fois une théorie générale des signes indiciaux [...] et les premières descriptions rigoureuses des formes françaises” (*ibidem*). Todorov destaca quatro categorias como essenciais “les interlocuteurs, le temps de l'allocution, son lieu, et ses modalités (ou la relation entre les interlocuteurs et l'énoncé)” (*idem*, p. 7). Nesse campo, Todorov também inclui os estudos sobre modalidade e afetividade (a *coloration*), citando Charles Bally em especial, e sobre referência, mencionando o artigo de Benveniste da mesma revista além dos trabalhos de Strawson.

É importante salientar, finalmente, que para Todorov se trata de conceber uma linguística da *parole*, não pensando em um desenvolvimento complementar ao pensamento saussuriano ou calcado sobre ele – como vimos ser o caso de Benveniste – mas em oposição a ele. A passagem seguinte resume sua posição, resgatando, e logo a seguir antagonizando, uma definição comum de *parole* então em circulação:

L'exercice de la parole n'est pas une activité purement individuelle et chaotique, donc inconnaissable; il existe une part irréductible de l'énonciation mais à côté d'elle il en est d'autres qui se laissent concevoir comme répétition, jeu, convention. Notre objet sera donc constitué par les *règles* de l'énonciation et les différents champs de leur application. (*idem*, p. 3, grifos do autor)

No entanto, não se pode deixar de notar, curiosamente, que sua proposta de que a análise de um corpus enunciativo se dá partindo do significante ou do significado, passando às oposições pertinentes e, finalmente, estabelecendo o funcionamento e a significação das categorias

estudadas. Isto é, o método estruturalista mais popularizado, fundamentado na vulgata saussuriana (cf. *idem*, p. 5-7).

A bibliografia selecionada ao final da revista, visivelmente composta por todos os autores, sugere, assim como a introdução de Todorov à edição, uma origem dispersa das problemáticas enunciativas. Nela figuram sobretudo estudos do século XX, entre os anos 30 e 60, compreendendo estudos filosóficos gerais sobre a linguagem, trabalhos etnográficos, estudos de pragmática e análises linguísticas diversas, mas também se encontram tratados de retórica dos séculos XVIII e XIX. Isto é, a produção desse novo objeto de pesquisa, a enunciação, efetivamente reescreve a história linguística até então. A retórica, interessantemente, foi recuperada durante os anos 60 e, em oposição à lógica, ecoou para os estruturalistas o dilema epistemológico entre os estudos da *parole* e da *langue*.

Observemos, então, que Benveniste é, no contexto de 1970, um dentre vários colaboradores de um campo ainda em construção, cujas raízes poderiam ser rastreadas até os antigos estudos em torno do fenômeno discursivo com os retóricos, mas que se consolidariam apenas no século XX, uma vez superado o paradigma da *langue*. Ainda que Benveniste tenha destaque no estudo da indicialidade, seu nome figura entre outros, antecessores e contemporâneos, que também se interessaram pelo tema. Por isso mesmo, se nota que dos sete artigos que acompanham o seu na revista, apenas dois o mencionam, destacando a temática da pessoalidade. Por outro lado, Benveniste não cita nenhum dos seus colegas.

Sua produção intelectual cessou antes mesmo da publicação desse número de *Langages*, ainda em 1969, quando um acidente cardiovascular lhe tirou parcialmente a capacidade de se comunicar. Três anos antes havia sido publicado o primeiro volume de *Problèmes de linguistique générale*. A calorosa recepção, a primeira tiragem esgotou em poucos meses, estimulou a publicação de um novo volume em 1974, sob a curadoria de Mohamed Djafar Moïnfar, o qual teria a mesma sorte editorial. Ambos foram recebidos com elogios efusivos por parte de personalidades da *intelligentsia* de então. Refletindo a importância que ele adquiriu no meio universitário, Benveniste se tornou uma importante referência no trabalho com língua francesa nas escolas, especialmente para os estudantes que optassem pela concentração em estudos literário-filosóficos. Sua contribuição se cristalizou em uma série de ferramentas de análise textual que possibilitavam identificar se um dado texto era objetivo ou subjetivo, se nele era empregada a enunciação discursiva ou histórica, diferenciar diferentes enunciadores etc. Em uma

análise relativamente recente, no entanto, de diferentes livros didáticos, se constata que “il y a interférence entre les écrits de R. Jakobson, d’É. Benveniste et de G. Genette” (SITRI & REBOUL, 1998, p. 96) no que diz respeito a esses diferentes instrumentos<sup>43</sup>.

Não há dados para afirmar que a cristalização da teoria da enunciação em seu formato mais popular decorra diretamente de sua escolarização e manualização, ainda que essa não seja uma suposição muito ousada. Todavia, é inevitável perceber que mesmo se ao nível do discurso os principais difusores da teoria da enunciação se contrapunham ao estruturalismo, os conceitos estabelecidos a partir de leituras da obras de Benveniste como a teoria da enunciação revelam uma curiosa complementaridade com a análise estruturalista da língua. Oposições, interpretadas no mesmo quadro de dicotomias fundamentais, como enunciação/enunciado, pessoa/não-pessoa, subjetivo/objetivo encontraram cômodo abrigo ao lado de significado/significante, paradigmático/sintagmático e fala/língua. A nova capacidade de acessar a “subjetividade” – no sentido daquilo que teria sido recalcado pela linguística saussuriana – da linguagem de que se gabavam então as linguísticas do discurso, deixou de lado a suposta “objetividade” dela, isto é, a perdeu de vista como possível objeto. Mais do que isso, se acreditou na partilha que o estruturalismo, e uma tradição linguística considerável, fazia entre o objetivo e o subjetivo em termos de linguagem. No entanto, como coloca Christian Puech, um dos maiores desafios ao corpo constituído da(s) teoria(s) da enunciação é a própria obra de Émile Benveniste:

“[...] la difficulté principale concernant la visibilité/diffusion/transmission des théories de l’énonciation et, du même coup, leur assimilation au corps des savoirs enseignés: rapportées à l’une de leur source principale et la plus exigeante, Benveniste, elles dessinent une configuration difficilement assignable dans la mesure où la langue y est concernée aux limites du linguistique, du sémiologique et du pragmatique dans ce qu’elle a donc à la fois d’irréductible et d’ouvert à un dehors proliférant et peu stable (les interactions, les rituels sociaux, les opérations mentales)” (PUECH, 1998, p. 95)

Dezesseis anos depois do número 17 de *Langages*, uma outra publicação foi consagrada à enunciação. A edição de 1986 da revista *Histoire épistémologie langage*, fundada em 1979, intitula-se *Histoire des conceptions de l’énonciation*. O número reproduz uma série de comunicações de um colóquio que havia ocorrido no ano anterior, intitulado *Histoire des théories de l’énonciation*, e revela a que ponto o programa de pesquisas apresentado em 1970 foi

<sup>43</sup> O manual *L’énonciation en linguistique française* de Dominique Maingueneau é um bom exemplo desse estado de coisas. No próprio índice já se nota uma fusão dos indiciais benvenistianos e dos *shifters* de Jakobson e da oposição entre *discours/histoire* na análise do verbo francês e o *discours/récit* narratológico de Gerard Genette.



capaz de criar raízes em menos de duas décadas. A mudança de título do colóquio para o de suas atas, conforme a apresentação do número, foi feita pois “‘conceptions’ réfère tant aux éléments repérable de cette dimension avant qu’elle ne soit thématisée pour elle-même qu’à l’histoire récente de son développement en tant que domaine foisonnant” (DELESALLE, 1986, p. 7). Isto é, o foco dos vários estudos não são teorias consolidadas sobre a enunciação, mas elementos diversos que podem ser remontados a ela, tanto anteriores quanto posteriores ao estabelecimento da teoria da enunciação como um saber específico sobre a linguagem. Sendo assim, se deve considerar bem sucedidos os esforços de Todorov em 1970, e tantos outros a seguir, de fazer convergir uma série de campos do conhecimento em busca da construção de alicerces para esse novo domínio do saber. Não à toa, o plano geral dos estudos enunciativos que Delesalle oferece na apresentação, ao delimitar o objeto dos vários estudos da revista, ecoa aquele de 16 anos antes:

Seront ainsi évoqués les éléments proprement linguistiques, discrets ou non, qui ne peuvent être compris que par référence au plan énonciatif: le problème du sujet de l’énonciation, le rôle de l’interlocution et le rapport de l’énonciateur à son énoncé; et ce dans une prise en compte historicisée de phénomènes tels que les actes de langage, les indexicaux, la construction de la référénciation, la performativité, le dialogisme sous ses différentes formes ou l’hétérogénéité du discours (*ibidem*).

Esse número exemplifica um tipo de segunda fase para a ciência da enunciação. Se em *Langages* Todorov tentava arrebanhar estudos diversos sob uma única denominação, nesse número de *Histoire épistémologie langage* o objeto enunciação já possui uma referência fixa, na forma dos temas que comporta. Dessa maneira, é possível buscar até nas tradições mais antigas como elas lidaram com o “problema da enunciação”. Esse movimento ao mesmo tempo cria raízes, linhagens diversas, para a linguística da enunciação e reforça a sua existência como domínio científico. Esse número da revista está dividido em duas partes, a primeira se chama *L’énonciation innomée* e a segunda, *L’énonciation dénommée*. Como indicam os títulos, aquela trata de estudos que antecedem a noção de possibilidade de uma teoria da enunciação como tal, a saber, trabalhos sobre a retórica clássica e renascentistas, gramáticas gregas, latinas e árabes, os estudos literários do começo do século XIX, enquanto esta cobre o período, fim do século XIX até a atualidade, em que se busca explicitamente a elaboração de uma ciência do ato de enunciar. A apresentação de Delesalle coloca Benveniste como o mais atual representante de uma

linhagem difusa, que começaria, propriamente, com Henri Weil 1844 e passaria, principalmente, por Bréal e Bally.

Curiosamente, alguns dos estudos históricos nem mesmo trazem o nome de Benveniste ou de outro autor ligado ao campo da enunciação, tal independência parece se basear na própria noção de enunciação para delimitar o fenômeno pesquisado, isso ocorre sobretudo com os estudos que tratam de retórica. Se pode supor que a nova importância que os estudos retóricos ganharam a partir dos finais dos anos 60 possibilitaria sua inclusão no campo dos estudos enunciativos sem maiores justificativas. Algumas das pesquisas históricas, no entanto, buscam se ancorar em seus antecessores imediatos, ainda que nenhuma o faça extensivamente, apenas pinçando em um ou outro texto algum bordão. Em *Laharpe et Fontanier: l'énoncé dans le commentaire littéraire* lemos:

il s'agit alors de faire l'inventaire des unités dont le sens n'est pas définissable au seul niveau du code [...] au sens strict, l'étude de ce mécanisme sui-référentiel commence avec Benveniste. Le terme d'énonciation renvoie aussi à l'analyse de l'incidence de la situation sur le discours: celui qui parle s'est-il mis en scène ou a-t-il au contraire effacé toute marque de subjectivité? De même pour l'interlocuteur: qui est-il? En quoi sa présence muette infléchit-elle le texte? L'énonciation, entendue en ce sens, s'inscrit dans une très ancienne tradition rhétorique” (BRANCA-ROSOFF, 1986, p. 136).

Nessa passagem, Benveniste figura como o fundador do estudo do “mecanismo auto-referencial” da enunciação. A primeira pergunta sugerida por Branca-Rosoff retoma os estudos das formas verbais e sua ancoragem no presente da enunciação de Benveniste, mas as perguntas que a autora propõe na sequência extrapolam seus estudos, novamente com base na retórica.

Em *Aspects de l'énonciation chez Apollonius Dyscole*, Frédéric Lambert realiza um estudo sobre aspectos enunciativos, no sentido resumido por Delesalle, na gramática do grego de Apolônio Díscolo e conclui: “il n'y a pas de référence sans subjectivité pour Apollonius. On pense à la formule de Benveniste: ‘la polarité des personnes, telle est dans le langage la condition fondamentale’” (p. 50). Ainda que a citação seja direta, fica claro que a menção a Benveniste é acessória à conclusão. Se encontra também uma referência indireta, “[m]ais d'autre part ce jeu de renvois successifs fait de chaque mot d'un énoncé la mémoire des autres. On comprend alors pourquoi l'énoncé est en même temps comme dit Apollonius, clos sur lui-même, *autoteles* [...]” (*ibidem*), retomando a temática da auto-referencialidade.

Sylvain Auroux, em seu estudo, dedica-se a buscar elementos enunciativos na *grammaire générale*. Como nos estudos anteriores, a auto-referencialidade tem destaque. Aqui, porém, ela é tratada de maneira mais complexa, não apenas como uma particularidade dos estudos enunciativos, mas como um limiar epistemológico: “[d]ans la conception du langage-traduction, qui reste le coeur de la pensée classique [...] la sui-référence est inconcevable” (p. 116). A possibilidade de pensar a auto-referencialidade como uma propriedade essencial da linguagem é o que caracteriza, para Auroux, a teoria da enunciação em seu sentido próprio e por isso “la sui-référence est le phénomène dont la conception sépare la grammaire classique et les théories modernes de l'énonciation” (p. 115). Dessa maneira, para ele, “[l]a révolution énonciative que nous vivons depuis une vingtaine d'années est une révolution sans précédent dans l'histoire de nos conceptions sémantiques.” (p. 117), pois se inaugura, com ela, uma nova maneira de pensar o sentido.

Em *Énonciation et redistribution des savoirs à la Renaissance*, Pierre Lardet retoma a temática da transdisciplinaridade nos estudos da linguagem presente desde o texto de Todorov e o reencontra na Renascença, o identificando igualmente à ascensão das problemáticas da enunciação:

Non assignable à **un** lieu, la question de l'énonciation surgirait bien plutôt à la jointure, devenue incertaine, de plusieurs savoirs concurrents : grammaire, logique et dialectique, rhétorique et poétique. Rectifications de frontières, réformes pédagogiques, rivalités disciplinaires ou nationales - *translatio studii*, 'dispute des arts', *questione della lingua*, statut de la traduction - : autant de conjonctures à explorer plus avant où se signifierait alors la place, à la fois insistante et menacée, d'un sujet. (LARDET, 1986, p. 97, notas removidas, grifos do autor).

Essa temática é retomada também por Bernard Lamizet, em seu estudo na segunda parte da revista, o qual busca explicitar as relações entre enunciação e psicanálise:

Les théories de l'énonciation ne constituent pas un champ homogène de rationalité : il ne saurait y avoir de continuité théorique dans un champ qui se définit plutôt par une finalité que par un type de discoursivité. Ce qui définit le champ des théories de l'énonciation, c'est leur but : rendre raison des processus dont la fin est l'énonciation, c'est-à-dire l'articulation d'une parole ou d'un discours, et la disponibilité de cette parole ou de ce discours pour la compétence de l'autre. C'est dire que le champ des théories de l'énonciation est situé à l'intersection d'autres champs : celui de la linguistique, dans la mesure où il y a va [sic] des règles d'usage de la langue; celui de la communication, dans la mesure où l'énonciation se situe dans le champ des échanges de langue

entre sujets ; celui du sujet enfin, car il n'y a pas d'énonciation qui ne se soutienne de l'identité d'un sujet qui en soit porteur.

C'est à ce titre qu'il convient d'interroger les structures du champ de rationalité de l'énonciation dans son intersection avec celui de la psychanalyse (LAMIZET, p. 244).

Nessas duas passagens, se nota que a enunciação continua a ser vista como um objeto fora do alcance de uma disciplina específica. Um fenômeno que extrapola a capacidade dos instrumentos de cada campo de pesquisa, seja na Renascença ou no século XX. A passagem do texto de Lamizet é especialmente interessante, pois ilustra uma distinção típica da época; de um lado a linguística, que se ocupa de regras, de outro a comunicação, a qual trata propriamente das trocas languageiras e ainda, separada, uma teoria do sujeito.

Dos outros textos que tratam da *énonciation dénommée*, poucos tratam de Benveniste com atenção. Dos nove textos que compõem a segunda seção da revista, um lhe é dedicado integralmente, da autoria de Claudine Normand, um segundo, de Jacqueline Fontaine, lhe é dedicado parcialmente, tratando da apropriação de alguns de seus conceitos por Harald Weinrich e um terceiro, de Frédéric Nef, se concentra na sua reflexão sobre a indicialidade, comparando-a àquela da pragmática formal<sup>44</sup>. De resto, o autor é mencionado pontualmente, seja como marco histórico, ou como aquele que teria elaborado um instrumento ou conceito específico, o qual teria colaborado para o avanço geral dos estudos enunciativos, ou ignorado. Um exemplo típico é o uso que a análise do discurso faz de Benveniste na revista em questão. Para Jacques Guilhamou e Denise Maldidier, no texto *De l'énonciation à l'événement discursif en analyse du discours*, a teoria da enunciação benvenistiana é um ponto de passagem no percurso para a constituição da análise do discurso, não vista na totalidade de uma obra ou teoria, mas como uma simples oposição conceitual: “Les premiers jalons de l'histoire de l'analyse de discours - nous entendons par là le champ constitué en France dans les années 1970 - sont bien connus. Très vite, cette discipline a fonctionné sur la dichotomie mise en place par Benveniste: *énoncé/énonciation*” (p. 234). O uso programático de dicotomias fundacionais não é, por certo, novidade alguma e ecoa o uso que era feito, então, do saussurismo, como mostrei no capítulo 2. Ao mesmo tempo, no próprio texto, se identifica certo caráter inovador em Benveniste, na reflexão embrionária sobre o evento [*événement*] discursivo.

---

<sup>44</sup> O texto de Nef é interessante, pois analisa de perto um problema pouco desenvolvido na “teoria da enunciação”, o da referência.

Me detenho agora sobre o texto de Claudine Normand, *Les termes de l'énonciation de Benveniste*. Ele nos interessa em especial pois em seguida veremos uma posição contrastante da própria autora quanto aos elementos selecionados dentro da obra de Benveniste. Seu objetivo no artigo em questão, em suas palavras é:

l'étude de la mise en place par Benveniste des notions dont l'ensemble constitue ce qu'on désigne par 'Théorie de l'Énonciation', référence, comme telle, pour de nombreux travaux depuis 1970. Il s'agit d'une analyse historique (intra-théorique), à partir des textes parus entre 1939 et 1970, qui ont été rassemblés dans les deux volumes de *Problèmes de Linguistique générale*. L'ensemble dont je ne propose ici qu'un fragment, s'attache au travail d'élaboration de la problématique: ordre d'apparition des notions et oppositions principales (personne/non-personne, récit/discours, énoncé/énonciation...), passage d'une acception ordinaire à une acception théorique (énonciation), étapes par lesquelles s'opère la liaison conceptuelle entre les différents termes, reformulations, etc. (p. 192)

A análise busca rastrear a consolidação das noções que formam “o que se designa” a teoria da enunciação. Essa diferenciação que a autora faz questão de sublinhar entre noções de Benveniste e aquilo que um público leitor chama de teoria é importante e chama atenção, pois os textos que apresentei até aqui, e também os que optei não destacar, em geral, fundem uma teoria da enunciação genérica, como aquela da passagem citada de Delesalle, com a obra de Benveniste, assim como com os fundamentos do estruturalismo e a obra de Saussure. No entanto, como a análise é fundamentada sobre um devir interno da teoria, esse aspecto acaba por ser minimizado. Igualmente, Normand salienta que o corpus típico da teoria da enunciação benvenistiana é uma escolha externa operada sobre os *Problèmes de linguistique générale*, mas como pouco faz para se distanciar dessa seleção, a constatação acaba tendo seu potencial reduzido. Com efeito, se acaba reforçando uma leitura fragmentária da obra de Benveniste. Nesse texto há a tipologia mais complexa que Normand ensaiou para a obra de Benveniste, com uma série de divisões e subdivisões. Não a apresento em detalhes, pois, como mostro em seguida, a autora eventualmente muda a direção de sua interpretação. De qualquer maneira, vale destacar que já nesse artigo Normand busca uma teoria benvenistiana que não se resume a uma teoria da enunciação, mas que seja capaz de sustentar uma. Daí seu interesse pelo conceito de significação em Benveniste e as maneiras pelas quais o autor pretende ultrapassar a reflexão saussuriana sobre a linguística. Para Normand, as intenções de Benveniste atigem uma “illusion d'une possible théorie globale, « fantastique », du sens et de la culture, prise dans une

anthropologie (p. 193)”. O mero escopo do que o linguista pretendia realizar tem ares irreais para a autora, mas vemos aí retornar o tema da antropologia como um campo em que uma síntese de uma teoria da linguagem e da cultura poderia ocorrer.

Citei no primeiro capítulo o artigo *Lectures de Benveniste: quelques variantes sur un itinéraire balisé* (1997), de Claudine Normand, e vale a pena agora retornar a ele. Nesse texto, a autora narra seu longo envolvimento com a linguística de Benveniste em uma história que se confunde com as particularidades da apropriação francesa de sua obra. Primeiramente, relembra seu breve envolvimento com diferentes facetas da obra de Benveniste ao longo de sua formação em letras: o comparatista, o estruturalista e o linguista da enunciação. Devido a essa relativa familiaridade, se surpreendeu com o que aconteceria no começo dos anos 1980:

[N]ous étions frappés par le retour en force, dans la linguistique française de ces années-là, du sujet, de la *personne*, de ce qui se formulait « la subjectivité dans le langage » dans des entreprises qui affirmaient toutes se fonder sur Benveniste, sa théorie du discours et de l'énonciation. Cette position à bien des égards paraissait contradictoire avec la fidélité proclamée de Benveniste à Saussure [...]. Ainsi Benveniste qui s'affirmait sans cesse saussurien, devenait celui qui permettrait enfin de se délivrer du saussurisme (1997, parágrafo 10).

Ela destaca nesse artigo, sobretudo, o papel de psicanalistas e filósofos em suas tentativas de propor uma sistematização do pensamento benvenistiano, em especial em torno da temática do sujeito, algo que pudemos observar nas duas revistas destacadas anteriormente. Em reação a esse movimento, a própria autora se colocou, então, a buscar a história do desenvolvimento de uma teoria enunciativa nos textos do linguista. Esse percurso resultou em uma série de publicações que tiveram um papel essencial na consolidação de uma “teoria da enunciação”, ao lhe dar coesão fundamentada em um recorte de textos do *PLG*. Ao revisitar esses textos, no entanto, Claudine Normand rejeita parcialmente certas conclusões e seleções textuais, responsabilizando “nos ignorances ou nos partis pris” (parágrafo 16). É interessante observar aí o efeito da socialização e institucionalização de uma teoria. O que em 1985 a autora apresenta como uma das novidades da reflexão benvenistiana: “[I]a distinction du sujet de l'énoncé et du sujet de l'énonciation proposée par Benveniste était un effort pour sortir de ces evidences en insérant ces nouveaux termes dans un ensemble conceptuel en cours d'élaboration” (NORMAND, 1985, p. 8), em 1997 ela interpreta como uma teorização alheia àquela de Benveniste: “on peut faire remarquer que l'expression « sujet d'énonciation » n'a jamais été employée par Benveniste lui-même; ce sont ses commentateurs philosophes et psychanalystes,

semble-t-il, qui ont fabriqué et répandu très tôt ce terme” (parágrafo 20). Igualmente, aquilo que em 1986 compõe o núcleo da teoria da enunciação, “une série de textes rassemblés [...] dans le volume I des Problèmes, et [...] dans le volume II, sous le titre ‘L’homme dans la langue’; on y ajoute tout ou partie de ceux qui sont rassemblés sous le titre ‘La communication’. Disons que ce sont les textes ‘canoniques’” (NORMAND, 1986, p. 194), ao passar por um escrutínio crítico e histórico, tem sua validade como recorte bibliográfico representativo da linguística da enunciação reavaliada e se conclui: “[...] que les textes « canoniques » concernant l’énonciation ne semblent pas avoir de statut particulier dans l’oeuvre de Benveniste” (parágrafo 23). Desfazendo progressivamente certos lugares comuns sobre Benveniste e a teoria da enunciação, ao fim do itinerário restam apenas algumas noções orientadoras como subjetividade e significação e o projeto de uma ciência geral desses saberes, sob a forma do semântico ou da semiologia.

Essa retrospectiva ensaiada por Normand representa uma linha de releituras positivas da obra de Benveniste, isto é, que visam desfazer certos limites estabelecidos por meio da reconfiguração e da revisão de finalidades. Por outro lado, há aquelas releituras majoritariamente negativas, que se fundamentam em uma rejeição da linguística benvenistiana. O interessante é que elas também operam, por vezes, uma assimilação de Benveniste e a “vulgata enunciativa” e veem nas limitações desta, insuficiências daquele. Uma colocação de Herman Parret é exemplar nesse sentido:

[T]out aspect de la réalisation, de l’actualisation de fragments linguistiques n’est pas dans le discours, puisque la suite infinie des événements de parole n’est pas repérable comme une suite d’instances du discours. C’est ainsi que l’on peut se méfier du projet même de la ‘linguistique énonciative’ de Benveniste (1987, p. 84, *apud*, SUNGDO, 1997, parágrafo 26)

Chama atenção principalmente a frase final, a qual sugere que devemos suspeitar do projeto enunciativo de Benveniste. Como já vimos com Flores (2012) e Normand (1992, 1997), a existência desse projeto na obra do linguista é no mínimo incerta. Além disso, a crítica é claramente voltada para uma “vulgata enunciativa”, a qual tentaria limitar toda análise discursiva às instâncias discursivas particulares.

As mais célebres críticas à obra de Benveniste, isto é, as mais reproduzidas, são provavelmente aquelas feitas por Antoine Culioli, linguista que desenvolvia sua própria teoria da enunciação desde os anos 70. Nos três tomos de *Pour une linguistique de l’énonciation* (1991-

2000), é possível depreender uma consistente divergência em relação à teoria da enunciação. No segundo tomo *Formalisation et opérations de repérage* (1999), com efeito, praticamente todas as vezes que o Benveniste é mencionado, se trata de uma reprovação de sua epistemologia, de seus métodos ou de seus resultados. Incluída nesse tomo está sua intervenção no colóquio *Émile Benveniste aujourd'hui*, de 1984. Uma das colocações introdutórias resume de maneira adequada a posição do autor:

Ni témoin trop engagé, ni historien, il ne me restait qu'à relire les textes (pour l'essentiel, *Problèmes de linguistique générale*) en traquant les mots révélateurs, en superposant les passages traitant d'un sujet donné, afin de faire ressortir les propositions fondamentales, mais aussi les concepts manquants, les termes en trop, bref, ces signes ténus comme de l'herméneute, par lesquels nous cherchons à déceler les failles, les gauchissements qui font bouger un discours trop bien apprêté et qui nous permettent de retrouver les hésitations d'une théorie en devenir (1999, p. 116).

Chama atenção a longa lista de problemas a serem encontrados, em oposição ao neutro “proposições fundamentais”. O movimento é o inverso daquele de Normand. Para a autora, se trata de desvendar a unidade da teoria, suas idiossincrasias epistemológicas e entender a linguística de Benveniste como um projeto em execução. Por outro lado, para Culioli, se trata sobretudo de destacar a fragmentação, a incompletude e a insuficiência. É importante notar também de que maneira Benveniste integra a história da linguística para Culioli. O autor, lhe dá um papel fundacional: “Benveniste a contribué à l'avènement de la linguistique théorique, telle qu'elle existe. [...]. En second lieu, je soulignerai le rôle de Benveniste dans la transformation de la linguistique qui, de classificatoire, va devenir théorie des procès et des actes” (*ibidem*). Não é atípico atribuir tal papel a Benveniste, sobretudo na época, mas chama atenção a maneira como a linguística pré-benvenistiana, presumamos, saussuriana, é definida como classificatória e não-teórica. Com efeito, a continuidade de certos conceitos, como língua, é vista como problemática para a constituição de uma teoria da linguagem. A todo tempo, a crítica de Culioli se concentra sobre o que vê como uma inconsistência terminológica e ausência de conceitos claros, por exemplo: “quand on étudie avec minuties les textes de Benveniste sur la subjectivité [...] on rencontre une prolifération de désignations, et un concept manquant” (p. 121)<sup>45</sup>. Nota-se, assim,

---

<sup>45</sup> Contra críticas de Culioli, Meschonnic oferece um argumento importante: “Une différence majeure, même si certains y sont insensibles, étant que Culioli travaille, à la manière des logiciens et des générativistes, sur des phrases fabriquées pour la cause [...], alors que Benveniste, en philologue analyse des exemples réels” (1995, p. 34-35)



uma relação similar àquela entre os estruturalistas e Saussure, criando a figura do pai superado, fundador do campo, mas incapaz de solidificar suas bases.

Kim Sungdo sintetiza bem os dois tipos de críticas em seu artigo *Benveniste et le paradigme de l'énonciation*. Primeiramente, haveria “faiblesses au niveau de l’intelligibilité” (1997, parágrafo 25), o que engloba as críticas quanto ao estilo de Benveniste. Em segundo lugar, para ele “[l]a théorie de l'énonciation n'est pas suffisamment élaborée, elle ne peut traiter que quelques propriétés spécifiques du discours” (SUNGDO, 1997, parágrafo 26).

Seja por vias que reafirmam e reformam o legado benvenistiano, seja pela rejeição da cientificidade ou da composição da teoria, o que se percebe de 1970 até o fim do século XX é um ciclo de rápida consolidação da teoria da enunciação benvenistiana, seguido de sua desarticulação. Gerard Dessons no começo do século XXI apresenta esse esgotamento como uma oposição entre um pensamento instigante sobre a relação entre homem e linguagem e uma teoria popularizada, reduzida à mera análise das marcas formais:

Particulièrement suggestive, voire dérangeante, la pensée de Benveniste se voit fréquemment atténuée et dénaturée par la vulgarisation de sa théorie linguistique réduite aux seules analyses des marques formelles de l'énonciation, au détriment des considérations théoriques d'ordre plus général, dont la portée révèle pourtant une conception forte et originale des relations entre le langage et l'homme (Dessons, 2006, p. 26)

Apesar de sua crítica, Dessons é incapaz de oferecer uma alternativa operatória à linguística benvenistiana, seja nos termos de Benveniste, isto é, retomando textos deixados de lado, reconfigurando conceitos essenciais etc., seja em uma proposição própria. Seu livro se limita a explicitar a união do antropológico e do semântico na obra de Benveniste, mas isso não se traduz em uma ciência, ainda que seja o início de uma nova metafísica para o benvenistianismo.

Esse dilema, para onde seguir após o esgotamento da “teoria formal da enunciação”, é uma das marcas dos estudos benvenistianos atuais. Não é possível aqui enumerar trabalhos individuais e descrever como cada um atua sobre o benvenistianismo, até porque isso extrapolaria os objetivos do capítulo. No entanto, é possível resumir em duas principais tendências: a maioria das empreitadas busca desenvolver pontos da teoria da enunciação, na busca de sua revitalização, às vezes se concentrando sobre afirmações programáticas realizadas apenas parcialmente na obra de Benveniste, na esperança de que isso confira novo sentido ao

conjunto da teoria. Outros tentam aliar a teoria da enunciação ao chamado por uma antropologia realizado por Derrida e diferentes apropriações da obra de Benveniste advindas de outros campos do saber, como, por exemplo, na psicanálise com Dany-Robert Dufour ou na filosofia de Giorgio Agamben. A diferença essencial entre essas apropriações e outras como as de Jakobson e Genette é que elas não se inscrevem no quadro conceitual do estruturalismo generalizado, mas, por vezes, até mesmo voltam Benveniste contra esse paradigma. Deve-se encarar a difícil pergunta, todavia, se é possível ainda, diante da reconfiguração epistemológica sugerida por Derrida, considerar a linguística da enunciação como uma matriz passível de ser recombinação. Se sim, como? Se não, que novas formas o benvenistianismo poderá tomar?

## II. Investigações

*Le rapport à Benveniste [est] préparé par le rapport à Saussure*

Henri Meschonnic, *La critique du rythme*

O objetivo desta parte é realizar um pensamento inicial sobre maneiras de se orientar dentro das obras de Saussure e Benveniste que possam fundamentar uma reflexão sobre as línguas e as culturas do mundo e também sua análise com um instrumental teórico adequado para abordar o caráter, a ser construído, diferenciante e relacional desses objetos. Essas intuições não fazem parte das interpretações estabelecidas sobre os autores, ainda que se possa encontrar em ambos, e em alguns que os reivindicam como antecessores, elaborações nesse sentido. Nos capítulos que seguem, me ocupo de apresentar alguns estudos, passagens, argumentações e conceitos em Saussure e Benveniste que podem nos indicar uma direção.

Sendo assim, como sugeri no já distante preâmbulo, é chegado o momento deste trabalho de fazer aflorar seu potencial ficcional, sobre e junto desses linguistas. Isabelle Stengers define ficção como uma proposição individual inovadora, por duas razões:

[F]irst of all, because it is clearly into the register of fiction that it will be rejected if it fails to have itself recognized as scientific; next, and more positively, because it seems to me that this term designates quite precisely a singularity of modern scientific activity, the liberty with which it treats what is given. To put it simply, whereas other traditions of knowledge have given themselves the rational task of justifying the given, of demonstrating that what is had to be, innovative scientific hypotheses always attempt to situate what is given within a much vaster set of possibilities (1997, p. 134-135).

Assim, trata-se de uma ficção porque não é tão simples acessar o domínio dos seres. É necessário identificar e produzir interesses, no sentido com que apresentei este termo na introdução. Em segundo lugar, a proposição é ficcional por se colocar a pergunta “e se...?”. Isto é, imaginar que uma determinada organização e definição das coisas no mundo não é necessária, mas uma instância histórica.

Utilizando um conceito de coletivo similar ao que apresentei na introdução, posto que também baseado em Bruno Latour, mas reforçando seu caráter histórico, a filósofa especifica o papel da ficção na ciência, na história e na relação dos sujeitos com o mundo:

A fiction that has the ambition of ‘being part of’ science is therefore not just one fiction among others. It would not be enough to say that it has the vocation of being accepted by the collective; it would be better to say that it has the vocation to transform the collective, and even, more accurately, *to create a new collective, which is to say, also and indissociably a new type of history[,] [...] a new mode for the intervention of a phenomenon in discussions between humans* (*idem*, p. 138, grifos da autora)

Mais do que aceita no mundo constituído pela ciência vigente, a ficção vem para transformá-lo, ao reorganizar e redefinir os seres que o constituem. Também, e esse foi um dos problemas que abordei com grande insistência na parte anterior, essas proposições reescrevem a história das disciplinas, da ciência e da sociedade, criando novos interesses entre humanos e não-humanos. A entrada de uma nova ficção no coletivo e em especial na ciência, no entanto, só se dá a partir de numerosas negociações, as quais por vezes são deslocamentos infinitesimais e em outras envolvem uma profunda mudança de prioridades, da relação entre conceitos etc.

Como vimos no capítulo 2, a ficção saussuriana para a linguagem não adentrou incólume no mundo do estruturalismo. Uma das principais razões para isso, acredito, é que a reflexão do genebrino encaminha a linguística para um tipo de cientificidade diferente da epistemologia científica dominante, chamada geralmente de galileanismo, por tomar como modelo a física clássica. Historicamente, essa aplicação em bloco acabou por gerar contradições, pois “[s]ince its origin, physics has been dominated by the quest for general laws” (*idem*, p. 65) e nem todo objeto está apto a ser descrito nessas condições. As leis gerais da física clássica se sustentam, resumindo superficialmente, na proporcionalidade e equação de diferentes parâmetros, na abstração de condições reais (da queda, do deslocamento) e na pouca importância conferida ao tempo, tendo todo um processo um caráter reversível, isto é, de qualquer estado de coisas expresso em uma fórmula com um tempo  $x$ , é possível retirar todos os estados possíveis em  $t_{x+1}$ ,  $t_{x+2}$ ,  $t_{x+3}$ ,  $t_{x-1}$ ,  $t_{x-2}$ ,  $t_{x-3}$  etc. Ao se voltar para outros fenômenos e transportar esses princípios, no entanto, a própria física acaba por se colocar em situações contraditórias. A termodinâmica, que se ocupa de processos que não podem ser descritos da mesma maneira, por diferentes razões que não cabe explicitar aqui, mas essencialmente em razão de sua relação com o tempo, por um longo tempo teve seu escopo limitado. Mais do que isso, “thermodynamics was constituted in relation to irreversible processes but also *against* them, seeking not to know but to control them” (*idem*, p. 66).

O problema da temporalidade, dessa maneira, acompanha toda ciência, esteja ela tentando emular a atemporalidade das leis da física clássica ou compreender a temporalidade própria ao objeto de estudo. Com efeito, Jean-Louis Chiss destaca justamente essa questão ao tratar da especificidade da epistemologia saussuriana: “pour le projet saussurien de science linguistique, la condition de possibilité semble être de débrouiller l’écheveau des problèmes gravitant autour de la *temporalité*” (1978, p. 99, grifo do autor). No capítulo 5, abordo como

Saussure integra o tempo na sua reflexão sobre a linguagem para tomá-la como base para a leitura de Benveniste.

Antes de passarmos aos capítulos 5 e 6, vale a pena ver o exemplo de como uma ciência que não a física e nem a linguística lida com a questão do tempo. A biologia darwinista sempre foi envolta nas mais diversas polêmicas, tanto epistemológicas quanto políticas. Uma de suas ditas fraquezas frente à física ou à química voltada para a síntese de substâncias é sua impossibilidade de prever resultados – muito como a linguística –, isto é, de apontar por que caminho evolutivo uma espécie seguirá, quais indivíduos de uma espécie qualquer terão mutações vantajosas etc. No entanto, Isabelle Stengers interpreta essa falha, no que diz respeito à ideologia científica dominante, justamente como uma força singular do darwinismo:

[...] it is this so-called weakness of the science of evolution that gives it its strength and interest, because this science is not actually endowed with [...] the power to judge a priori. Quite to the contrary, it has discovered the necessity of putting to work a more and more subtle practice of storytelling. [...]. Contemporary Darwinian accounts no longer have the moralizing monotony that destined the best to triumph. They make continually more heterogeneous elements intervene, which never cease complicating and singularizing the plot that is recounted. [...]. Each witness, each group of living beings, is now envisaged as having to recount a singular and local history. Here scientists are not judges but investigators (*idem*, p. 148, grifos da autora).

Assim apresentada, essa força narrativa singularizadora faz pensar no forte aspecto dialetológico-etnográfico latente no saussurismo e exposto de maneira clara na carta mais célebre de Saussure a Antoine Meillet: “[c]’est en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d’une langue, celui qui fait qu’elle diffère de toutes autres comme appartenant à certain peuple ayant certaines origines, c’est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt” (BENVENISTE (ed.), 1964, p. 95). Como mostro nos capítulos seguintes e nas considerações finais, penso que o aparato linguístico construído entre Saussure e Benveniste tem precisamente a aptidão para fazer aparecer as singularidades linguísticas e culturais de cada grupo considerado em certo tempo e espaço, em especial, na *magnum opus* de Émile Benveniste, o *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. Além disso, a consideração de Stengers nos traz uma ideia interessante de outras identidades que o cientista pode assumir. Ao invés de um juiz, determinando o que é e não é fato, o que pertence ou não ao campo da ciência, o cientista também pode se colocar como um investigador, o qual se ocupará de acumular indícios cada vez mais complexos, em uma teia de eventos que se co-determinam.

## 5 SAUSSURE E UMA LINGUÍSTICA DO VIRTUAL

O centro da ciência saussuriana da linguagem é o falante. Já é passada a hora de isso se tornar um lugar comum, um aposto trivial que acompanha as menções a Saussure em manuais e textos científicos diversos, e não uma espécie de desafio à tradição a ser seguido por uma série de referências aos mais diferentes autores na esperança de sustentá-lo, em suma, uma caixa preta<sup>46</sup>. Poderíamos invocar aqui décadas de trabalhos de pesquisadores como Claudine Normand, Christian Puech ou Henri Meschonnic, mas basta retermos o *Curso de linguística geral* para atestarmos isso.

Ao tratar das distintas capacidades de análise linguística do linguista e do falante, Saussure sentencia que “em última instância [...], a [análise] dos falantes é a única que importa, pois está fundada diretamente nos fatos de língua” (2006, p. 213). Isso não significa, é evidente, uma superioridade de conhecimentos científicos sobre os linguistas da parte da falantes. O que está em jogo para Saussure é o fato de que o linguista, analisando uma língua estrangeira, sua contemporânea ou não, não possui jamais o mesmo discernimento do falante (como sua rápida pesquisa de campo na Lituânia o ensinou). “Sem dúvida, os falantes não conhecem essas dificuldades; tudo o que for significativo num grau qualquer aparece-lhes como um elemento concreto, e eles o distinguem infalivelmente no discurso” (*idem*, p. 123). Decorre dessa precedência da experiência do falante que “a Linguística sincrônica só admite uma única perspectiva, a dos falantes” (*idem*, p. 247). Não seria difícil dessas poucas passagens extrapolar uma teoria saussuriana do sujeito na linguagem, dada a ênfase conferida ao aqui e agora do falante como critério de discernimento de “tudo o que for significativo”. Mas não nos apressemos, por enquanto, basta reconhecer a presença e a importância conferida na teoria saussuriana à categoria de falante. Se é um uso proveitoso ou não para estudos discursivos, pragmáticos, da conversação e outros que privilegiem o falante, essa é uma questão secundária. O fato dela ter sido historicamente deixada de lado, isso diz respeito a um gesto interpretativo do estruturalismo e não a algo essencial do pensamento do genebrino. Como diz Christian Puech:

---

<sup>46</sup> Na filosofia da ciência de Bruno Latour, uma caixa preta é todo conceito, instrumento, entidade, artefato etc. cuja existência não está aberta para questionamentos. Essas certezas fundamentam nossa interpretação do cotidiano e no caso específico do fazer científico, servem para que reflexões não tenham sempre que começar *ab ovo*.

“une fois admis que l’idée d’un ‘Saussure fondateur du structuralisme’ n’est qu’un raccourci commode, on veut bien croire que le destin du saussurisme n’est pas scellé une fois pour toutes” (2005, p. 110). Sendo assim, o objetivo deste capítulo é dar destaque a algumas noções saussurianas, já presentes no *CLG*, mas cuja importância e clareza ficaram mais claras a partir da publicação dos *Escritos de linguística geral*, que tendem a ser deixadas em segundo plano, a saber, as de analogia e virtualidade. Situo também a relação dessas noções com outras mais conhecidas como os eixos sintagmático e associativo, os recortes sincrônico e diacrônico etc., além de propor enquadrar essas noções em um problema mais geral da temporalidade da linguagem e, por conseguinte, da ciência linguística. O objetivo final é de pensar a linguística saussuriana como uma linguística da multiplicidade.

O lugar do falante no pensamento de Saussure suscita dois tipos de reflexão estritamente relacionadas. Primeiramente, reflexões acerca dos processos psicológicos engendrados pela faculdade da linguagem, o que nos traz conceitos como sintagmático, associativo, analogia e valor. Em segundo lugar, há uma reflexão sobre o todo da atividade linguística, centrado na ideia de sistema relacional, signo/unidade, na relação entre virtual e atual e nos recortes temporais da sincronia e da diacronia. Esse primeiro grupo de conceitos, podemos considerá-lo apropriado para iniciar a descrição de textos particulares e o segundo, como o quadro em que os textos particulares se inscrevem. Não sugiro, porém, interpretar o recorte proposto, relacionado-o aos conceitos de língua e fala, pois penso que a problematização a seguir, finalmente, ultrapassa essa distinção.

O segundo grupo que delimitei contém uma das principais particularidades da revolução saussuriana, sua maneira de tratar a temporalidade na ciência linguística. Expressa de forma condensada no arbitrário linguístico, a noção de tempo em Saussure foi historicamente tanto um problema silencioso, quanto gritante, às vezes ambos ao mesmo tempo. Como mostrei, Benveniste lê a noção equiparando arbitrário a contingente e opondo-o a necessário em seu célebre artigo de 1939 (cf. *supra*, cap. 3). Para Claudine Normand, em um artigo dedicado à noção de arbitrariedade, se trata de um “‘règlement de comptes’ avec l’ancienne philosophie de l’origine (encore à l’oeuvre de façon plus ou moins explicite dans la linguistique historique)” (1973, p. 123). Para ela, havia na época uma ênfase excessiva sobre o arbitrário que, com efeito, não apresentaria grande novidade, sendo apenas uma retomada do velho debate entre convenção e natureza, enquanto se deixava de lado o conceito verdadeiramente inovador, o de valor. É



Henri Meschonnic quem alia o arbitrário linguístico (não apenas do signo, mas da linguagem inteira) ao problema da temporalidade de maneira decisiva. Para o autor, é apenas a partir dele que se torna possível para a linguística pensar a historicidade radical da linguagem, a inscrição de todo ato de linguagem em um eu-aqui-agora. Na interpretação do autor o arbitrário é a solução que Saussure encontra para imaginar um sistema linguístico nem contingente e nem necessário, nem convencional e nem natural, mas sim histórico, social e subjetivo (cf. MESCHONNIC, 1982, p. 29)<sup>47</sup>. Para compreender sua posição, é necessário entender que “le caractère radicalement arbitraire du signe (qui n’est pas l’immotivation) implique le rapport système/valeur” (CHISS, 1978, p. 101), isto é mais do que mera propriedade intrínseca do signo linguístico, o laço imotivado de suas partes, o arbitrário. Christian Puech faz uma associação similar entre sistema linguístico, subjetividade e história, ao lembrar que desde as primeiras recepções da obra do genebrino, e com o *CLG* especialmente, “l’affirmation saussurienne du ‘caractère social des faits linguistiques’ a moins constitué un programme qu’un défi: penser en même temps la systématique de la langue, le statut du sujet et la variabilité de l’histoire” (2005, p. 110).

Essa historicidade radical é expressa de todo no conceito de sincronia. Como brinca Jean-Louis Chiss: “[s]i l’on tire la maille synchronie c’est tout le tricot *CLG* qui vient avec...” (1978, p. 92). Essa afirmação vai contra a convenção estruturalista (e de sua crítica) da primazia da sincronia sobre a diacronia como uma primazia da descrição ahistórica da língua. A valorização da sincronia na epistemologia saussuriana tem uma pretensão realista, isto é, de dar conta de um fato observado; a língua e a história se desenrolam no tempo, é certo, mas elas em um momento dado, único acontecem (na forma de discurso e historicidade, conceitos pouco usados por Saussure, mas pertinentes para a compreensão da distinção em questão). Retornamos assim à centralidade do falante. É no e pelo falante que a língua, e por conseguinte a história, acontecem:

A sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher-lhes o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e suficiente averiguar em

---

<sup>47</sup> O que não quer dizer que os conceitos de contingência e necessidade estejam de todo ausentes da obra saussuriana, mas concordo com Meschonnic quando os afasta da interpretação do arbitrário. O contingente podemos encontrar, por exemplo, quando Saussure trata da mudança linguística, em especial a fonética. Para ele, não há qualquer tipo de causa explícita ou implícita para as transformações linguísticas (a analogia, igualmente, não é considerada uma causa). O necessário se vê, é evidente, nos conceitos fundamentais de sua teoria linguística. Todos os conceitos principais se engendram mutual e necessariamente.

que medida ela existe para a consciência de tais pessoas” (SAUSSURE, 2006, p. 106)

Dessa maneira, “[l]a systématique n’est pas – tant s’en faut – une négation de l’‘Histoire’ mais seulement de l’évolutionnisme” (CHISS, 1978, p. 99). Meschonnic faz uma afirmação similar, resgatando também a constituição disciplinar da linguística saussuriana e, daí, propondo uma crítica do estruturalismo: “système, qui est le terme de Saussure, est historique, en ce qu’il ne sépare pas philologie et linguistique [...]. Alors que structure est ahistorique, et ne peut que déhistoriciser. En quoi rien n’est plus opposé à Saussure que sa postérité structuraliste” (1982, p. 29).

Já se pensou que o sistema linguístico saussuriano comportasse, por definição, apenas leis, em sentido prescritivo. No entanto, o próprio Saussure diz: “falar de lei lingüística em geral é querer abraçar uma fantasma” (SAUSSURE, 2006, p. 107). No que diz respeito à sincronia, suas “leis” são apenas a distribuição dos usos em um dado recorte de tempo e espaço. Quanto ao léxico, se pensou tratar apenas de sentidos próprios ou instituídos, devido a uma interpretação do signo como um objeto pronto, no entanto, uma passagem de *Sobre a essência dupla da linguagem* nos confirma não ser o caso:

Mesmo que se trate de designações muito precisas como *rei, bispo, mulher, cão*, a noção completa envolvida na palavra resulta apenas da coexistência de outros termos; o *rei* não é mais a mesma coisa que o *rei* se existe um *imperador*, ou um *papa*, se existem *repúblicas*, se existem *vassalos, duques*, etc.; - o *cão* não é mais a mesma coisa que o *cão* quando é oposto a *cavalo*, representando, nesse caso, um animal impudente e ignóbil, como no tempo dos gregos, ou se é oposto sobretudo à fera selvagem que ele ataca, representando, neste caso, um modelo de intrepidez e fidelidade ao dever, como no tempo dos celtas (SAUSSURE, 2004, p. 73)

Como se nota, muito pelo contrário, temos sentidos extremamente informados pela história e cultura.

De que se ocupa então a diacronia? Tanto o *CLG* quanto os *ELG* hesitam nesse aspecto. Repetidamente Saussure delimita objetos para a diacronia, mas o tempo todo relembra que a significação só ocorre, de fato, na sincronia, o que dissolve o objeto previamente estabelecido (CHISS, 1978, p. 104-106). É seguro afirmar, porém, que o recorte diacrônico serve para explicitar as mudanças de uma sincronia para outra. Diferente da sincronia, fundada no sistema como um todo, a diacronia se ocupa de unidades isoladas, mesmo que numerosas, e sua

substituição de um sistema a outro. A “lei” diacrônica se atém a explicitar uma substituição como no exemplo: “[a]s sonoras aspiradas do indo-europeu se tornaram surdas aspiradas \**dhumos* -> *thumós*” (SAUSSURE, 2006, p. 108) e sua aparência imperativa se deve ao fato de que é analisada do ponto de vista do fato consumado. Retomemos a passagem recém citada dos manuscritos saussurianos; “[o] *rei* não é mais a mesma coisa que o *rei* se existe um *imperador*”. Se tratam aqui de três ordens de fatos: duas sincronias diferentes e uma constatação diacrônica. Há uma primeira sincronia em que “rei” possui um determinado valor, estabelecido em relação com tantos outros signos e há uma segunda sincronia em que “rei” tem um valor diferente, devido a uma reconfiguração das relações que definem o termo provocada pelo surgimento de “imperador”. Duas constatações diacrônicas podem ser feitas a partir desse contraste de sincronias, o surgimento do novo termo “imperador” e a mudança do sentido de “rei”. Dessa maneira, se compreende que a mudança é, em sua totalidade, uma preocupação da diacronia no que diz respeito à capacidade da ciência linguística em constata-la. Sua origem, porém, Saussure o diz claramente, se dá no discurso: “[t]odas as modificações, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), se fazem exclusivamente no discursivo. [...]. Toda inovação chega de improviso, ao falar, e penetra, daí, no tesouro íntimo do ouvinte ou no do orador [...]” (2004, p. 87). No entanto, aí ela é ensaio, experimento e ainda que possa haver concorrência na sincronia, não há substituição.

A importância desse enquadramento temporal para a teoria saussuriana, leva Jean-Louis Chiss a concluir até mesmo que “la distinction synchronie/diachronie apparaît, plus que l’opposition langue/parole, comme le pas fondateur dans le projet saussurien” (1978, p. 101). Concordo com ele na medida em que o estabelecimento de uma temporalidade própria é, sem dúvida, um dos principais passos para a construção de uma nova cientificidade para a linguística e o genebrino com certeza põe grande ênfase nesse aspecto de suas reflexões. Antes de encerrar esse assunto que se iniciou com o conceito de arbitrário radical, é importante destacar um outro aspecto do sistema linguístico de Saussure. Se já foi possível estabelecer a importância do tempo e entrever alguns aspectos do lugar do falante, ainda não dei atenção à espacialidade. Ainda que não pretenda analisar em detalhes esse aspecto, é impossível ignorar um ponto tão desenvolvido no *CLG* e nos diferentes materiais presentes nos *ELG*. O espaço tem para Saussure a mesma importância que o tempo nos que diz respeito à diversidade das línguas. Com efeito, considera “a diversidade geográfica [...] a primeira comprovação feita em Linguística; ela determinou a forma

inicial da pesquisa científica em matéria de língua, inclusive entre os gregos” (2006, p. 222). Essa afirmação não é trivial, pois dessa maneira o genebrino coloca a pesquisa dialetal acima das reflexões filosóficas gerais sobre a linguagem no que diz respeito à constituição da ciência linguística. Ainda enfatizando a diversidade, afirma: “[o] que primeiro surpreende no estudo das línguas é sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país a outro, ou mesmo de um distrito a outro” (2006, p. 221). Em uma de suas conferências proferidas em 1891, Saussure traz um exemplo bem prático de como diferentes sincronias distribuídas geograficamente realizam certos grupos sonoros em relação à sincronia latina:

[O] savoiano que parte na direção de Auvergne chega, ao fim de um certo tempo à fronteira de *θa* para *ca* latino e encontrará, por exemplo, *tsa*, assim *tša*, o que não o perturba muito e não o impede de compreender; algumas léguas depois, ele passa de uma outra fronteira, suponho, a de *pl* que dá *pt*; isso também não o perturba; mas, na medida em que ele se afasta de sua aldeia natal, a soma das diferenças com relação ao seu dialeto se acumula e acaba por fazer com que ele não compreenda mais (2004, p. 149).

Esse tipo de passagem, que encontramos também no *CLG*, tem também o papel de relativizar a imagem estabelecida de Ferdinand de Saussure como um linguista de abstrações. Os conceitos que ele elaborou, como estou progressivamente apresentando ao longo deste capítulo, são concebidos a partir da constatação das infinitas variações das línguas. Esse trecho traz ainda um outro ponto interessante, o problema da compreensibilidade interdialeto. Para o linguista: “[é] difícil dizer em que consiste a diferença entre uma língua e um dialeto” (p. 235), o que o leva a concluir que “não existe, regularmente, fronteira entre o que se denomina *duas línguas*, por oposição a dois dialetos, quando essas línguas são da mesma origem e faladas por populações contíguas sedentárias. Por exemplo, não existe fronteira entre o italiano e o francês” (2004, p. 149), pois existe “entre os dialetos e as línguas uma diferença de quantidade, não de natureza” (2006, p. 223). A clara distinção entre dialetos, assim, é uma ilusão criada pelo pesquisador que se atém a apenas um ou outro aspecto de seu objeto de estudo. No *Curso*, ele afirma claramente:

Assim como não se poderia dizer onde termina o alto alemão e o *platdeutsch*, assim também é impossível traçar uma linha de demarcação entre o alemão e o holandês, entre o francês e o italiano. Existem pontos extremos nos quais se pode dizer, com segurança: ‘Aqui impera o francês, aqui o italiano’; entretanto, quando entramos nas regiões intermediárias, vemos essa distinção se apagar (2006, p. 236).

Dessa maneira, Saussure desafia a ontologia tradicional das línguas nacionais como modelos de expressão, imbuídas de um “gênio da língua”, imperando sobre os dialetos, vistos como degenerações repletas de corruptelas, existentes no mesmo território. Aliás, não é apenas esse aspecto político que está presente em sua linguística geográfica. Saussure faz questão também de salientar a total independência entre língua e raça, isso em uma época em que tanto a linguística, quanto as outras ciências do homem, persistiam marcadas por concepções racistas.

Unindo então as dimensões analisadas, percebemos que, para Saussure, a língua não é apenas marcada por um eu-agora, mas também por um aqui. Assim, esse objeto possui uma dupla indefinição: “[A] língua que não é, como vimos, uma noção definida no tempo, não é, também, uma noção definida no [espaço]” (2004, p. 149). Essa concepção se traduz em uma exigência metodológica: “[n]ão há outro meio de determinar o que queremos dizer, ao falar de tal ou tal língua específica, além de dizer *a língua de Roma em tal ano; a língua de Annecy em tal ano*. Ou seja, considerar uma única localidade pouco extensa em um único ponto no tempo” (*ibidem*).

Até aqui me esforcei para respeitar a divisão de dois grupos de conceitos que fiz nos parágrafos iniciais, porém, para tratar do próximo tópico isso se torna impossível, pois a teorização sobre o virtual e o atual é justamente o ponto fulcral que liga o sistema sincrônico geral e a atividade individual do falante. Dessa maneira, tratando do último tópico desse grupo, já começo a tratar do primeiro tópico do primeiro grupo, o entrecruzamento das relações sintagmáticas e associativas.

Para Saussure, a mais importante ferramenta do linguista em sua atividade são as noções de sintagmático e associativo. Com efeito, para ele “[t]udo o que compõe um estado de língua pode ser reduzido a uma teoria dos sintagmas e a uma teoria das associações” (2006 p. 158). Essa hipótese jamais foi perseguida em sua radicalidade pelo estruturalismo ou outras correntes pós-saussurianas (ou até mesmo anti-saussurianas), pois ela coloca em questão os fundamentos milenares da gramática tradicional e propõe um grande desafio: o de redescobrir, língua a língua, as categorias essenciais da gramática, da sintaxe, da morfologia, enfim, de todo o sistema linguístico. Assim como “a distinção das palavras em substantivos, verbos, adjetivos etc., não é uma realidade linguística inegável” (*idem* p. 127), também “[a] interpenetração da morfologia,

da sintaxe e da lexicologia se explica pela natureza, no fundo idêntica, de todos os fatos de sincronia. Não pode haver entre eles nenhum limite traçado de antemão” (*idem*, p. 158).

Tendo a fala como base, novamente a centralidade do(s) falante(s), é possível para o linguista, ao se utilizar das noções de sintagmático e associativo, reconstituir a língua de uma massa falante: “[p]ode-se dizer que a soma das classificações conscientes e metódicas feita pelo gramático que estuda um estado de língua sem fazer intervir a história deve coincidir com a soma das associações, conscientes ou não, postas em jogo na fala” (*idem*, p. 160). Nos aproximamos, assim, da relação entre atual e virtual. Aquilo que é posto em jogo na fala permite ao linguista entrever a soma de associações que compõe a língua. A clássica definição dos dois eixos permite que melhor compreendamos o papel das associações na constituição da fala: “[a] relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes em uma série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual” (*idem*, p. 143). Como com o conceito de sincronia, a pretensão de Saussure com esses dois tipos de relação é possibilitar uma descrição realista da língua: “[s]omente a distinção [...] entre as relações sintagmáticas e as relações associativas sugere um modo de classificação que se impõe por si mesmo, o único que se pode pôr como base do sistema gramatical” (*idem*, p. 158). Para ele, esses instrumentos são equivalentes aos processos psicológicos do falante.

Como comentei anteriormente (cf. *supra*, cap. 2), o estruturalismo fez do associativo o eixo paradigmático, um repositório de paradigmatis flexionais, conjugacionais etc. No entanto, o associativo saussuriano é uma virtualidade que engloba todas as possíveis associações que ocorrem na mente do falante no ato da produção de um sintagma. Nessa relação entre atual e virtual se produzem os valores e, por conseguinte, os signos do sistema linguístico saussuriano. O conceito de virtualidade não é estabelecido na crítica saussuriana e isso não é de todo surpreendente, primeiramente por estar em contradição com a leitura estruturalista, em segundo lugar, porque ele aparece em múltiplas formas. *Praesentia* e *absentia*, como na citação acima, é uma das maneiras como essa distinção é expressa, assim como concreto e abstrato, positivo e negativo e efetivo e potencial. Uma dificuldade adicional é que esses conceitos, em especial os de concreto e abstrato e positivo e negativo, têm diversos usos com diferentes finalidades ao longo da obra saussuriana desde o *Mémoire* (cf. BALLY & GAUTIER, 1922). A teorização nos *ELG* na breve seção sobre a fala efetiva e a fala potencial revela, pela similaridade das

definições, que os conceitos de sintagma e associativo foram forjados tendo em vista a atividade do falante:

Nós denominamos *sintagma* a fala efetiva,  
 - ou a combinação de elementos contidos numa seção da fala real,  
 - ou o regime em que os elementos se encontram ligados entre si por sua sequência e precedência  
 Por oposição à *parallélie* ou fala potencial, ou coletividade de elementos concebidos e associados pelo espírito, ou regime no qual um elemento leva uma existência em meio a outros elementos possíveis. (2004, p. 58, grifos do autor)

A *Parallélie* nessa passagem pode ser lida como sinônima de todas as relações associativas, mas a definição mais precisa apresentada na seção que lhe é dedicada exclusivamente, nº 18 nos *ELG*, indica que ela recobre apenas alguns dos tipos possíveis de associação. Como dito, esses dois tipos de relação produzem, a cada vez, todos os valores constitutivos do sistema linguístico:

A cada signo existente vem, então, SE INTEGRAR, se pós-elaborar, um valor determinado [ ], que só é determinado pelo conjunto de signos presentes ou ausentes no mesmo momento; e, como o número e o aspecto recíproco e relativo desses signos mudam a cada momento, de uma maneira infinita, o resultado dessa atividade, para cada signo, e para o conjunto, muda também a cada momento, numa medida não calculável (2004, p. 80).

É difícil ignorar a similaridade dessa passagem de *Sobre a essência dupla da linguagem* e a reflexão sobre as instâncias discursivas benvenistianas e a maneira como o sujeito coloca em movimento toda a linguagem em sua enunciação (cf. *infra*, cap. 6). Yong-Ho Choi (2002) faz uma interpretação similar e chama atenção para o uso do termo “determinado” na passagem acima, pois nota sua recorrência nos escritos saussurianos, destacando justamente a concepção de uma constante reelaboração de valores essencial ao funcionamento da língua/linguagem. É interessante também tomarmos as últimas palavras dessa passagem, “numa medida não calculável”, como mais do que uma força de expressão, mas sim uma atestação técnica. Isto é, uma atestação explícita de que o esforço de formalização da língua tem limites intrínsecos impostos pela própria natureza do funcionamento linguístico.

Destaco uma última passagem dos *ELG* sobre esse ponto, em que é possível ver a confluência de todas os pontos que apresentei até agora; retomando, a constituição dos valores através da evocação de associações que em seu total são negatividade, mas se manifestam de maneira positiva nos signos resultantes:

Os signos existentes evocam MECANICAMENTE, pelo simples fato de sua presença e do estado sempre acidental de suas DIFERENÇAS a cada momento da língua, um número igual não de conceitos, mas de *valores opostos por nosso espírito* (tanto gerais quanto particulares, uns chamados, por exemplo, de categorias gramaticais, outros tachados de fatos de sinonímia, etc.); essa *oposição de valores*, que é um fato PURAMENTE NEGATIVO, se transforma em fato positivo, porque cada signo, ao evocar uma antítese com o conjunto dos outros signos comparáveis em uma época qualquer, começando pelas categorias gerais e terminando pelas particulares, se vê delimitado, *apesar de nós*, em seu valor próprio (2004, p. 80, grifos do autor).

Como nos mostra a citação, os valores saussurianos são das mais variadas naturezas, posto que eles sustentem e são o produto das mais variadas combinações sintagmáticas e evocações associativas. Vemos que eles compreendem “categorias gramaticais” e “fatos de sinonímia”, mas estes são apenas alguns exemplos. Com efeito, passagens já citadas até aqui nos indicam isso, as relações que determinam esses valores constituem, em realidade, todos os valores do sistema linguístico.

O conceito de signo saussuriano parece ter sido concebido de início para dar conta dessa multiplicidade de valores em movimento. Todavia, no *Curso de linguística geral*, essa natureza movente do signo não se apresenta com clareza. Pode-se supor múltiplas razões para isso: a polissemia do termo “arbitrário” no texto, as representações visuais utilizadas para ilustrar o signo, os exemplos insuficientes e às vezes infelizes utilizados por Saussure; mas a principal razão, provavelmente, é a solidariedade que marca todos os conceitos desenvolvidos pelo mestre genebrino. Uma vez que um deles é aceito em sua radicalidade, os outros o acompanham. O modelo de signo que consta nos *ELG*, no entanto, representa melhor visualmente sua multiplicidade constitutiva que já era descrita no *CLG*. Saussure o chama de quatérnion final, devido à relação quádrupla que o define. Enquanto o signo usual é caracterizado pela união de um significante e um significado, o quatérnion tenta demonstrar o caráter sistêmico de todo signo, relacionando as partes do signo em questão com outros significantes e significados virtualmente presentes em sua composição. Visualmente, ao invés de *A/a*, se trataria de uma relação entre *A/bcd* e *XYZ/a* (cf. 2004, p. 39-40).

Chego então ao último conceito da teoria saussuriana de que tratarei neste capítulo. No conceito de analogia convergem todos os outros que foram expostos até este momento, formando a noção central que norteia a reflexão de Saussure sobre a atividade linguageira do falante. É preciso observar, no entanto, que é possível falar em pelo menos dois usos de analogia na obra



saussuriana, próximos mas com uma importante distinção. Por um lado, a analogia, ou “transformação inteligente” (SAUSSURE, 2004, p. 139), é o mecanismo através do qual o falante cria e recria continuamente a língua, por meio da associação entre valores. Por outro lado, é um instrumento explicativo, conhecido na forma da quarta proporcional. Retornarei a essa diferença.

Sobre o primeiro sentido, vale destacar uma passagem da *Segunda conferência na Universidade de Genebra (novembro de 1891)* em que é possível ver toda a importância que Saussure confere ao fenômeno da analogia:

eu digo logo de início, para que não haja nenhum mal-entendido sobre o valor que atribuímos a esses fatos: não são fatos excepcionais e anedóticos, não são *curiosidades* ou anomalias, mas a substância mais clara da linguagem, em qualquer parte e em qualquer época, a sua história de todos os dias e de todos os tempos (2004, p. 140-141, grifo do autor)

Não seria possível afirmar de maneira mais enfática a importância da analogia. O aspecto mais interessante dessa definição é a compreensão dos fatos analógicos como “a substância mais clara da linguagem”, pois reforça o que mostrei ao longo deste capítulo que, na visão saussuriana, a matéria da língua ou da linguagem não são signos prontos, mas valores em criação. A positividade da linguagem são suas relações negativas. Para Saussure, se trata mesmo do mecanismo pelo qual a criança, em seus anos formativos, se apropria da língua, como vemos no seguinte trecho: “[n]ão há melhor maneira de perceber o que é isso [a analogia] do que escutar falar, por alguns minutos, uma criança de três ou quatro anos. Sua linguagem é um verdadeiro tecido de formações analógicas” (*idem*, p. 139-140). Mais ainda, a analogia é também aquilo que faz com que a língua se transforme, ela é o próprio “princípio que não cessa de agir na história das línguas” (p. 140). Afora algumas transformações fonéticas, consideradas de todo contingentes por Saussure, as mudanças na língua se realizam todas através da “*associação de formas* no espírito, ditada pela *associação das idéias representadas*” (*ibidem*, grifos do autor) que é a analogia. Isso não quer dizer que haja tautologia nas transformações analógicas; pelo contrário, como vimos no capítulo 2, a principal divergência do estruturalismo de Praga com a diacronia saussuriana é a ausência de finalidade. Com efeito, qualquer tipo de tautologia seria totalmente contraditório com o que vimos até aqui da teoria de Saussure.

A definição da atividade do falante como criação serve também para afastar da linguística o fantasma da normatividade das gramáticas tradicionais. Para o mestre genebrino, a analogia

nos mostra que “não se *deve* dizer nada; tudo o que se diz tem sua razão de ser” (p. 141, grifo do autor), pois “[n]ão h[á] jamais criação *ex nihilo*, mas cada inovação [é] uma nova aplicação de elementos fornecidos pelo estado anterior da linguagem” (p. 140).

Com isso retornamos ao instrumento da quarta proporcional. Ilustrado reconhecidamente com o exemplo da criação do vocábulo *honor* em latim no *CLG*, essa ferramenta serve para simular esse processo mental ao qual Saussure concede tanta importância, selecionando associações possíveis para ilustrar o raciocínio criativo. Assim, tratando da fala da criança, apresenta a simples equação “*punir:punirai = venir:venirai*”, sendo *venirai* o elemento deduzido da relação anterior. Jamais se deve tomar esse dado, fora no estudo de uma análise metalinguística do próprio falante, como o raciocínio *de facto*. Pois não se trata apenas da similaridade fônica e morfológica entre *punir/venir* que está envolvida na relação *punirai/venirai*, mas todos os outros verbos com conjugações semelhantes, todos os outros verbos com conjugações diferentes, as flexões dessas formas em outros tempos e modos, os empregos potenciais desses signos em sintagmas etc., enfim, um misto de associações conscientes e inconscientes, *in praesentia* e *in absentia*, do qual nenhuma representação pode chegar nem perto, além dessa absoluta redução didática.

A analogia, então, completa o breve quadro da teoria saussuriana que quis construir neste capítulo. Com seu auxílio, é possível ter uma compreensão ainda melhor da natureza da língua em Saussure. A realidade de uma língua é composta igualmente de sua atualidade e de sua virtualidade. Como vimos acima, a negatividade sustenta a positividade da língua, pois “uma língua qualquer num momento qualquer nada mais é do que um vasto enredamento de formações analógicas” (p. 140). Isto é, uma série de signos podem jamais ocorrer e mesmo assim eles constituem a realidade da língua, em sua virtualidade.

A ciência da linguagem saussuriana se propõe, finalmente, a oferecer um instrumental capaz de descrever qualquer língua/dialeto a que se tenha acesso, seja por material escrito ou oral. Há homologia quase que integral entre a metafísica da linguagem proposta por Saussure e a metodologia e os instrumentos de análise; isto é, como vimos no caso da analogia, os processos psicológicos do falante se confundem com os procedimentos de descrição. O mesmo pode ser dito do recorte temporal do arbitrário linguístico ou a constituição negativa do sistema da língua.

A natureza da universalidade de sua teoria, como a configuro aqui ao menos, se diferencia de outras reflexões sobre a linguagem em vários pontos importantes. Primeiramente,

pensemos em teorias que universalizam, transcendentalizando, teorias gramaticais. Podemos pensar nos gramáticos latinos e como eles importaram e traduziram categorias elaboradas para dar conta do grego ático. A proximidade gramatical das línguas e as adaptações realizadas pelos escritores das gramáticas possibilitou desenvolver o potencial epistemológico dessa relação entre as línguas. No entanto, a constituição da gramática clássica fez história e suas categorias foram tomadas pela própria metafísica da linguagem. Podemos ver isso desde a gramática de Port-Royal, na maneira com que a língua francesa é descrita, até os trabalhos dos missionários nas colônias europeias, com a imposição acrítica de categorias indo-europeias a línguas alheias nas gramáticas *ad hoc* que esses missionários elaboravam. Em uma versão mais contemporânea dessa forma de encarar a gramática, a linguística gerativa de Noam Chomsky faz um movimento similar, ao situar certos tipos de sintagma, verbais, nominais, na mente do falante. Outra forma de universalidade, bem representada entre as teorias da linguagem, é aquela que generaliza categorias lógico-argumentativas. Podemos encontrar essa atitude desde os filósofos gregos, passando novamente por Port-Royal, aos autores da semântica, da pragmática e da filosofia da linguagem em geral. As múltiplas perspectivas aqui apresentadas não permitem delimitar da mesma maneira uma diferença definitiva dessas abordagens com a teoria saussuriana, mas vale ressaltar a ausência da afirmação de quaisquer conteúdos determinados por parte do genebrino. Isto é, uma teoria saussuriana do sentido, da sociabilidade, não permitiria estabelecer nada *a priori*, mas apenas elaborar uma teoria da emergência desses sentidos e sociabilidades. Em último lugar, vale confrontar Saussure com o universalismo de uma teoria como o distribucionalismo americano. Na teoria bloomfieldiana, passa por empiria a manipulação das formas e a verificação de suas posições na frase, tirando do escopo teórico o sentido. Dessa maneira, o distribucionalista tem certeza de trabalhar com material objetivo. É louvável o esforço epistemológico de elaborar instrumentos que possam abarcar línguas de matrizes totalmente novas (Bloomfield estava atento à possível imposição de categorias indo-europeias sobre outras famílias linguísticas). No entanto, de um ponto de vista saussuriano, tal abordagem seria radicalmente anti-empírica, posto que ela ignora o que se postula como a realidade da língua: sua constituição psicológica no encontro entre som e sentido. Todas essas diferenças nos mostram que o saussurismo, na forma em que o apresento, se encontra deslocado entre as linhagens institucionalizadas dos estudos da linguagem. Não há categorias de língua pré-estabelecidas; com

efeito, nem mesmo às línguas é garantida autonomia ontológica indiscutida, como vimos na discussão sobre a linguística geográfica.

O saussurismo proposto neste capítulo não é o fim de uma teorização, mas o início. Nas palavras de Henri Meschonnic, “Saussure est et demeure le point de départ d’une historicisation radicale du langage, des langues, des discours, et qui reste à poursuivre” (2005, p. 10). Perseguir o caminho indicado por esse ponto de partida não é uma tarefa evidente. Esse mapa que desenhei para vagar dentro do saussurismo, ainda incompleto por não tratar em detalhes do resto da obra do genebrino, cria caminhos também para além dele, na forma de uma metafísica da linguagem única. Jean-Louis Chiss resume a curiosa posição histórica da reflexão saussuriana sobre o discurso da seguinte forma:

C’est que la réduction structuraliste de la théorie saussurienne à une ‘linguistique de la langue’ a ouvert la voie à toute une série de remises en cause qui se sont traduites par la constitution de nouveaux objets voire de nouveaux champs: qu’il s’agisse de la sociolinguistique, de l’énonciation, de ‘l’analyse du discours’, c’est au moins autant par comblement des supposées ‘lacunes’ du *Cours* de Saussure que par reprise de traditions plus anciennes ou véritables innovations conceptuelles (CHISS, 2005, p. 50).

Isto é, entre a limitação da interpretação estruturalista e a rejeição dos “pós-estruturalistas”, a teoria do discurso latente na obra saussuriana nunca se realizou. Se o século XX foi o século de Saussure, na forma da metafísica do signo do estruturalismo, o século XXI tem o potencial de ser um novo século saussuriano, mas agora em uma reflexão em torno do sistema, da analogia, do valor e do associativo.

Para consolidar essa reflexão sobre o discurso, no entanto, acredito ser inevitável, e extremamente proveitoso, incorporar elementos da metafísica benvenistiana. Émile Benveniste desenvolveu um complexo pensamento sobre a correlação entre o homem, a linguagem e a sociedade, fortemente inspirado, de maneira ambivalente (cf. *supra*, cap. 4), na obra saussuriana. No capítulo seguinte, exploro o benvenistianismo que podemos construir sobre o saussurismo desenvolvido até aqui.

## 6 UM BENVENISTIANISMO POR VIR

No capítulo anterior, mostrei uma maneira como podemos ler a teoria saussuriana na forma de uma linguística fundamentada na multiplicidade constitutiva da língua na relação entre virtual e atual. Além disso, defendi que os conceitos de sintagma, de associativo e, principalmente, de analogia sugerem uma linguística baseada na atividade do falante, a qual é a vida da língua, a transformando a cada vez. No entanto, se deve observar que, aqui, a reflexão de Saussure se materializa estritamente em uma metafísica da linguagem e de certa forma em uma epistemologia (no sentido de ciência da criação, obtenção e organização de saberes). Ainda que Saussure suponha a eventual subordinação da linguística a uma semiologia, este é apenas um projeto. Também, ainda que tome o ponto de vista do falante como essencial, é ausente de seus escritos uma teorização desenvolvida sobre o humano para além dessa categoria<sup>48</sup>. É pelos (e nos) limites da epistemologia saussuriana que Benveniste se impõe como uma parada obrigatória no percurso que quero desenvolver. “Ce qui ne signifie pas que Benveniste *complète* Saussure [...], mais il fait autre chose, que ne faisait pas Saussure, et qui cependant le prolonge” (MESCHONNIC, 1995, p. 34, grifo do autor).

A obra de Émile Benveniste é tomada amplamente como um retorno ou uma reasserção da problemática moderna do sujeito (cf. *supra*, capítulos 1, 3 e 4). Seu trabalho viria para subjetivar aquilo que os estruturalistas e outras correntes formalistas, categoria mobilizada pela crítica em sentido pejorativo, esqueceram ou objetivaram, a fala, o discurso, a história, o sentido e o próprio sujeito. No entanto, aqueles que defendem essa interpretação de Benveniste parecem, ainda que inconscientemente, manter as exigências da metafísica estruturalista da língua e da linguagem, se não abertamente, em uma série de mínucias que se acumulam. Como coloca Meschonnic: “la linguistique de l'énonciation [...] n'a pas opéré de critique du structuralisme et y retourne” (1973, p. 71). O vemos quando se diz que Benveniste fala do sujeito do enunciado e não do homem ou que a sua conceituação se preocupa apenas com marcas linguísticas, de preferência as “subjetivas”, e jamais ou raramente com a “externalidade” (cf. *supra*, capítulo 4),

<sup>48</sup> Há ainda uma antropologia latente na reflexão saussuriana que se pode encontrar em seus trabalhos sobre as lendas germânicas, no entanto não houve a oportunidade de analisar a pesquisa em detalhes. Ver PARRET, 2014 e SUNGDO, 1990 para mais informações sobre os textos.

ajustando a linguística da enunciação à típica fragmentação da análise estruturalista, enfim “c’est la vision structuraliste qui fait de Benveniste un structuraliste” (MESCHONNIC, 1995, p. 32). Como mostro à frente, porém, subjetivo e objetivo se opõe de uma forma idiossincrática em Benveniste, pois não ecoa, como tradicionalmente, distinções como cultural e natural ou emotivo e racional e a externalidade não é barrada com o mecanismo de co-referenciação da instância do discurso, mas refundada.

Ora, talvez o mais instigante que o autor tenha a nos oferecer, me parece, seja justamente seu trabalho sobre a definição, dispersa e por vezes ambivalente, se deve notar, de homem<sup>49</sup> e sua correlação com os conceitos de linguagem e sociedade. Ideias essas reunidas por Gerard Dessons sob o nome de uma antropologia do discurso e fundamentais para a antropologia histórica da linguagem de Henri Meschonnic. Todavia, não abordo a obra de Benveniste estritamente a partir de nenhuma das duas perspectivas, ainda que o segundo se mostre um interlocutor essencial.

O corpo deste capítulo está dividido em duas seções. A primeira trata, em um esforço parecido com o do capítulo anterior, dos principais conceitos da obra de Benveniste e de sua articulação. Na segunda seção, apresento alguns elementos para a elaboração de uma ciência da cultura em termos benvenistianos, dando continuidade à reflexão sobre o trinômio homem-linguagem-sociedade desenvolvida na seção prévia.

## 6.1 A METAFÍSICA DE ÉMILE BENVENISTE

Benveniste funda nada menos do que um novo ser. Menos determinado pela biologia e por uma aspiração racionalista do que o *homo sapiens*, mais historicizado, isto é, inscrito no tempo e no espaço, do que o sujeito transcendental da moral e da teologia, menos militante de uma metafísica da profundidade do que o sujeito da psicanálise. Vou chamá-lo de *homo loquens*, o homem que fala. O sintagma é usado raramente nos estudos da linguagem, mas tem alguma história, empregado, notoriamente, no *Abhandlung über den Ursprung der Sprache* (1772), de

---

<sup>49</sup> Não me agrada utilizar homem onde penso que seria mais adequado utilizar humano, pois se trata de uma definição que atinge o próprio fundamento da existência humana, como veremos adiante. No entanto, o termo empregado consistentemente por Benveniste é *homme* e utilizar nesta análise algo diferente poderia gerar confusão. Nas considerações finais e nos outros “textos periféricos” da dissertação, porém, emprego insistentemente humano para me referir a esse ser entrecruzado pela linguagem e pela sociedade.

Johann Gottfried Herder, sobretudo para diferenciar o homem dos animais<sup>50</sup>. Benveniste parece construir sua concepção particular de homem-na-linguagem, de que trato em seguida, através do trabalho de linguista em sentido amplo: descrições de estados de língua seus contemporâneos e antiquíssimos, etimologia indo-europeia, incluído aí seu longo desenvolvimento em dialetologia iraniana, reconstrução de culturas através do léxico, do discurso e de práticas rituais e cotidianas, revisão de pressupostos de base da linguística, redistribuição constante de conceitos.

Esse longo processo parece sempre se basear em uma intuição e sugerir uma nova evidência: homem, linguagem e sociedade são um. Eles só existem um para o outro e cada elemento é inconcebível sem o outro. Ainda que não haja consenso sobre a articulação desses conceitos dentro da obra benvenistiana, é duvidoso falar em hipótese quanto a constituição desse trinômio, uma vez que ele não poderia ser apresentado de forma mais direta pelo próprio autor: “En posant l’homme dans sa relation avec la nature ou dans sa relation avec l’homme, par le truchement du langage, nous posons la société. Cela n’est pas coïncidence historique, mais enchaînement nécessaire” (2010, p. 29).

Esse monismo, que, similarmente à posição saussuriana sobre suas próprias reflexões, se compreende como uma consequência realista dos fatos de linguagem, parece pretender mais do que restituir algum lugar de importância, a princípio de direito, ao falante na linguística em sua forma hegemônica, tal como a conhecemos, isto é, fragmentadora e centrada nas categorias da gramática. Ele nos dá uma nova fundação metafísica sobre a qual é possível erigir um edifício conceitual que não se deixa convencer pela conveniência, por tradição, de purificar, em um impiedoso processo de triagem, homem, linguagem e sociedade, visando a criar grandezas mais facilmente analisáveis. Pois, fazendo essa triagem, o próprio objeto de estudo da linguística se desfaria. Isso lembra os típicos conceitos recíprocos de Saussure. Sobre o (arbitrário do) signo ele diz: “poder-se-ia pensar [...] numa composição química, a água por exemplo; é uma combinação de hidrogênio e de oxigênio; tomando separadamente, nenhum desses elementos tem as propriedades da água” (2006, p. 120). Isto é, o processo de purificação levado às últimas consequências faz com que a natureza da água desapareça e o que restam são dois elementos completamente diversos. A antropologia, e levando à reboque a sociologia, malgrado ela

---

<sup>50</sup> Essa ideia tem alguma posterioridade, mas não se concretiza, no geral, em mais do que uma máxima. Se diz, por exemplo, que a importância da linguagem para os filósofos do círculo de Viena e Wittgenstein os coloca dentro desse debate. No entanto, se olharmos a obra de Wittgenstein veremos que primeiramente a linguagem é estritamente subordinada a sua capacidade de transportar proposições lógicas. Mais tarde em sua carreira se intensifica uma espécie de nominalismo

mesma, apenas recentemente tem em larga escala se transformado em um empreendimento monista<sup>51</sup>, que parte da continuidade, ou da interrelação, das coisas do mundo. A linguística ainda resiste, colocando seus objetos puros, genitivos, moras e orações reduzidas, em fortalezas, ou melhor, em estruturas mentais, na esperança de salvá-los. Talvez por nunca ter se conciliado com o saussurismo em sua leitura não-estruturalista.

Meu primeiro objetivo neste capítulo é de elucidar os conceitos, os seres, que co-determinam a existência do *homo loquens* através de uma análise da metafísica de Émile Benveniste. Isto é, o mundo concebido pelo linguista, os conceitos que o habitam e como eles se relacionam. Os principais conceitos em jogo são homem, linguagem e sociedade. Nada obriga um linguista a produzir exclusivamente uma linguística. Meramente problematizar e desenvolver uma noção de homem já mobiliza as discussões da antropologia. Sendo assim, em seguida, exploro dois aspectos, que fazem um, da metafísica benvenistiana, o antropológico e o linguístico. Farei isso não na forma de transposições de metodologia, ou de soma de resultados incomensuráveis, mas de um projeto unificado. A tarefa de abordar um a um esses conceitos é extremamente árdua e a todo tempo me toca a desagradável sensação de falsear um raciocínio. Porque a intenção não é purificar<sup>52</sup> essas esferas dentro do discurso benvenistiano, salientando meramente “pontos de interface”, mas facilitar a mistura definitiva e irreversível dos seres em jogo. Sendo assim, a elucidação desse trinômio, homem-linguagem-sociedade, será apresentada quase que simultaneamente.

Ao abordar o tema do ponto de vista dos estudos da linguagem, é importante começar relembrando o que mostrei nos capítulos anteriores (em especial 3 e 4). Desde seus primeiros trabalhos Benveniste faz uma linguística marcada por diferentes tipos de saussurismo, esse foi seu treinamento sob a tutela de Antoine Meillet e o caminho que resolveu seguir ao se aprofundar nas concepções saussurianas, singularizando cada vez mais sua posição. Seu profundo envolvimento com a linguística histórica e comparativa do indo-europeu, com especialização em línguas iranianas, foi produto da combinação de grande interesse pessoal e da orientação de seu mentor. Assim, é inegável que “de lui [Benveniste] part non seulement l'étude de l'énonciation et du discours, mais [...] il tient exemplairement ensemble la philologie e la

---

<sup>51</sup> Cf. LATOUR, 2011, capítulo 1.

<sup>52</sup> Uso esse termo como ele poderia ser empregado, por exemplo, na química: depurar, destilar etc. são processos em que técnicas e instrumentos são mobilizados para separar ao máximo diferentes substâncias. Até o ponto em que esquecemos que um dia estavam juntas!



linguistique, dont la séparation a produit les formalismes abstrait qui se sont fait passer pour théorie” (MESCHONNIC, 1984, p. 45). No entanto, há uma questão simples que permanece de difícil resposta: que linguística é essa que ele pratica? A assimilação de seu trabalho à metanarrativa que interpreta o século XX nos estudos da linguagem como uma progressiva abertura à “problemática do sujeito” ou às “questões do sentido” não responde essa pergunta porque o deixa deslocado (cf. *supra*, capítulo 3).

Façamos um parêntese com o texto mais antigo do autor ao qual se tem relativo fácil acesso, *Un emploi du nom du “genou” en viel-irlandais et sogdien*, de 1926, para ilustrar essa questão. Nele, Benveniste aborda o emprego da denominação do “joelho” em relação a de “filho” em diferentes línguas indo-europeias, partindo de uma tradução confusa feita do *Vessantara Jakata* em sogdiano. Destacando duas passagens da obra, o autor nota que a tradução de Gauthiot coloca personagens realizando ações insólitas de joelhos: “[e]t le roi à genoux ordonna d’amener son fils pour qu’il fût nommé” (1979, p. 9) e “[j]e pardonne à genoux à mon fils; viens avec ta femme Mandri” (*ibidem*). Primeiramente, Benveniste aponta outros usos linguísticos de “joelho” em sogdiano que teriam o sentido que se tentou traduzir, isto é, estar de joelhos em homenagem ou louvor. Em segundo lugar, o autor demonstra que em diferentes línguas indo-europeias, o irlandês antigo, o grego homérico, o norueguês e o sueco antigos, há uma relação próxima entre “joelho” e a noção de parentesco legítimo. As análises nos levam à importante informação histórico-antropológica de que “dans les sociétés primitives, il n’existe aucune relation nécessaire entre la consanguinité et la parenté. Celle-ci n’est sanctionnée que par la légitimation, laquelle, chez les Indo-européens, est au pouvoir exclusif du père. Par l’acte de prendre l’enfant sur ses genoux” (*idem*, p. 11). Se trata, então, de uma “notion [...], toute juridique, de ‘filiation’” (*ibidem*). Esse fato permite que se compreenda que a expressão do “filho do joelho” designa um filho legítimo, um herdeiro. Se observa, assim, no artigo em questão, que estão em jogo simultaneamente forma e sentido, sincronia e diacronia. Referência, instituições sociais e procedimentos jurídicos. O valor de um termo em sua sintagmação. Isso não porque Benveniste estava necessariamente na vanguarda do pensamento linguístico, mas porque a semiótica estruturalista ainda não tinha tomado as proporções que teria 20, 30 anos depois<sup>53</sup>. Para

---

<sup>53</sup> A filologia nunca rejeitou a cultura, nunca a deixou de lado ou deu-lhe menos importância na compreensão dos fatos linguísticos. Essa estranha interpretação só pôde se concretizar com a rejeição em bloco de todo o passado de pesquisa linguística anterior à metade do século XX, através de uma atribuição generalizante de que “as questões do sujeito” haviam sido ignoradas. Isso não quer dizer, no entanto, que estamos “atrás” do que já era feito. Em termos

a filologia, o confronto de traduções e a busca de dados históricos e culturais em testemunhos no mesmo idioma ou em outros são trivialidades, mas as noções mobilizadas por Benveniste para promover a análise não deixam de lhe ser particulares.

Com essa primeira reflexão, quero apontar simplesmente que não sabemos ao certo o que é uma linguística benvenistiana e, em especial, qual o seu desenvolvimento temporal. Os únicos trabalhos histórico-epistemológicos em larga escala, de meu conhecimento, realizados sobre sua obra são *Émile Benveniste* de Gerard Dessons, cujas conclusões, como já comentei (cf. *supra*, capítulo 3), são insuficientes para fundamentar qualquer programa linguístico/antropológico e *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste* de Aya Ono que por tomar como centro da reflexão do linguista o conceito de enunciação, perde de vista, em minha opinião, o enquadramento geral da teoria. Justamente por isso, serei bem pouco ambicioso. Tentarei apenas destacar os elementos que considero essenciais para a abordagem do problema da relação entre homem, linguagem e sociedade em Benveniste.

Linguagem é um conceito vago na obra de Saussure. Considerada pelo próprio genebrino como excessivamente vaga para receber uma definição científica útil, ela é tida, amplamente, como uma faculdade perpassada pelas mais diversas características do ser humano. Saussure hipotetiza que talvez a faculdade da linguagem, assim como a faculdade de constituir línguas, estejam subordinadas a algum tipo de faculdade superior, “a que comanda os signos” (2006, p. 18). Em Benveniste, encontramos uma definição, a princípio, muito similar. Em *Coup d'oeil sur le développement de la linguistique*, curioso texto em que em 6 páginas Benveniste vai da antiguidade ao século XX nos estudos da linguagem, com destaque especial à sua contemporaneidade e em parte confundindo Saussure e os estruturalistas, para prosseguir com mais ou menos 6 páginas de elucubrações pessoais, as quais ao mesmo tempo convergem em superfície e divergem profundamente do paradigma científico então vigente.

Nesse texto, diz o linguista: “le langage représente la forme la plus d'une faculté qui est inhérente à la condition humaine, la faculté de *symboliser*” (2010, p. 26, grifo do autor). Essa faculdade superior que engloba a linguagem “n'apparaît que chez l'homme. Elle s'éveille très tôt chez l'enfant, avant le langage, à l'aube de sa vie consciente” (*ibidem*). Apesar de subordinada a essa função superior, a linguagem possui aí lugar de destaque, pois “la faculté symbolique chez

---

de técnica descritiva de idiomas específicos, apenas o século XX soube oferecer modelos coerentes e não-transcendentes. No caso de Benveniste, é o contato direto com Meillet e a leitura de Saussure que possibilitam uma descrição linguística que só sabe enriquecer ao longo das décadas (cf. *supra*, capítulo 3).

l'homme atteint sa réalisation suprême dans le langage, qui est l'expression symbolique par excellence" (p. 28).

O artigo *De la subjectivité dans le langage* (1958) é um dos mais populares dentre os escritos de Benveniste. Historicamente, serviu às especulações dos mais diversos linguistas para os mais diversos propósitos; filologicamente, o texto representa uma espécie de culminação das primeiras reflexões sobre o lugar dos pronomes na língua e na linguagem e abre para o grande público o debate sobre a natureza dos enunciados performativos. Aqui, ele nos interessa na medida em que se dedica a justificar a relação entre os termos essenciais da linguística benvenistiana.

A discussão se inicia negando a interpretação que toma a linguagem por um instrumento, conceituação fundamental não só à linguística estrutural-funcional como às correntes pragmáticas que conquistaram espaço ao longo do século XX, notoriamente nos períodos posteriores à publicação desse artigo. Benveniste defende que em nada a linguagem se assemelha a uma ferramenta, “[e]n réalité la comparaison du langage avec un instrument, et il faut bien que ce soit avec un instrument matériel pour que la comparaison soit simplement intelligible, doit nous remplir de méfiance, come toute notion simpliste au sujet du langage” (2010, p. 259). A semelhança entre a linguagem e um instrumento material implicaria a fabricação consciente de um objeto com uma finalidade específica e previamente indisponível, sendo a necessidade da realização da função o motor da fabricação. Assim, o autor conclui: “parler d’instrument, c’est mettre en opposition l’homme et la nature. [...]. Le langage est dans la nature de l’homme, qui ne l’a pas fabriqué” (*ibidem*). Retorna aí algo já apontado, o homem e a natureza não estão opostos, ele não faz parte exclusivamente da cultura, excluído da natureza. Não porque seria ele também suscetível a uma interpretação naturalista, mas porque os conceitos de natureza e cultura da modernidade não parecem dar conta do humano como teorizada aqui. Nesse ponto, podemos retomar uma passagem já citada: “[e]n posant l’homme dans sa relation avec la nature ou dans sa relation avec l’homme, par le truchement du langage, nous posons la société” (2010, p. 29)

A afirmação de Benveniste, novamente, parece mais uma constatação empírica do que uma inovação teórica, como sugere a seguinte passagem: “nous n’atteignons jamais l’homme séparé du langage et nous ne le voyons jamais l’inventant. Nous n’atteignons jamais l’homme réduit à lui-même et s’ingéniant à concevoir l’existence de l’autre” (*ibidem*). Vê-se que é esse o fato que o autor busca tornar patente e ao mesmo tempo abarcar com a sua ciência. Não há

homem anterior à linguagem ou à sociedade. Não importa como tentemos inverter os termos, é impossível estabelecer um deles como anterior no entendimento proposto pelo autor.

Daí a dificuldade de hipostasiar a linguagem na forma de um objeto homogêneo, puro. Benveniste lista algumas das características que fazem a linguagem resistir à operação científicizante de separá-la do homem: “sa nature immatérielle, son fonctionnement symbolique, son agencement articulé, le fait qu’il a un contenu” (p. 259). Isto é, tudo que define a linguagem, para ele, bloqueia a metafísica que a quer distinta do homem e da sociedade. Outra característica que aponta, em uma demonstração um pouco mais longa e também centrada na empiria do discurso, é a primazia do presente, enquanto tempo da fala, na fundação da temporalidade humana. Apenas a partir dele é possível a criação de diferentes modalidades de passado e futuro (cf. p. 262)<sup>54</sup>. Nisso, podemos entrever um aspecto importante da linguagem em Benveniste. Ela fundamenta em seu laço essencial com a consciência, a experiência e a expressão da temporalidade, mas as formas da temporalidade se realizam em línguas particulares, pois, aí, “[l]e sujet est sa propre énonciation, son historicité, sa temporalité” (MESCHONNIC, 1995, p. 49). A análise dos dêiticos no mesmo texto e em outros deixa clara essa distinção.

Ao abordar o problema da natureza dos pronomes, destacando o conceito de pessoa, a “estrutura opositiva entre as pessoas *eu/tu* e a não-pessoa *ele*” (FLORES, 2013, p. 107), Benveniste busca explicitar os meandros da subjetividade, partindo de uma definição dela como “la capacité du locuteur à se poser comme ‘sujet’” (p. 259). Esse é um problema ligado proximamente às noções em jogo, pois “[c]’est dans et par le langage que l’homme se constitue comme *sujet*” (*ibidem*, grifo do autor). No entanto, a resposta à pergunta “[o]ù sont les titres du langage à fonder la subjectivité?”, isto é, os argumentos que sustentam o postulado benvenistiano não podem ser demonstrados na própria linguagem, mas devem ser encontrados nas línguas; “[n]ous parlons bien du langage, et non pas seulement de langues particulières. Mais les faits des langues particulières, qui s’accordent, témoignent pour le langage” (p. 261). No entanto, não se trata apenas de uma diferença entre linguagem e línguas. Há uma instância intermediária, a língua. Benveniste diferencia a língua, dotada de certas categorias gerais, decorrentes de propriedades da linguagem como vimos, e sua realização em línguas específicas: “une langue sans expression de la personne ne se conçoit pas” (p. 261), observando que “[i]l peut [...] arriver que, dans certaines langues, en certaines circonstances [...]” (*idem*) haja expressões diferentes

---

<sup>54</sup> Esse é outro ponto em que o arbitrário saussuriano reaparece.

para a pessoa. Valdir Flores defende a existência dos mesmos três níveis na obra do linguista: “[e]m Benveniste, *linguagem*, *língua* e *línguas* têm direito à existência e integram o sistema conceitual do autor sem se recobrirem teoricamente” (2013, p. 101), “há [...] uma preocupação em resguardar [essas] três instâncias” (p. 104). No mesmo artigo, é possível encontrar outras passagens que sustentam essa distinção na obra do autor (cf. p. 101-104). Se nos voltarmos para um estudo como *Convergences typologiques* (1966), veremos que sem essa distinção não é possível levar a cabo a análise feita. É importante ressaltar aqui, todavia, que essas instâncias são pensadas de maneira saussuriana, isto é, como instrumentos para o aparecimento de singularidades, não-hierarquizadas, em diferentes instâncias, e não como uma estrutura determinante. Novamente, não se trata do mesmo tipo de universal das epistemologias linguísticas hegemônicas.

Esse primeiro percurso permite agora olhar de maneira mais informada para a faceta antropológica dessa teorização. O fundamento de qualquer antropologia é o conceito de homem com o qual ela trabalha. Inversamente, qualquer campo que tenha que lidar com um conceito de homem, não deixa de fazer sua contribuição à antropologia. Não foi apenas pelo seu sucesso metodológico que a linguística teve um impacto tão grande nas humanidades no meio do século XX, mas também por oferecer um outro espaço para a complexificação do conceito de homem, principalmente quando colocada ao lado dos desenvolvimentos da psicanálise. Justamente por essa associação, o homem foi ressignificado através do conceito de sujeito e do que caberia à subjetividade, contrária à objetividade, ao real não-subjetivo, retomando aí uma velha antinomia, caracterizada principalmente pelo debate kantiano.

Como vimos, Benveniste propõe um conceito de homem em que a linguagem não é um desenvolvimento secundário, mas um componente necessário. Esse movimento teórico é feito através do postulado de uma interdependência conceitual. Minha sugestão prévia de uma diferença entre *Homo sapiens* e *Homo loquens* é expressa por Benveniste na seguinte passagem:

Car l’homme n’a pas été créé deux fois, une fois sans langage et une fois avec le langage. L’émergence de Homo dans la série animale peut avoir été favorisée par sa structure corporelle ou son organisation nerveuse; elle est due avant tout à sa faculté de représentation symbolique, source commune de la pensée, du langage et de la société. (2010, p. 27)

Como é possível ler, para o autor, por mais que se insista nessa ou naquela diferença biológica ou neurológica, o salto qualitativo que define verdadeiramente o homem é o desenvolvimento do simbolismo porque ele engendra o pensamento, a linguagem e a sociedade.

Desejo somar a essa leitura uma das questões principais de *De la subjectivité dans le langage* que não explorei em detalhes até aqui. No texto, o conceito de homem é abordado através da subjetividade, em um sentido desse termo bem próprio a Benveniste:

La subjectivité dont nous traitons ici est la capacité du locuteur à se poser comme ‘sujet’. Elle se définit non par le sentiment que chacun éprouve d’être lui-même [...], mais comme l’unité psychique qui transcende la totalité des expériences vécues qu’elle assemble, et qui assure la permanence de la conscience (2010, p. 259-60).

Essa passagem já foi utilizada para advogar que a única preocupação de Benveniste seria com o âmbito do linguístico, do locutor que se coloca como sujeito de uma enunciação. Mas indo além das duas primeiras linhas, me parece que se afirma o contrário. Trata-se aqui da amarração de toda experiência vivida em cada ato de discurso. Este não é apenas um evento linguístico. O falar, aqui, traz consigo presente e passado, o sujeito em questão e seu interlocutor, enfim, história e sociedade. “Ainsi tombent les vieilles antinomies du ‘moi’ et de l’autre, de l’individu et de la société” (p. 260), conclui o autor. A superação da contraposição entre “o eu” e “o outro” se expressa no conceito de intersubjetividade. É importante observar que “[o] tema da *intersubjetividade* é recorrente em Benveniste, porém, o uso da palavra *intersubjetividade* é menos comum se comparado a *subjetividade* e a *pessoa*” (FLORES, 2011, p. 105, grifos do autor). Mesmo assim, não se pode ignorá-lo, pois ele fundamenta o porquê da sociedade ser parte integrante da linguagem, na medida em que torna a essência do homem o seu próximo. Oswald Ducrot sublinha corretamente que não é questão de uma função ou finalidade do discurso, mas de constituição: “[i]l ne suffit pas de dire que le discours met la langue au service de fins intersubjectives; en lui-même, il constitue une relation intersubjective. Je me situe vis-à-vis d’autrui non seulement par ce que je lui dis mais par le fait de lui parler” (1989, p. 159). A partir disso, é possível concluir que “as três instâncias [...] – *linguagem*, *língua* e *línguas* – se fazem acompanhar, mesmo que não com estatutos equivalentes, de *intersubjetividade*, *subjetividade* e *pessoa*” (FLORES, 2013, p. 108, grifos do autor).

A essas duas instanciações triplas, de natureza não totalmente simétrica, é possível somar uma terceira, já apresentada quase completamente neste capítulo. A tripla instância do homem,

locutor e sujeito. Sobre o conceito de homem, já trouxe numerosas citações e ainda apresento outras em breve. Passo portanto o foco aos outros dois termos. O locutor parece ser concebido como a faceta do homem ao nível da língua, uma vez que é aí que é possível para ele “s’approprier la langue entière en se désignant comme *je*” (BENVENISTE, 2010, p. 262). *La nature des pronoms* traz uma passagem similar em que Benveniste afirma a propriedade auto-referencial dos dêiticos, pois “un locuteur les assume dans chaque instance de son discours” (*idem*, p. 254). Um pouco depois, o termo recorre na temática da apropriação da língua e em contraste com sujeito: “c’est en s’identifiant comme personne unique prononçant je que chacun des locuteurs se pose tour à tour comme ‘sujet’” (*ibidem*). O sujeito parece ser, assim, algo que ocorre na instância de discurso, isto é, na enunciação. Não parece forçar a reflexão benvenistiana supor que esse sujeito é o “*sujeito da enunciação – que advém da enunciação*” (FLORES, 2013, p. 114), ainda mais se pensarmos na passagem já citada de *De la subjectivité dans le langage*, em que a subjetividade é definida como “l’unité psychique qui transcende la totalité des expériences vécues qu’elle assemble (BENVENISTE, 2010, p. 260).

Foi possível entender até aqui, então, que não se trata, para Benveniste, nunca de um homem isolado no mundo, mas de um integrante de uma sociedade; sendo essa figura isolada inconcebível nesse entendimento. Em *Structure de la langue et structure de la société*, conferência proferida em 1968 em um congresso dedicado ao lugar das linguagens na sociedade e nos desenvolvimentos tecnológicos, Benveniste aborda diretamente a temática da sociedade. Logo de início se vê o retorno daquilo que destaquei em *De la subjectivité dans le langage*:

Le langage est pour l’homme un moyen, en fait le seul moyen d’atteindre l’autre homme, de lui transmettre et de recevoir de lui un message. Par conséquent le langage pose et suppose l’autre. Immédiatement, la société est donnée avec le langage. La société à son tour ne tient ensemble que pour l’usage commun de signes de communication. Immédiatement, le langage est donné avec la société (2008, p. 91).

A linguagem é o meio de que o homem dispõe para encontrar outro homem. Essa primeira afirmação é reiterada de diferentes formas ao longo da passagem citada. Dizer que a sociedade se mantém através da comunicação é apenas outra maneira de apresentar essa mesma relação. Não digo com isso, e é essencial sublinhá-lo, que Benveniste traz o social para os estudos da linguagem. Ele não propõe um olhar social sobre um objeto linguagem, ou língua, já pronto. O objeto é completamente transformado, refundado. Sua natureza agora é outra. É

importante notarmos, porém, que há três sentidos de sociedade presentes no texto em questão, que se tornam mais evidentes se os contrapormos às três instâncias linguagem-língua-línguas. Há a sociedade da unidade linguagem-sociedade que tem sua sede no homem. Isto é, da trindade fundamental à teoria benvenistiana, presente na passagem recém citada. Por outro lado, há a sociedade em uma segunda instância, oposta à língua, como no contraste dos “*éléments constitutifs de la langue et les éléments constitutifs de la société*” (p. 93). Finalmente, há a última instância, a das sociedades históricas: “*des langues de structures comparables servent à des sociétés très différentes entre elles*” (p. 92). Essas duas últimas concepções de sociedade são as que são majoritariamente analisadas ao longo do texto e consistentemente contrastadas com a língua e as línguas. No entanto, Benveniste não vê com clareza a distinção que seu próprio texto coloca:

Il y a d’une part la société comme donnée empirique, historique. On parle de la société chinoise, de la société française, de la société assyrienne; il y a d’autre part la société comme collectivité humaine, base et condition première de l’existence des hommes. De même il y a la langue comme idiome empirique, historique, la langue chinoise, la langue française, la langue assyrienne; et il y a la langue comme système de formes signifiantes, condition première de la communication (2008, p. 94).

A confusão fica clara quando percebemos que na passagem acima, a concepção de sociedade que estaria associada à linguagem, como na passagem que abre o texto, está aqui associada à língua. Poderia se tratar também de mais um caso em que Benveniste emprega língua por linguagem, não seria a primeira vez, mas a argumentação não deixaria, então, de saltar uma instância intermediária utilizada frequentemente na reflexão desenvolvida no texto. Para complexificar a relação entre essas diferentes concepções de sociedade, há uma outra noção que circula no texto e recobre de maneira desigual os usos de sociedade, a de cultura. Ela é usada como (a) sinônimo de civilização em “*niveau de la culture*” (p. 92); (b) como uma parte da sociedade e sua “*expression privilégiée*” (p. 92); (c) como formada por “*normes et représentations sociales*” (p. 95-96) e (d) como um objeto de estudos, ao lado da sociedade, de historiadores, o qual pode ser acessado através do estudo do vocabulário (p. 98). No momento deixo em suspenso a possível relevância de um conceito de cultura em Benveniste, para retomar



o tópico na próxima seção, até porque o termo não possui uso conceitual estrito ou mesmo operável na conferência.

*Structure de la langue et structure de la société* é um texto cheio de contradições, internas e com o restante da obra do linguista. Ao mesmo tempo que ele se situa dentro do quadro das principais reflexões benvenistianas, de potencial transformador, da época, o autor faz uma série de concessões aos pressupostos estruturalistas mais limitantes.

Primeiramente, Benveniste insere a sociedade no quadro do arbitrário saussuriano, o que é um passo essencial para a colocar no quadro da historicidade da linguagem, mas ao mesmo tempo limita o trabalho dos falantes sobre a linguagem como uma ação sobre as designações:

Ce que les hommes voient changer, ce qu'ils peuvent changer, ce qu'il effectivement ils changent à travers l'histoire, ce sont les institutions, parfois la forme entière d'une société particulière, mais non, jamais, le principe de la société qui est le support et la condition de la vie collective et individuelle. De même, ce qui change dans la langue, ce que les hommes peuvent changer, ce sont les désignations, qui se multiplient, qui se remplacent et sont toujours conscientes, mais jamais le système fondamental de la langue (p. 94).

Para Benveniste, língua e sociedade são “grandeurs non-isomorphes” (p. 93). Isto é, não se poderia esperar que a partir da análise da língua, toda a sociedade fosse explicada, pois se trata de sistemas que não se recobrem. Para tornar a análise possível, então, ele sugere que a língua e a sociedade estão em uma relação semiológica, na qual a língua é a interpretante da sociedade: “[à] cette fin nous les poserons en synchronie et dans un rapport sémiologique, le rapport de l'interprétant à l'interprété” (p. 95). Isso quer dizer que as formas de significar da sociedade se realizam e ganham sentido na língua. No entanto, ainda que eu concorde integralmente com essa afirmação, acredito que a tese se torna difícil de compreender e por em funcionamento, devido às limitações do texto.

É possível observar no que consiste o gesto transformador da metafísica do homem. A linguagem e a sociedade são naturais ao homem, são sua expressão e seu meio. Ao mesmo tempo, então, o homem não é mais um peão das estruturas sociais e nem determinado naturalmente. Em outras palavras, restaura-se aqui parte importante da tese do arbitrário entendido como a forma do tempo nas coisas humanas, é a semiologia saussuriana, de sistemas de valores, que reemerge com toda sua força, aliada às intuições benvenistianas. Ao longo de três páginas, Benveniste retoma sua teorização sobre o semiótico e o semântico como constituintes da semiologia da língua e sobre o lugar do sujeito na língua através do conceito de pessoa (cf. p. 97-

99). Essas ponderações se unem em uma maneira, próxima da atividade etnográfica, de observar a constituição das noções em circulação na sociedade e os grupos sociais constituídos a partir delas e da atividade enunciativa: “La langue en effet est considérée ici en tant que pratique humaine, elle révèle l’usage particulier que les groupes ou classes d’hommes font de la langue et les différenciations qui en résultent à l’intérieur de la langue commune” (p. 99).

Com efeito, “[c]’est l’inclusion du parlant dans son discours”, entendida no texto como “la considération pragmatique qui pose la personne dans la société en tant que participant et qui déploie un réseau complexe de relations spatio-temporelles qui déterminent les modes d’énonciation” (p. 99) que possibilita refletir sobre as diversas condições do indivíduo, assim como as diferenciações entre indivíduos e a constituição de grupos, dentro da sociedade. Assim, “c’est dans la pratique sociale, comme dans l’exercice de la langue, dans cette relation de communication interhumaine que les traits communs de leur fonctionnement seront à découvrir” (p. 102).

No entanto, como disse acima, o autor se contradiz no texto. Poderíamos chamar de uma traição dos próprios postulados; e a traição é dupla. Ele enfraquece o potencial das novas fundações metafísicas e do objeto de análise sugerido ao reduzir a linguagem à interpretação estruturalista, como feita exclusivamente de “unités discrètes, [...] en nombre fini, [...] combinables et [...] hiérarchisées” (p. 93) e a sociedade à interpretação da antropologia tradicional e marxista: “il y a d’une part un système relationnel, qui est appelé le système de la parenté, et de l’autre un autre système de relation, de division, c’est le système de classes sociales qui est agencé par les fonctions de production” (*ibidem*). Ele faz das duas grandezas não-isomórficas duas grandezas totalmente incomensuráveis, ao retomar dois tipos de determinismo na autonomia da língua defendida pelos estruturalistas e a precedência não-dialética da infraestrutura sobre a superestrutura característica da vertente economicista do marxismo. Isso se reflete ao longo do texto em diferentes aspectos, como na limitação da atividade do falante à transformação das designações que já apontei e na comparação da língua com um “système productif” (p. 100), empregando comparações com a economia para explicá-la. A passagem que me chama mais atenção nesse sentido é a seguinte: “[d]epuis 1917 la structure de la société russe a été profondément modifiée [...], mais rien de comparable n’est survenu dans la structure de la langue russe” (p. 92). Esse trecho contradiz tudo que apresentei anteriormente sobre o lugar do sujeito em sua enunciação, a constituição de grupos sociais, a

transformação de sentidos lexicais, a rede de relações espaço-temporais que constitui os modos de enunciação, e resume a língua a um conjunto de regras que aparentemente não se alteraram de imediato com a revolução política. Assim, recorrendo a teorias estabelecidas da época, Benveniste enfraquece, doma, uma reflexão original que se desenvolvia no texto com seus próprios termos.

Ainda que, no final das contas, o artigo limite seus próprios desenvolvimentos, talvez por hesitação em abraçar suas teses em toda sua radicalidade, uma hesitação similar à de Saussure, a intuição que se apresenta ali sugere uma reelaboração valiosa do homem e da sociedade e sua relação com a linguagem. Apesar de seu título, que contrapõe língua e sociedade, o artigo deixa bem claro na passagem final que o caminho que se tenta abrir é o de uma nova maneira de ver o homem: “l’homme est encore et de plus en plus un objet à découvrir, dans la double nature que le langage fonde et instaure en lui” (p.102).

Essa última passagem me leva a retomar a conclusão do já analisado *De la subjectivité dans le langage*, a qual apresenta claramente a intenção do autor de elaborar, a partir de teorizações como as que apresentei, uma nova epistemologia no âmbito dos estudos da linguagem: “[b]ien des notions en linguistique [...] apparaîtront sous un jour différent si on les rétablit dans le cadre du discours, qui est la langue en tant qu’assumée par l’homme qui parle et dans la condition de l’intersubjectivité, qui seule rend possible la communication linguistique” (p. 266, grifo do autor).

Resta a definir, para que se possa pensar a linguística programática que daí decorre, o que se quer dizer com restabelecer noções da linguística no quadro do discurso. O estruturalismo nos mostrou ser possível fazer uma linguística da língua com o conceito de discurso (ou de contexto, de história), utilizando-o quase como um ornamento, não mudando nada efetivamente, por não conseguir superar a descontinuidade do conceito de signo, apenas somando aos esforços da vanguarda semiótica. No entanto, nada nos impede de tomarmos outra via e sugerir que resituar o pensamento sobre a linguagem no quadro do discurso é deixar o homem e a sociedade reaparecerem mais fortes e historicizados. É retomar a linguística a partir do postulado, e da experiência, de que o discurso não é posterior à língua, um contexto adicionado a uma frase já pronta, mas a própria essência da atividade linguística. O que fiz foi o primeiro esforço de tentar ressignificar alguns termos essenciais para a discussão da linguagem. A busca de uma nova metafísica.

Porém, enquanto pensarmos que Benveniste oferece “um novo olhar” sobre um mesmo objeto, estaremos diminuindo o potencial de suas intuições, como ele mesmo fez repetidamente, ao tentar situá-las em teorias institucionalizadas. É preciso reconhecer sua enorme insistência em refundar a metafísica da linguagem, criando um misto sempre híbrido de homem-linguagem-sociedade. Uma vez imaginados os contornos dessa base metafísica e seu alcance, seria possível reler suas diversas análises sem procurar dizer até onde temos homem e até onde temos linguagem ou o que seria um vestígio de cultura, um rastro de sociabilidade e o que pertence de fato à língua.

## 6.2 UMA CIÊNCIA BENVENISTIANA DA CULTURA

Pelo título desta seção, seria possível que um leitor esperasse a apresentação pronta de princípios ou da metodologia de uma ciência da cultura elaborada por Émile Benveniste. Não é possível encontrar tal coisa aqui. Na verdade, é necessário, se desejamos vislumbrar tal projeto epistemológico, que demos dois passos para trás. De início, evidentemente, é preciso entender o que Benveniste quer dizer por cultura. Em segundo lugar, talvez não tão evidentemente, devemos compreender como Benveniste concebia as ciências e o que esperava de uma expressamente desenhada para lidar com a cultura.

O crescimento institucional da linguística estimulou uma série de projetos unificadores ao longo do século XX, sobretudo na França, das ditas ciências humanas a partir do novo plano para o pensamento que conceitos como sistema, signo, valor, relação etc. ofereciam. A deixa de Ferdinand de Saussure no *Curso de Linguística Geral*, de que a linguística seria mera parte de uma ciência maior, a semiologia, forneceu muito combustível para esse debate (cf. *supra*, capítulo 2). Porém, o entusiasmo daqueles que resolveram participar dessa discussão nem sempre deixa claro que tipo de unificação seria essa. Se trata de partir dos mesmos conceitos, de objetos similares ou de utilizar procedimentos de análise parecidos? Um descuido constante com o deslizamento de conceitos na negociação filosófica leva a pensar que em todos os casos se fala do mesmo homem, da mesma linguagem, da mesma sociedade. Por vezes, a mera reprodução de uma metodologia passa por uma continuidade teórica.

Sem dúvida, Benveniste estava em sintonia com as preocupações intelectuais do período. Em repetidas ocasiões, menciona, mesmo que várias vezes apenas de passagem, esse projeto de

construção de uma base comum para todas as ciências do homem como um objetivo a ser conquistado. O que me faz querer me demorar sobre a pergunta “seria possível uma ciência benvenistiana da cultura?” é a singularidade do autor que apresentei ao longo dos capítulos anteriores: seu percurso intelectual, dando base a uma linguística *sui generis* em sua relação com Saussure, e a metafísica que pode ser entrevista em sua obra, apresentada em linhas gerais na seção anterior.

Vimos que Benveniste não é tão simplesmente “um linguista estruturalista” que resolveu expandir os limites de sua atividade ou um linguista histórico-comparativista que descobriu a linguística geral (cf *supra*, capítulos 3 e 4). Pelo contrário, se observa uma atitude especial em relação à linguagem, o que permite que ele explore uma gama enorme de temas sem perder de vista algumas de suas preocupações centrais. Essa versatilidade, sem dúvida, não passou despercebida e tal capacidade é sempre louvada, como já mostrei e como na seguinte passagem:

Nulle part sans doute autant que dans l'oeuvre d'E. Benveniste, diachronie et synchronie, histoire et structure, ne se seront aussi harmonieusement soutenues. Historien des structures institutionnelles, E. Benveniste fut aussi et surtout historien de la langue et des langues des Indo-Européens; mais, par là, il visa de plus en plus, en élargissant le champ de sa comparaison à d'autres familles de langues, à doter la linguistique générale de fondements solides.  
(LEJEUNE, BADER & LAZARD, 1978, p. 56)

Penso que mais do que um objetivo de “dotar a linguística geral de fundamentos sólidos”, isto é, reforçar o paradigma linguístico vigente, Benveniste deseja estabelecer um plano teórico sobre o qual se possa construir uma ciência da cultura, não diferente de uma ciência do discurso ou da enunciação. A cientificidade da linguística é um tema em debate desde o início do século XIX, quando começa o processo de disciplinarização das pesquisas. Como outras ciências nascentes no período, a sociologia é um bom exemplo, a linguística se voltou para o que se fazia em ciências naturais em busca de um modelo<sup>55</sup>. Na capítulo 3, vimos que Meillet procurava uma linguística geral propriamente francesa que coubesse nos limites de uma ciência natural, com suas leis atemporais. No capítulo anterior, por outro lado, vimos como a ciência saussuriana da língua construiu uma nova forma de temporalidade.

---

<sup>55</sup> Vale notar que “ciências naturais” não é um referente estável. O que se fazia na França não é bem o que se fazia na Alemanha e o mesmo para a Inglaterra. Tradições institucionais e filosóficas tiveram e têm um peso considerável na elaboração desse paradigma aparentemente “neuro”.

Benveniste, então, diferentemente de seu mentor, vê outro futuro no horizonte da linguística para a ciência: “le statut de la linguistique comme science s’imposera, non pas science des faits empiriques, mais science des relations et des déductions, retrouvant l’unité du plan dans l’infinie diversité des phénomènes linguistiques” (2010, p. 17). É interessante observar a fina distinção que o linguista deseja fazer; não sendo ciência dos fatos empíricos, como poderia ela se ocupar dos fenômenos linguísticos observáveis? Isso se explica pela sua visão do fato linguístico: “[l]a segmentation de l’énoncé en éléments discrets ne conduit pas plus à une analyse de la langue que la segmentation de l’univers physique ne mène à une théorie du monde physique” (2010, p. 12). A mera segmentação e subsequente classificação dos elementos não é o bastante para garantir que a atividade do linguista seja uma descrição científica da língua e, diferente do que se possa pensar, provoca o autor, nem a segmentação do mundo físico. Isso não quer dizer que Benveniste julgue impossível uma forma de realismo em linguística, pelo contrário, o que ele defende é que “[c]ette manière de formaliser les parties de l’énoncé risque d’aboutir à une nouvelle atomisation de la langue, car la langue empirique est le résultat d’un procès de symbolisation à plusieurs niveaux, dont l’analyse n’est même pas encore tentée” (2008, p. 12). Isto é, o dado objetivo e imediato da língua é o resultado de um engendramento simbólico, a mediação e, nesse contexto, resulta na não-segmentabilidade do enunciado. De um único golpe, Benveniste nega as correntes linguísticas que tentaram livrar-se da significação sob o argumento de que a sua subjetividade inerente ou seu “mentalismo” impediriam uma descrição empírica da língua, assim como quaisquer teoria que tenha tentado se concentrar em enunciados prontos e/ou descontextualizados. A concepção da linguística como ciência das associações e deduções é uma evidente referência a Saussure.

Para compreendermos melhor o que Benveniste pensa da produção científica, voltemonos agora ao parágrafo de abertura do texto *Genèse du terme “scientifique”* (1969):

La constitution d’une terminologie propre marque dans toute science l’avènement ou le développement d’une conceptualisation nouvelle, et par là elle signale un moment décisif de son histoire. On pourrait même dire que l’histoire propre d’une science se résume en celle de ses termes propres. Une science ne commence d’exister ou ne peut s’imposer que dans la mesure où elle fait exister et où elle impose ses concepts dans leur dénomination. Elle n’a pas d’autre moyen d’établir sa légitimité que de spécifier en le dénommant son objet, celui-ci pouvant être un *ordre* de phénomènes, un *domaine* nouveau ou un mode nouveau de *relation* entre certaines données. L’outillage mental consiste d’abord en un inventaire de termes

qui recensent, configurent ou analysent la réalité. Dénommer, c'est-à-dire créer un concept, est l'opération en même temps première et dernière d'une science (2008, p. 247, grifos do autor).

Qualquer ciência, lemos, se ocupa de uma ordem de fenômenos, uma área de conhecimento ou novas relações entre certos dados. Na seção anterior, foi possível observar que Benveniste se esforça em desenhar o escopo da faculdade simbólica e sua ação no homem, na linguagem e na sociedade. Os termos desenvolvidos, então, formam uma aparelhagem mental que oferece três capacidades interconectadas: levantamento, configuração e análise da realidade. Entendemos então que uma das principais buscas de Benveniste para a constituição de uma ciência da cultura seria por termos que possam dar conta da realidade que ele descreve. A citação anterior a essa adianta que o objetivo visado é algo totalmente inédito, pois a análise dos processos de simbolização da língua ainda não foi tentada.

A ciência da simbolização buscada, no entanto, não trata exclusivamente dos impasses da linguística. Ela se inscreve tanto no projeto saussuriano da elaboração de uma ciência geral dos signos, a semiologia, quanto na ambição de Meillet de definir de que maneiras língua e sociedade se correspondem.

En poussant plus loin la réflexion, on a rencontré les problèmes inhérents à l'analyse de la langue d'une part, de la culture de l'autre et ceux de la 'signification' qui leur sont communs [...]. Le problème sera bien plutôt de découvrir la base commune à la langue et à la société, les principes qui commandent ces deux structures, en définissant d'abord les unités qui, dans l'une et dans l'autre, se prêteraient à être comparées, et d'en faire ressortir l'interdépendance (2010, p. 15).

Para tal, faz-se necessário um conceito de cultura que tenha a significação como fundamento e dessa forma possibilite a construção de uma base comum para ver a língua e a cultura como propriamente simbólicas e, por isso, humanas. No entanto, não há propriamente um conceito de cultura a se delimitar, mas uma noção dispersa em diferentes trabalhos do linguista, relacionada àquilo que apresentei como sua metafísica. Mesmo assim, há algumas passagens que podemos destacar como reveladoras de uma intenção de desenvolver uma concepção especializada de cultura.

Benveniste sugere construir a ciência da cultura através do modelo saussuriano, isto é, através de uma semiologia geral, concebida no quadro do sistema e do valor, pois “il est le seul, contre le structuralisme, à tenir la pensée de Saussure comme pensée du système”

(MESCHONNIC, 1995, p. 32). Benveniste levanta a hipótese de que “le caractère foncier de la langue, d’être composée de signes, pourrait être commun à l’ensemble des phénomènes sociaux qui constituent la *culture*” (2010, p. 43-4, grifo do autor). Isso o leva, em diferentes ocasiões, a louvar o trabalho dos esforços estruturalistas, seus contemporâneos, em transportar o modelo linguístico para suas áreas de pesquisa, em especial a antropologia. No entanto, como o próprio autor reconhece em diversos textos, o signo não basta para lidar com a atividade da simbolização. Isso por uma série de motivos, sendo o principal a própria não-segmentabilidade destacada previamente, característica da enunciação como ato singular e do semântico em oposição ao semiótico, mas também pelo laço ativo com o mundo re-presentado criado na e pela instância de discurso.

Sendo assim, penso que o esforço a se fazer é pensar uma ciência da cultura em termos benvenistianos que não ceda, malgrado, por vezes, o próprio autor, à semiótica estruturalista. Na configuração das diferentes instâncias que compõem a teoria de Benveniste, indo de conceitos base como linguagem, homem e sociedade até às formas singulares que eles adotam histórica e individualmente, poderíamos conceber a cultura como a expressão histórica e singular da universalidade da sociedade. Enquanto expressão coletiva do simbólico, ela já ocupa esse lugar na reflexão do linguista, constituindo o espaço humano por excelência: “[j]’appelle culture le *milieu humain*, tout ce qui, par-delà l’accomplissement des fonctions biologiques, donne à la vie et à l’activité humaines forme, sens et contenu” (2010, p. 30, grifos do autor). Essa passagem nos remete também a uma das mais conhecidas citações de Benveniste em *La forme et le sens dans le langage* sobre as funções da linguagem: “pour les résumer d’un mot, je dirais que, bien avant de servir à communiquer, le langage sert à *vivre*” (2008, p. 217, grifo do autor). Se quisermos ler isso mais do que como uma bela citação, me parece que se nos impõe a tarefa de pensar algo semelhante ao que Henri Meschonnic chama de homogeneidade entre o dizer e o viver (cf. 1995), isto é, o entendimento do discurso como uma atividade que compreende toda os aspectos da vida humana. Nesse sentido, é interessante uma segunda tentativa de Benveniste de definir cultura no mesmo texto: “[l]a culture se définit comme un ensemble très complexe de représentations, organisées par un code de relations et de valeurs: traditions, religion, lois, politique, éthique, arts, tout cela dont l’homme, où qu’il naisse, sera imprégné dans sa conscience la plus profonde” (2010, p. 30). Ao final da passagem, para além dos exemplos, compreendemos que tudo aquilo que compõe em sincronia a coletividade constitui a cultura.



Novamente reitero, essa concepção é considerada uma consequência inevitável de uma constatação sobre a natureza do homem: “aucune science de l’homme n’échappera à cette réflexion sur son objet et sur sa place au sein d’une science générale de la culture, car l’homme ne naît pas dans la nature, mais dans la culture” (2010, p. 44). Uma vez que o homem é “naturalmente cultural”<sup>56</sup>, para conhecê-lo, então, é necessário tornar esse campo passível de análise, na forma de uma gramática do discurso capaz de manipular “un réseau complexe de relations spatio-temporelles qui déterminent les modes d’énonciation” (2008, p. 99). Meschonnic nos lembra que esse ímpeto é controlado quando “le sujet transformateur d’une grammaire de la langue en grammaire du discours, chez Benveniste, [est] remplacé par une taxinomie des situations de discours, une psychologie de l’énoncé” (1995, p. 50).

*Le vocabulaire des institutions indo-européennes* (1969), para mim, é o trabalho que ilustra mais claramente a maneira como a metafísica benvenistiana delimita seres linguísticos e culturais no mundo e seu potencial analítico<sup>57</sup>. Os dois volumes da obra contam com mais análises do que seria possível apresentar e analisar em um longo trabalho, sendo assim, para terminar este estudo, gostaria apenas de chamar atenção para as linhas gerais de um capítulo. Antes, é útil fazer um pequeno comentário sobre a obra: “ce sont ces leçons au Collège, recueillies par L. Gerschel et revues et souvent réécrites par le maître qui, avec référence (lorqu’il y a lieu) aux essais déjà publiés, forment la matière de ces deux beaux volumes” (MAURICE, 1970, p. 644). No capítulo 3, já apresentei diversas características recorrentes da metodologia do linguista, mas aqui cabe encarar de modo criativo algumas das reflexões do texto.

O capítulo 7, do livro 3, do volume 2, intitulado *Religion et superstition*, se ocupa da noção de religião e outras relacionadas entre os povos indo-europeus. Esse percurso é interessante, pois já de início Benveniste alerta:

S’il est vrai que la religion est une institution, cette institution n’est cependant pas nettement séparée des autres, ni posée hors d’elles. On ne saurait concevoir clairement, donc dénommer la religion qu’à partir du moment où elle est délimitée, où elle un domaine distinct, où l’on peut savoir ce qui lui appartient et ce qui lui est étranger. Or dans les civilisations que nous étudions, tout est imbu de religion, tout est signe ou jeu ou reflet des forces divines. On ne ressent pas, hors de confréries spécialisées, le besoin d’un terme spécifique appliqué à l’ensemble des cultes et croyances et c’est pourquoi nous ne

<sup>56</sup> Esse estatuto curioso é análogo àquele do arbitrário, “necessariamente contingente”.

<sup>57</sup> Não há espaço aqui para elaborar esse ponto, mas esse profundo interesse pelo léxico é também uma das maneiras como Benveniste se alinha com linguistas como Antoine Meillet, Michel Bréal etc.

rencontrons, pour dénommer la 'religion', que des termes dont chacun résulte d'une création indépendante. (1969, vol. 2, p. 266)

A passagem coloca um problema interessante, tanto para a linguística como para a antropologia e a sociologia, como é possível estudar uma noção que não se faz presente para outro povo da mesma maneira do que para nós (e vice-versa). Além disso, ressalta o autor, aquilo que chamaríamos de religião está presente nos mais diversos aspectos da vida dos povos indo-europeus e não restrito a espaços e momentos específicos. Segue-se, então, uma conclusão de ordem histórica, de que o surgimento dessas noções nas línguas de matriz indo-europeia se dá na medida em que social e culturalmente se distingue o âmbito do que chamaríamos de religioso de outros aspectos da vida. Assim, a pesquisa de Benveniste indica que em grego ioniano a noção de *thrēskeiē*, enquanto respeito das tradições do culto, ressurge em grego ático bastante tempo depois com um sentido mais geral de conjunto de crenças e rituais (p. 266-267). Em latim, *relegere* está ligado à retomada de uma reflexão ou ato anterior, ao retorno sobre uma síntese realizada. O *religio*, então, se entende como escrúpulo, introspecção ou hesitação diante de *omina*, presságios, ou mesmo situações sociais cotidianas que exigiriam diferentes observâncias (p. 267-272). Finalmente, o *religiosus* seria aquele que conhece e respeita os objetos de escrúpulo, especializando-se então o termo para os objetos de culto e os procedimentos dos ritos. Interessantemente, Benveniste aborda a etimologia cristã, filologicamente equivocada, de *religio* como um derivado de *religare*, com um sentido de uma ligação com Deus, antropologicamente e a justifica a partir da maneira como os cristãos abordavam a religião diferentemente dos romanos. O capítulo conclui com um estudo adicional sobre o surgimento da noção de superstição em grego antigo e latim, levantando novamente o problema da imposição de uma categoria alheia às línguas estudadas, em que Benveniste mostra uma ligação persistente, e para ele inesperada, entre religião e superstição.

A principal pergunta que permanece, com força, após esse apanhado, deveras incompleto, de ideias básicas para uma ciência da cultura benvenistiana é a partir de que procedimentos ela começaria a colocar em relação os diversos sistemas, ou fenômenos sociais, que compõem a cultura. Penso que, justamente, um ponto de partida interessante é a visão benvenistiana da tradução<sup>58</sup>. No capítulo de *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* em questão,

---

<sup>58</sup> É de se notar que boa parte da antropologia contemporânea se utiliza, com sucesso, de conceitos como tradução e relação para potencializar suas análises dos mais diferentes povos.

Benveniste se pergunta “[q]uand nous traduisons par ‘religion’ le mot sanskrit *dharma* ‘règle’ ou le mot v. slave *věra* ‘croyance’, ne commettons-nous pas l’erreur d’extrapoler?” (p. 266). A tradução já é, de princípio, uma atividade inscrita na teoria da linguagem e questionadora dela, como repete insistentemente Henri Meschonnic (1999).

A principal qualidade de uma noção de tradução como instrumento de pesquisa é que ela coloca em jogo o lugar ativo do linguista na análise entre diferentes sistemas linguísticos e os perigos desse entre-lugar:

Dans l’appréciation des différences de sens qui interviennent entre les membres d’un ensemble formellement lié, le linguiste est toujours enclin à se guider inconsciemment sur les catégories de sa propre langue. De là des problèmes sémantiques qui se ramènent, tout bien considéré, à des problèmes de traduction (2010, p. 291).

Esse risco metodológico, o de impor as próprias categorias ao idioma alheio, é similar à armadilha que a antropologia tem de evitar ao tratar das mais diversas sociedades. Em outra passagem do mesmo capítulo que acabei de expor, Benveniste assinala um problema de análise, e de tradução, que diz respeito tanto a uma teoria da linguagem, quanto uma do humano e da sociedade:

L’interprétation littérale par *superstes* ‘survivant’ conduit à *superstitio* comme ‘survivance’. *Superstitio* indiquerait alors un ‘reste’ d’une vieille croyance qui, à l’époque où on l’envisage, paraît superflue. A notre avis, cette explication repose sur un contre-sens historique: ce serait prêter aux anciens, et dès avant la tradition historique, l’attitude d’esprit et le sens critique du XIX<sup>e</sup> siècle ou de nos ethnographes modernes, qui permettent de discerner dans la religion des ‘survivances’ d’une époque plus ancienne et qui ne s’harmonisent pas avec le reste. (p. 273-274)

Apesar das dificuldades e armadilhas que Benveniste vê na atividade de tradução, é justamente em seu uso criativo que ele vê a possibilidade de se realizar tal transposição. A passagem de um sistema (semiótico e semântico, para utilizar novamente essas categorias benvenistianas) a outro, apesar de seus riscos, é a própria possibilidade do trabalho do linguista e do pesquisador da cultura. Sendo assim, faz-se necessário levar adiante o potencial da tradução como processo relacional e, por isso, fundamental à ciência da cultura benvenistiana. Pois, nesse caso, seu papel não é de usar a tradução como ferramenta para transferir o Mesmo (um pensamento ahistórico, transportável na palavra como veículo), mas um instrumento de

exploração e de compreensão do Outro, de diferentes modos de ser e relacionar humanos, linguagem e sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Écrire n'a rien à voir avec signifier,  
mais avec arpenter, cartographier,  
même des contrées à venir  
Gilles Deleux & Félix Guattari, *Mille Plateaux*

Chegando ao fim desta dissertação, é necessário olhar para trás e refletir sobre o que foi possível realizar e o que não foi. Relembrando, o objetivo geral desta dissertação foi “abordar as condições de elaboração de um novo saber, linguístico, antropológico e filosófico, a partir de uma matriz saussuriana-benvenistiana” (*intra*, p. ).

Para tal, na primeira parte, *Territórios*, apresentei diferentes maneiras como cientistas de diferentes áreas se interessaram (no sentido usado na introdução) pelas obras de Saussure e Benveniste. Aí, o objetivo não foi em momento algum determinar quais eram as boas ou más, nem corretas ou incorretas, relações criadas com as ideias dos autores, mas executar uma análise que destacasse (1) como o estabelecimento progressivo de interesses reescreve a todo o momento o passado da disciplina, suas relações presentes e suas possibilidades de desenvolvimento e (2) como a produção e institucionalização de certos centros para as ideias dos autores pode provocar um estriamento (no sentido usado na introdução da parte I) do espaço teórico que dificulta ou impossibilita certos fluxos, que diminui a velocidade de certas linhas de força e acelera o fim do processo pensante, cartográfico, em favor de um produto finito, estático e estável, o decalque. Assim, minha intenção foi, sobretudo, de dar movimento ao que se pôs estático, por um motivo ou outro. Fazer novamente um saussurismo e um benvenistianismo daquilo que havia se tornado uma asserção identitária sobre Saussure e Benveniste. Ainda que os quatro estudos, acredito, tragam grande número de informações valiosas, há evidentemente muito o que desenvolver tanto dentro dos assuntos específicos abordados nos capítulos quanto outros assuntos similares. Afinal, só de saussurismos, há pelo menos uma forma significativa a cada década desde 1916 e até mesmo antes; se incluirmos aí o estudo de Benveniste, há muito caminho a se trilhar para realizar um levantamento satisfatório dos vários interesses suscitados por esses autores.

*Investigações*, a segunda parte, recobre, por assim dizer, os estudos mais autorais e arriscados da dissertação. Nos dois capítulos que a compõem, me concentrei em expor a forma que o saussurismo e o benvenistianismo tomam para mim. Os dois autores se interpõem necessariamente à tentativa de elaborar uma ciência da singularidade do humano, da linguagem e

a da sociedade. Mostrei no quinto capítulo como Ferdinand de Saussure nos convida a superar as formas tradicionais de encarar as línguas e também com que instrumentos ele pode nos equipar para realizar essa tarefa. Coloquei especial ênfase na concepção da temporalidade em sua teoria, por acreditar que aí está o ponto em que não só ele se diferencia de outros linguistas, mas cria um regime de cientificidade único para a linguística por inteiro, assim como para as ciências do homem. Me foquei também no conceito de analogia e no de virtualidade, pois penso que nesses está concentrado o esforço de Saussure de explicitar o que é único na atividade linguageira. O sexto e último capítulo dediquei a Émile Benveniste, buscando formular as linhas gerais da metafísica que sustenta sua atividade científica. O essencial, para mim, foi apresentar a correlação necessária entre homem, linguagem e sociedade, unidos todos pela relação de intersubjetividade, explícita nos textos do autor, e levantar a hipótese de uma continuidade dessa relação trinitária com outras nos trios de conceitos língua, locutor e sociedade e língua (idioma), sujeito e sociedade (histórica).

É até mesmo difícil de apontar o que ainda não foi possível realizar nos capítulos quinto e sexto, considerando que há tanto a cartografar nas regiões para as quais esses estudos apenas apontam timidamente. Dessa maneira, levantarei alguns questionamentos finais que indicam os caminhos que, neste momento, vejo se abrirem a partir daqui.

Primeiramente, há um questionamento, o qual percorre o sexto capítulo em segundo plano, sobre a distinção entre natureza e cultura e seu efeito sobre as ciências do humano, incluindo, é claro, a linguística. Aqui, há um embate científico – e político certamente –, necessário travar, pois:

In our time, natural sciences defines the human being's place in nature and history and provides the instruments of domination of the body and the community. By constructing the category of nature, natural science imposes limits on history and self-formation. So science is part of the struggle over the nature of our lives. (HARAWAY, 1991, p. 43)

A teorização de Benveniste sobre o homem naturalmente cultural, pode mais do que simplesmente colocar o homem do lado da cultura, deixando todo o “resto” para a natureza; ela pode auxiliar as ciências que já estão engajadas na tarefa<sup>59</sup> de questionar a validade dessa firme distinção que sustenta a metafísica ocidental. De certa maneira, a exigência de um estudo voltado para a singularidade por parte de Saussure, e seu pitoresco etnográfico, e Benveniste, com toda

---

<sup>59</sup> Essencialmente os *science studies* e a dita “antropologia ontológica”.

sua reflexão sobre a apropriação individual da língua, já são passos largos nesse sentido, uma vez que colocam em jogo os tipos tradicionais de tipologia e denunciam especialmente as tentativas de explicar, digamos, a espécie pelo gênero. Como coloca a antropóloga Marilyn Strathern:

It becomes apparent that anthropologists have been using the languages and images of some to evoke others. Juxtaposing cultures and societies makes them into imitations, echoes of one another, as their social forms echo the descent groups or marriage alliances or stratification systems that were 'first' described elsewhere. (1991, p. 13)

O aparato teórico forjado a partir de um saussurismo e de um benvenistianismo parece nos habilitar para fazer com que línguas e culturas sejam mais do que ecos umas das outras, objetos portadores de categorias transcendentais recorrentes (substantivos, objetos indiretos, orações subordinadas adverbiais). O principal desafio de Saussure à gramática tradicional é lhe exigir que rerepresente os fundamentos de seus conceitos a cada língua a ser estudada. Igualmente, como mostrei nas últimas páginas do capítulo 6, para Benveniste as línguas e culturas não são constituídas pela repetição de categorias persistentes e a cada povo é necessário buscar de que maneira uma instituição como a religião – ou a crença, a lei, o poder – se apresenta.

Há um desafio ainda maior que o saussurismo parece nos colocar explicitamente, em essência tão científico quanto político. Por mais que se tente, os conceitos saussurianos sempre parecem se colocar em um impasse frente à dimensão desejada pelo Estado, isto é, quando se tenta fazer linguística de uma língua nacional e em proporção nacional. Se pensarmos na perspectiva ampliada que Benveniste nos sugere, a cultura e a gama de expressões artísticas, institucionais etc. que ela sugere, o questionamento se complexifica ainda mais. Acredito ser impossível produzir um sistema, linguístico e cultural, centrado na singularidade tomando a perspectiva de um Estado que contém dentro de suas fronteiras humanos (e não humanos) que desenvolverão suas vidas totalmente alheios uns aos outros. Vale relembrar que nos exemplos de Saussure citados anteriormente, a língua já não é mais propriamente a mesma de um vilarejo até o próximo, que dirá em um território nacional inteiro. Mesmo levando em conta a heterogeneidade constitutiva da língua, chega um momento, como diz Saussure, em nossa jornada de vilarejo em vilarejo que já não mais compreendemos bem o que está sendo falado. Isso não quer dizer que o Estado não tenha um papel importante no Ocidente na imposição, em mais uma forma de estriamento, de determinadas formas de língua e cultura.

Em suma, me parece que o instrumental teórico do saussurismo que me interessou aqui é mais apto para lidar com um recorte espaço-temporal que delimite comunidades de línguas, vocabulários, instituições. Uma passagem de *Mille Plateaux* afirma categoricamente a possibilidade, filosófica, dessa ciência da linguagem:

[I]l n'y a pas de langue en soi, ni d'universalité du langage, mais un concours de dialectes, de patois, d'argots, de langues spéciales. Il n'y a pas de locuteur-auditeur idéal, pas plus que de communauté linguistique homogène. [...]. Il n'y a pas de langue-mère, mais prise de pouvoir par une langue dominante dans une multiplicité politique (DELEUZE & GUATTARI, 1980, p. 14)

Me instiga pensar o saussurismo-benvenistianismo como a ciência desses remendos de dialetos e jargões que não cessam de se diferenciar e multiplicar. Uma linguística que se pergunta em que mundo cada comunidade falante habita. Uma ciência que problematize o lugar da língua de dominação e suas estratégias para manter o seu lugar e que observe as línguas minoritárias em suas múltiplas estratégias de resistência, de fuga. Em suma, uma linguística da singularidade.



## REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. Les *problèmes* du discours poétique selon Benveniste. IN: *Semen*, nº 33. 2012. Disponível online em: <http://semen.revues.org/9454>. Consultado em: 05/11/2014

ALTOÉ, Sônia & MARTINHO, Maria Helena. *A noção de estrutura em psicanálise*. IN: *Estilos da clínica*, 17(1), 2012, p. 14-25.

ARRIVÉ, Michel. Un intercesseur après-coup entre Saussure et Freud: Lacan. IN: *Linx*, edição especial nº 7, 1995. Disponível em: <http://linx.revues.org/1235>. Consultado em: 17/12/2014.

AUROUX, Sylvain. La notion de linguistique générale. IN: *Histoire Épistémologie Langage*, tome 10, fascicule 2. Paris: SHESL, 1988, p. 37-56.

BALLY, Charles & GAUTIER, Léopold (eds.). *Recueil de publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*. Genebra: Payot, 1922.

BARTHES, Roland. Éléments de sémiologie. IN: *Communications*, vol. 4, nº 4, 1964, p. 91-135.

\_\_\_\_\_. *Mythologies*. Paris: Seuil, 1970.

\_\_\_\_\_. *Roland Barthes par Roland Barthes*. Paris: Seuil, 1975.

BENVENISTE, Émile. *Essai de grammaire sogdienne*. Paris: Geuthner, 1929.

\_\_\_\_\_. *Les infinitifs avestiques*. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1935a.

\_\_\_\_\_. *Origines de la formation des noms en indo-européen*. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1935b.

\_\_\_\_\_. *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1948.

\_\_\_\_\_. (ed.). Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. IN: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, nº 21, 1964/5, p. 89-130.

\_\_\_\_\_. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. Em 2 volumes. Paris: Éditions de minuit, 1969.

\_\_\_\_\_. *Études sogdiennes*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichers Verlag, 1979.

\_\_\_\_\_. *Problèmes de linguistique générale, 2*. Paris: Gallimard, 2008.

\_\_\_\_\_. *Problèmes de linguistique générale, 1*. Paris: Gallimard, 2010.

\_\_\_\_\_. *Últimas aulas no Collège de France: 1968 e 1969*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

BENVENISTE, Émile & RENOUE, Louis. Vṛtra et Vṛθṛagna. IN: *Cahiers de la société asiatique* III. Paris: Imprimerie nationale, 1934.

BERGOUNIOUX, Gabriel; BERGOUNIOUX, Maïtine; NGUYEN, Noël & WAQUIER, Sophie. Quel programme de recherche en mathématique et phonologie?. IN: *Mathematics and social sciences*, ano 45, nº 180. Orléans: CORAL, 2007.

CALVET, Louis-Jean. *Saussure: pró e contra: para uma lingüística social*. São Paulo : Cultrix, 1977.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. De Saussure às teorias enunciativas: ruptura ou continuidades?. IN: *Revista da faculdade de ciências sociais e humanas*, nº 9. Lisboa: Edições Colibri, 1996, p. 49-59.

CHISS, Jean-Louis. Synchronie/Diachronie: méthodologie et théorie en linguistique. IN: *Languages*, vol. 12, nº 49. 1978, p. 91-111.

CHOI, Yong-Ho. La valeur en discours chez Saussure. IN: *L'information grammaticale*, n. 95. 2002, p. 50-53.

CULIOLI, Antoine. Théorie du langage et théorie des langues. IN: SERBAT, Guy (ed.), *E. Benveniste Aujourd'hui*, tome 1. Louvain: Éditions Peeters, 1984, p. 77-85.

DELEUZE, Gilles. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 1993.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mille plateaux*. Paris: Éditions de minuit, 1980.

\_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELESALLE, Simone. Histoire du mot énonciation. IN: *Histoire épistémologie langage*, volume 8, fascículo 2. 1986, p. 3-22.

DESSONS, Gerard. *Émile Benveniste: l'invention du discours*. Clamecy: In Press, 2006.

DOSSE, François. *História do estruturalismo: 1. O campo do signo, 1945/1966*. São Paulo: Ensaio, Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

\_\_\_\_\_. *História do estruturalismo: 2. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. São Paulo: Ensaio, Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

ENGLER, Rudolf. La parte di Saussure. IN: *Roman Jakobson*, a cura di Pietro Montani e Massimo Prampolini. Roma: Editori Riuniti, 1990.

FLORES, Valdir do Nascimento. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. IN: TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir do Nascimento (Orgs.). *O sentido na*

*linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

\_\_\_\_\_. Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. IN: *D.E.L.T.A.*, nº 29, vol. 1. 2013, p. 95–120.

GADET, Françoise. Jakobson sous le pavillon saussurien. IN: *Linx*, nº 7. 1995. Disponível em: <http://linx.revues.org/1238>. Consultado em: 20/12/2014.

GADET, Françoise & PECHÊUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da lingüística*. Campinas: Pontes, 2010.

GEOGHEGAN, Bernard Dionysius. From information theory: Jakobson, Lévi-Strauss, and the cybernetic apparatus. IN: *Critical inquiry*, nº 38, 2011, p. 96-126.

GODEL, Robert. *Problèmes de linguistique générale, II* by Emile Benveniste; Gallimard. IN: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, No. 29. Geneva: Droz, 1974/1975, p. 207-210.

HARAWAY, Donna J. *Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991.

HÄBLER, Gerda. *La notion de valeur saussurienne: continuité ou innovation?*. Genf: anais do congresso *Révolutions Saussuriennes*, 2007.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

JAKOBSON, Roman. *Selected writings II: word and language*. The Hague: Mouton, 1971.

\_\_\_\_\_. *Essais de linguistique générale*, tome II. Paris: Éditions de Minuit, 1973.

\_\_\_\_\_. Toward the history of the moscow linguistic circle. IN: TRABANT, Jürgen et. al. (ed.). *Logos semantikos I: Geschichte der Sprachphilosophie und der Sprachwissenschaft*. Madrid: Gredos-Berlin: De Gruyter, 1981

\_\_\_\_\_. *Selected writings VIII*, completion volume one. Berlin, New York, Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1987.

\_\_\_\_\_. Proposition au premier congrès des linguistes. IN: *Selected writings: phonological studies*. Berlin, Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2002.

JOHNSON, Christopher. *Claude Lévi-Strauss: the formative years*. Cambridge: Cambridge university press, 2003.

JOSEPH, John. *Saussure*. Oxford: Oxford university press, 2012.

KARCEVSKI, Serge. *Système du verbe russe: essa de linguistique synchronique*. Prague: Legiografie, 1927.

\_\_\_\_\_. Du dualisme asymétrique du signe linguistique. IN: *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Geneva: Droz, 1967.

KOERNER, Konrad. Meillet, Saussure et la linguistique générale. IN: *Histoire Épistémologie Langage*, tome 10, fascicule 2. Paris: SHESL, 1988, p. 57-73.

\_\_\_\_\_. Notes on the history of the concept of language as a system 'où tout se tient'. IN: *Linguistica atlantica*, 18/19. 1997, p. 1-20.

KRIPPES, Karl. Meillet, the Researcher and the Teacher. IN: *Histoire, épistémologie, langage*, vol. 10, n° 10-2. Paris: SHESL, 1988, p. 277-283.

LACAN, Jacques. Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. IN: *La psychanalyse*, n°1, 1956, p. 81-166.

\_\_\_\_\_. L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. IN: *La psychanalyse*, n° 3, 1957, p. 47-81.

LAMBERTERIE, Charles de. L'apport d'Émile Benveniste. IN: *Faits de langues*, vol. 3, n° 5. Paris: Ophrys, 1995, p. 13-18.

LATOUR, Bruno. Les "Vues" de l'Esprit: une introduction à l'anthropologie des sciences et des techniques. IN: *Réseaux*, vol. 5, n° 27, 1987, p. 79-96.

\_\_\_\_\_. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 2011.

LAPLANTINE, Chloé. "La langue de Baudelaire": une culturologie. IN: *Semen*, n° 33. 2012. Disponível online em: <http://semen.revues.org/9492>. Consultado em: 05/11/2014

LEJEUNE, Michel; BADER, Françoise & LAZARD, Gilbert. Émile Benveniste (1902-1976). In: *École pratique des hautes études, 4e section, Sciences historiques et philologiques. Annuaire 1977-1978*. Paris, 1978, p. 50-77.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss. IN: MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 1968.

\_\_\_\_\_. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 2010.

LIMA, Jonas Pereira. *A teoria glossemática de Louis Hjelmslev numa perspectiva historiográfico-linguística*. Goiânia: UFG, 2010. Dissertação de mestrado.

MARCEAU, Jean-Claude. *La part du surréalisme dans la théorie lacanienne des psychoses et dans l'éthique de la psychanalyse*. Paris: Paris VIII, 2004 (tese de doutorado em psicanálise).

MARTINET, André. *Économie des changements phonétiques: traité de phonologie diachronique*. Berne: Francke, 1955.

\_\_\_\_\_. *A functional view of language*. Oxford: Clarendon, 1962.

\_\_\_\_\_. Les choix du locuteur. IN: *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, n° 156. 1966, p. 271-282.

\_\_\_\_\_. Pour une approche empirico-déductive en linguistique. IN: *Fonction et dynamique des langues*. Paris: Armand Colin, 1989.

\_\_\_\_\_. *Mémoires d'un linguiste*. Paris: Quai Voltaire, 1993.

MAURICE, Leroy. Benveniste (Émile), Origines de la formation des noms en indoeuropéen. IN: *Revue belge de philologie et histoire*, vol. 18, n° 18-2-3, 1939 p. 512-515.

\_\_\_\_\_. Émile Benveniste, Le vocabulaire des institutions indo-européennes. IN: *L'antiquité classique*, vol. 39, n° 39-2, 1970, p. 644-645.

MAINGUENEAU, Dominique. *L'énonciation en linguistique française*. Paris: Hachette, 1999.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale II*. Paris: Klincksieck, 1936.

\_\_\_\_\_. *Linguistique historique et linguistique générale I*. Paris: Champion, 1982.

MESCHONNIC, Henri. *Pour la poétique, ii, épistémologie de l'écriture, poétique de la traduction*. Paris: Gallimard, 1973.

\_\_\_\_\_. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Lagrasse: Verdier, 1982.

\_\_\_\_\_. Seul comme Benveniste ou comment la critique manque de style. IN: *Langages*, n° 118. 1995.

\_\_\_\_\_. *Poétique du traduire*. Lagrasse: Verdier, 1999.

\_\_\_\_\_. Saussure ou la poétique interrompu. IN: *Langages*, vol. 39, n° 159. 2005, p. 10-18.

\_\_\_\_\_. Le cas Heidegger. *Le cas portique*, n° 18. 2006. Disponível em: <http://leportique.revues.org/819>. Consultado 22 de outubro 2014.

MOÏNFAR, Mohammed Djafar. L'oeuvre d'Émile Benveniste. IN : *Linx*, n° 26. 1992.

MONOD-BEQUELIN, Aurore. Meillet, Benveniste et l'ethnolinguistique. IN: *Histoire Épistémologie Langage*. Tome 10, fascicule 2. Paris: SHESL, 1988. pp. 141-153.

MONTAUT, Annie. La méthode de Benveniste dans ses travaux comparatistes: son discours et son sujet. IN : *Linx*, n° 26. 1992, 109-135.

\_\_\_\_\_. De la supposée schizophrénie saussurienne à la manie de la dichotomie benvenistienne. IN: *Linx*, edição especial n° 7, 1995. Disponível em: [linx.revues.org/1247](http://linx.revues.org/1247). Consultado em 02/01/2015.

MONTAUT, Annie & NORMAND, Claudine. Présentation. IN : *Linx*, n° 26. 1992, p. 11-13.

NEVES, Heloísa. Mapa [ou] um estudo sobre representações complexas. IN: *re[do]bra*, vol. 1, n° 5, 2008. Disponível em: <http://www.corpocidade.dan.ufba.br/arquivos/mapa.pdf>. Consultado em: 01/02/2015.

NORMAND, Claudine. *L'arbitraire du signe* comme phénomène de déplacement. IN: *Dialectiques*, n° 1-2. 1973, p. 109-126.

\_\_\_\_\_. Le sujet dans la langue. IN: *Langages*, vol. 19, n° 77. 1985, p. 7-19.

\_\_\_\_\_. Benveniste: linguistique saussurienne et signification. IN : *Linx*, n° 26. 1992, p. 49-75.

\_\_\_\_\_. La coupure saussurienne. IN: *Linx*, edição especial n° 7, 1995, p. 219-231. Disponível em: <http://linx.revues.org/1157>. Consultado em: 14/12/2014.

\_\_\_\_\_. Lectures de Benveniste: quelques variantes sur un itinéraire balisé. IN: *Linx*, edição especial n° 9. 1997. Disponível em: <http://linx.revues.org/964>. Consultado em: 02/11/2014.

PARRET, Herman. *Prolégomènes à la théorie de l'énonciation De Husserl à la pragmatique*. Berna: Peter Lang, 1987.

\_\_\_\_\_. *Le son et l'oreille: polyphonies saussurriennes*. 2014. Disponível em: <http://www.hermanparret.be/media/recent-articles/256.pdf>. Consultado em: 02/11/2014.

PEETERS, Bert. Encore une fois 'où tout se tient'. IN: *Historiographia linguistica*, 17/3. 1990, p. 427-436.

PETITIER, Paule. Le Michelet de Roland Barthes: une oeuvre à deux têtes. IN: *Littérature*, n° 119, 2000, p. 111-124.

PINAULT, Georges. Benveniste et le tokharien. IN: TAILLARDAT, Jean; LAZARD, Gilbert; & SERBAT, Guy (ed.). *Émile Benveniste aujourd'hui*. Paris: Peeters, 1984.

PUECH, Christian. Benveniste et la représentation de la "discipline linguistique". IN: *Linx*, edição especial n° 9. 1997. Disponível em: <http://linx.revues.org/1090>. Consultado em: 02/11/2014.

\_\_\_\_\_. Manuélisation et disciplinarisations des savoirs de la langue: l'énonciation: IN: COLLINOT, André & PETIOT, Genenivève (eds.). *Manuélisation d'une théorie linguistique: le cas de l'énonciation*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1998.

\_\_\_\_\_. L'émergence de la notion de "discours" en France et les destins du saussurisme. IN: *Langages*, vol. 39, n° 159, 2005, p. 93-110.

\_\_\_\_\_. Est-il temps de faire l'histoire du structuralisme?. IN: *Les dossiers de HEL*, n°3. Paris: SHESL, 2013a. Disponível em: [http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/puech\\_present.pdf](http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/puech_present.pdf). Consultado em: 9/11/2014.

\_\_\_\_\_. L'esprit d Saussure: réception et héritage (l'héritage linguistique saussurien: Paris contre Genève). IN: *Les dossiers de HEL*, n°3. Paris: SHESL, 2013b. Disponível em: <http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/puech.pdf>. Consultado em: 9/11/2014.

PUECH, Christian & CHISS, Jean-Louis. F. de Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique contemporaine. IN: *Langages*, volume 28, 1994, p. 41-53.

PUECH, Christian & RADZYNSKI, Anne. Fait social et fait linguistique: A. Meillet et F. de Saussure. IN: *Histoire Épistémologie Langage*, tome 10, fascicule 2. Paris: SHESL, 1988, p. 75-84.

RASTIER, François. Saussures et les textes – De la philologie des textes saussuriens à la théorie saussurienne des textes. IN: *Texto! Textes et cultures*, vol. XIV, n° 3. 2009. Disponível em: [http://www.revue-texto.net/docannexe/file/2420/texto\\_saussure\\_et\\_les\\_textes\\_rastier.pdf](http://www.revue-texto.net/docannexe/file/2420/texto_saussure_et_les_textes_rastier.pdf). Consultado em: 02/11/2014.

REDARD, Georges. Deux Saussure?. IN: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, vol. 32. Geneva: Droz, 1978.

REZENDE, Jamily Nacur. A inscrição do movimento artístico surrealista interrogando a escrita de Lacan. IN: *Reverso*, vol. 33, n° 61, 2011, p. 67-74.

SANTOS, Lúcia Grossi dos. A experiência surrealista da linguagem: Breton e a psicanálise. IN: *Ágora*, vol. 5, n° 2, 2002, p. 229-247.

SILVA E SILVA, Fernando. *Homem, linguagem e sociedade: notas para antropologia semântica*. Porto Alegre: trabalho de conclusão de curso de graduação em letras, 2012a. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000877160&loc=2013&l=6d1791fc88688972>. Consultado em: 07/11/2014.

\_\_\_\_\_. Benveniste e Baudelaire: linguística e poesia. IN: *Non plus*, ano 1, n° 2. 2012b, p. 49-60.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

STAROBINSKI, Jean. *Les mots sous les mots: les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris: Gallimard, 1971.

STENGERS, Isabelle. *Power and invention: situating science*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

STRATHERN, Marilyn. *Partial connections*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 1991.

SUNGDO, Kim. Le mythologue Saussure est-il encore Saussure? Essai d'interprétation sur la mythologie saussurienne. IN: *Linx*, n° 22, 1990, p. 129-14.

\_\_\_\_\_. Benveniste et le paradigme de l'énonciation. IN: *Linx*. 1997. Disponible em: <http://linx.revues.org/1051>. Consultado em: 23/11/2014.

TODOROV, Tzvetan. Problèmes de l'énonciation. IN: *Langages*, vol. 5, n° 17, 1970, p. 3-11.

TOUTAIN, Anne-Gaëlle. "*Montrer au linguiste ce qu'il fait*". Une analyse épistémologique du structuralisme européen (Hjelmslev, Jakobson, Martinet, Benveniste) dans sa filiation saussurienne. Paris: tese de doutorado, 2012.

TROUBETZKOY, Nikolai. *Correspondance avec Roman Jakobson et autres écrits*. Lausanne: Payot, 2006.

VALLINI, Cristina. *Studi Saussuriani*. Napoles: Università degli studi di Napoli "L'Orientale", 2013.

VERLEYEN, Stijn. La phonologie diachronique de Martinet et ses sources pragoises. IN: *Les dossiers de HEL*, n°3. Paris: SHESL, 2013. Disponible em: <http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/verley.pdf>. Consultado em: 9/11/2014.

VIEL, Michel. *La notion de « marque » chez Trubetzkoy et Jakobson*. Un épisode de l'histoire de la pensée structurale. Lille: Atelier national de reproduction des thèses, Université Lille III, 1984.

ZENKINE, Serge. L'esthétique du mythe et la dialectique du signe chez Roland Barthes. IN: *Littérature*, n° 108, 1997, p. 102-124.

ZILBERBERG, Claude. Une continuité incertaine: Saussure, Hjelmslev, Greimas. IN: ZINNA, A. (org.), *Hjelmslev aujourd'hui*. Turnhout: Brepols, 1997, p. 165-192.